



2
66769

PEQUENO
TESOURO

As Sombras
Senhora da Noite
Marãmus

Companhia de Livros

Teixeira de Pascoaes

As Sombras
Senhora da Noite
Marânus



Círculo de Leitores

2
66779

340469 *27.VII 73

As Sombras
de Senhora da Noite
Martins

Introdução de Fernando Luso Soares
Revisão de Orlando Neves

Círculo de Leitores, Lda.

Composto em Garamond 10
por Sociedade Industrial Gráfica
Telles da Silva, Lda.
Impresso e encadernado por
Printer Portuguesa

Março de 1973

Edição integral
licença editorial para o
Círculo de Leitores
por cortesia de Livraria Bertrand, S.A.R.L.
É proibida a venda
a quem não pertença
ao Círculo

BREVE NOTA SOBRE «MARÂNUS»
E TEIXEIRA DE PASCOAES

Há, evidentemente, várias maneiras de se situar um autor. Quanto a Teixeira de Pascoaes poderíamos fazê-lo em termos relativamente mais profundos. Assim, por exemplo, assinalando o decurso de um itinerário individual-cultural-pessoal.

Primeiro, na origem, a infância e a formação de uma alma ingénua (tema que já abordei a propósito de «Obras Completas de Teixeira de Pascoaes — introdução e aparato crítico de Jacinto do Prado Coelho», em texto publicado há anos no n.º 4 da 1.ª série da revista «Cronos»). Depois, no quadro de Coimbra, o meio cultural, o estudo do direito, as causas do artifício. Seguidamente o Amor, a força natural, reagindo contra as capas do fingimento e as simulações sociais daquele mesmo artifício. Logo após o complexo da poesia e da metafísica, num dinamismo espiritualizante que vai completar a Criação. Ainda o sentido nacional, definido pelo saudiosismo — linha situada quando Pascoaes era dirigente de «A Águia», entre 1912 e 1917, e que ocasionou, mercê da sua irracionalidade, a separação de António Sérgio e Raul Proença. Mais ainda o sentido humano, igualmente arrancado dessa «lusitana filosofia» da sua dade, a qual, de D. Duarte a Garrett, gozaria exclusivos foros de portuguesa. E por fim, a estética da poesia e da prosa, desde um culto pelo vivo, pelo espontâneo, até à luta pela expressão clássica — aquela que resultava, segundo Pascoaes, no «verso escultural».

Teixeira de Pascoaes — Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcelos, de seu nome civil — deixou obra muito volumosa. Estendeu-se ela desde 1895, com *Embriões*, até ao ano da morte do poeta, em 1952, com a colectânea *Últimos Versos*, pelo próprio preparada poucos meses antes de falecer, e já de publicação póstuma, em 1953.

Este escritor, dos mais notáveis poetas portugueses, caracteriza-se de modo geral por um intenso subjectivismo, pelo idealismo (crítico) transportado ao maior zénite. E por um neo-romantismo filiado em Garrett. Em *António Nobre*. E no *Guerra Junqueiro de Os Simples ou de Orações*.

Corolariamente, e também de um modo geral, rejeita Pascoaes os ingredientes cosmopolitas de alguns «modernos»: Cesário Verde, Eugénio de Castro, Camilo Pessanha. Mas a verdade é que ele é um poeta (e assim um doutrinador, um ficcionista, um memorialista) muito difícil de definir. E já se observou (bem) que é esta uma dificuldade semelhante à que os estudiosos sentem quando procuram definir o neo-garrettismo: tal como os neo-garrettianos, quer Pascoaes na sua individualidade, quer os saudosistas no seu balanço comum, não têm quaisquer possibilidades de identificar, do ponto de vista objectivo, as suas ideias, isto na exacta medida em que o saudosismo não passa de ser — como também já foi dito — uma simples (ou complicada?) explosão sentimental.

Formado em Direito, advogado durante cerca de uma década, portanto em riscos de ser viciado pelo formalismo que na maior parte dos casos esteriliza as almas, defendeu-se Teixeira de Pascoaes com uma espécie de

recolhimento naturalizante. Viveu ele grande parte dos seus anos no Solar de Pascoaes, perto de Amarante. Enquadrado na paisagem duriense-transmontana, aí se interrogou em contacto com a Natureza.

Deste modo se justifica o seu conceito de Poesia. Um meio, um processo natural, para o regresso à ingenuidade e à inocência (isto é: à verdade real). E a este propósito ocorre recordar o cerne do seu poema Regresso ao Paraíso, de 1912 — o qual, com Marânus, forma o dueto mais caracterizante da filosofia e das inquietações do poeta. Em Regresso ao Paraíso encontramos, com efeito (a par do duelo Deus-Satanás), a renovação revivificante, a substituição, enfim, de um Deus por outro: o regresso a um Deus-Infante, ou por outras palavras (que o mesmo significam) a um Deus-Inocente.

Referenciando grandes figuras, umas pelas outras, diremos que Pascoaes se situa num pólo oposto ao de Fernando Pessoa. Pessoa desbravou, na nossa Literatura, caminhos estéticos à margem do Romantismo. Relativamente a estes dois grandes poetas, apesar de ser possível surpreender neles um pensamento cujas convergências (profundas) ainda não gozaram a sombra acolhedora de estudo mínimo (que fosse), o que em Fernando Pessoa é lucidez e premeditação, em Pascoaes mostra-se «corpo de lembrança», reminiscência do passado, esperanças de superá-lo. Ele foi, no conhecido dizer do padre Manuel Antunes, o «único romântico completo» da literatura portuguesa. Emprestou a esta, na verdade, a feição mística, os meandros metafísicos — enfim, o que faltava para aproximar, caracteristicamente, o nosso romantismo do romantismo germânico.

Escritor múltiplo, tanto o vemos na poesia, como na reflexão e no ensaísmo doutrinário, como no memorialismo e na ficção. Seja, porém, como for, e em contradição de alguns versos seus (prosaicos pelo pendor), em regra a sua prosa tem a imagística e a musicalidade de uma certa poesia. Talvez até por isso, sendo Guerra Junqueiro o escritor que lhe está mais próximo, este parentesco entre ambos antes se defina pela inquietação religiosa e pela querela filosófica. Ou seja: de modo nenhum pela sátira do panfleto junqueiriano, a qual se situa nos antipodas dos requintes espiritualizantes de Pascoaes.

Marânus é o nome do poema agora em causa. À leitura ele se nos mostra ora em versos rimados, ora livres. É escrito em 1917, forma — como já se disse — o par mais elevado de Regresso ao Paraíso, texto que já foi qualificado de inspiração dantesca ou miltónica.

Falando-se da «nova poesia portuguesa» — dizia Fernando Pessoa enquanto referia o saudosismo de Pascoaes — observa-se que esta era absorvidamente metafísica: «Por isso não tem ela poetas de amor, ou poetas «sociais», ou outros assim, de género não-metafísico. Na nova poesia todo o amor é além-amor, como toda a Natureza é além-Natureza.»

O Marão, decerto, foi a paisagem física relativamente à qual grande parte da vida de Pascoaes se fez diálogo com a Serra. Desde os mais tenros anos vai o Marão moldar-lhe o espírito. Mas, poeticamente, Marânus é muito mais do que essa paisagem só material do mundo. Na forma em que Teixeira de Pascoaes a concebia, ela revela-se-nos um fantástico resultado da Imaginação: «...melhor, da sua imaginação portentosa — notará o professor Jacinto do Prado Coelho no «Dicionário

de Literatura», 2.º volume, 1971, pág. 796 — cujo amplo fôlego se revelava em poemas como Marânus e Regresso ao Paraíso...»

A imaginação constituiu, efectivamente, o instrumento espiritual que Pascoaes considerava próprio para o desvendamento da realidade. É o mesmo que dizer: a imaginação leva ao êxtase e o êxtase abre trânsito para o supersensível imaginado. E como ele próprio escrevia na sua novela de 1940, O Empecido, «tudo isto acontece naquela região crepuscular em que transitamos da vigília para o sono, ou deste mundo para o além-mundo. E temos a sensação dos dois, num só instante: a sensação do real e a do fantástico, que os nossos nervos vibram ao contacto do não-existente e do existente».

Nesta economia idealista, Marânus é um ser humano de natureza instrumental. Ele constitui o veículo para um misticismo panteísta. Cego e visionário, ao mesmo tempo. Simultâneamente Poeta e Criador. Insuflador de um sopro vital em entidades de desenho simbólico, para logo se verter no diálogo com elas.

Assim com Eleonor. Assim com a Saudade. O Outono. Apolo. E assim também com Jesus, aquele que cometeu o erro de desprezar o corpo, mutilando o ser real, e que agora prefere, contritamente, figurar no remanso olímpico, ao lado de Apolo, como Deus da graça e da ternura. E assim ainda também com D. Quixote.

Marânus vagueia até aos cumes mais sugestivos da serra. Mas, consciente da sua valência bipolar — ele é «o Ser de olhar duplo» — consegue, por isso mesmo, um amor pleno para com os outros seres, abarcando numa só mirada as duas faces do real (a física e a espiritual) na sua profunda e complexa totalidade. Daí o

arrependimento que encontra em Jesus, por causa do erro cometido por este no seu unilateralismo antifísico. E, de tal modo, vai Marânus penetrando o mistério das almas e das coisas.

Pascoaes é um herdeiro do misticismo panteísta que se acentua na fase declinante da geração de 70. Antero de Quental, e a sua espiritualização gradual e sistemática do universo, vale também outro parentesco significativo. Em *Arte de Ser Português*, um dos livros do seu ensaísmo doutrinário lusitanista, ali lhe está presente o evolucionismo panteísta: «O Homem, em virtude do seu poder saudosista, de lembrança e esperança, eleva-se da própria miséria e contigência à contemplação do reino espiritual, onde as coisas e os seres divagam em perfeita imagem divina».

Daí — voltamos agora a Marânus — que se justifique, como afirmou o professor Prado Coelho, a lição do poema como a de um misticismo naturalista, fundado no evolucionismo já poeticamente assimilado por Junqueiro.

Em espiritualização gradual, as pedras «sobem» até ser árvores, as árvores até serem animais, e os animais escalonam-se ascendentes, cada vez mais acercados do Homem. E em tal grau se dá nele a transmigração humanizante da Natureza que, nos poemas mais do âmago, nos de lirismo mais verista, Pascoaes se esquece dos homens como seres individuais e particulares, reduzindo-os a partes integrantes de uma constelar conjuntura física, a personagem colectiva da sua obra poética: «As pessoas são nada e as coisas tudo» — ele o canta em *As Sombras*. E por tudo isto se compreende como Pas-

coes, considerando o Homem o ponto final da espiritualização gradual do universo ou, por outras palavras, da humanização da Natureza, o veja simultaneamente como o «alfa» e o «ómega»: criatura e criador.

FERNANDO LUSO SOARES

AS SOMBRAS

AS SOMBRAS

Sombra, em tua folha cunhada,
Essa livre de brancas letreiradas,
Que vão subindo, brancas e esportivas,
Desse meu coração, profunda no-
ta, de estrelas de ovalão, chova virgens,
Ficando ovalada a cada estrela,
Surgindo, há-de contar-te a sua história,
De seus deturados sempre contínuos
E tu, que és um desejo para todos,
Um sonho em flor de terra, meu folhagem,
Quizes o que diz a grande obra,
No silêncio letargo das páginas,
Queve também meus versos, quando a noite,
Nasces de outras noites, vem afiar
Os seus olhos longínquos e maléficos
No luar que, dentro em ti, se vê luzir,
Sabendo que este livro é bem distante
Do coração dos homens e bem perto
De um reino sombrio e trágico
Mas, não, minha existência pessoal.

A UMA ÁRVORE
E A MINHA IRMÃ MARIA

Recebe, em tuas folhas outonais,
Este livro de brumas lacrimosas,
Que vão subindo, brancas e espectrais,
Deste meu coração, profundo rio.
E de estrelas de orvalho, choro virgem,
Ficarás constelada; e cada estrela,
Sorrindo, há-de contar-te a sua origem,
Os seus doirados tempos matutinos.
E tu, que és um desejo com raízes,
Um sonho em flor da terra, com folhagens,
Ouvirás o que diz a estrela clara,
No silêncio falante das paisagens.
Ouve também meus versos, quando a noite,
Nascida de ermos montes, vem abrir
Os teus olhos longínquos e embebidos
Na luz que, dentro em ti, se vê luzir.
Saberás que este livro é bem distante
Do coração dos homens, e bem perto
De tua negra sombra irradiante;
Mansa, inerte penumbra vegetal,

Descendente da sombra dos rochedos
E mãe da sombra vã que derramamos;
E nela estás, presente e verdadeira,
Como em teu rude tronco e brandos ramos.
Saberás que este livro é teu irmão
E do húmus onde sugas fortaleza
E da névoa onde mamas, com delícia,
Viço, frescura, idílica pureza;
E do grande silêncio que, em teus lábios,
É remota e quimérica elegia
De rumores confusos — e da noite
Que, em teus olhos de bruma, é luz do dia!

E tu és, para uma árvore, minha irmã,
O que ela é para a terra. Quando choras,
Vejo fulgir o orvalho da manhã,
Em delicadas pétalas de neve.
E o que, num ramo, é trémula avezinha,
Na tua face, é riso, tão disperso
E tão vago, que apenas se adivinha
A penumbra que o riso, em nós, projecta.
E a folhagem alada que se eleva,
Numa oração, à viva luz sensível,
Em ti, é poética emoção divina,
Ante o Incorpóreo, o Espírito, o Invisível.

És o sonho infinito, a voz, o voo,
Das árvores: o mundo que além delas
Existe, como Deus além de ti;
E, como além das últimas estrelas,

Dos cometas e brancas nebulosas
(Luz sonâmbula, esparsa; luz dormente),
A sombra originária, concentrada
E irradiando a Vida eternamente!

E, por isso, recebe estes meus versos
Nocturnos, porque, às vezes, neles passa,
Como o fantasma universal de Deus.
Que o teu fraterno amor e a tua graça
Os toque, de maneira que eles sejam
Quais alvejantes névoas madrugantes
Que, subindo do rio, se iluminam,
Naqueles negros píncaros distantes...

VENTO DO ESPÍRITO

Senti passar um vento misterioso,
Num torvelinho cósmico e profundo.
E me levou nos braços; e ansioso
Eu fui; e vi o Espírito do Mundo.

Todas cousas ermas, que irradiam
Como um nocturno olhar inconsciente,
Luz de lágrima extinta, não sentiam
A trágica rajada, que somente

Meu coração crispava! Ó vento aéreo!
Vento de Exaltação e Profecia!
Vento que sopra, em ondas de mistério
E tanto me perturba e me extasia!

Estranho vento, em fúria, sem tocar
Na mais tenrinha flor! E assim agita
Todo o meu ser, em chamas, a exalar
Luz de Deus, luz de amor, luz infinita!

Vento que só encontras resistência,
Numa invisível sombra... Um arvoredor,
Ou bruta pedra, é como vaga essência;
E, para ti, eu sou como um penedo.

E na minha alma aflita, ó doido vento,
Bates, de noite; e um burburinho forte
A envolve, arrasta e leva, num momento;
E vai de vida em vida e morte em morte.

Vento que me levou, nem sei por onde,
Mas sei que fui; e, ao pé de mim, bem perto,
Vi, face a face, a névoa a arder que esconde
O fantasma de Deus, sobre o deserto!

E vi também a luz indefinida
Que, nas trevas, se fez, esclarecendo
Meu coração, que voa, além da vida,
O seu peso de lágrimas perdendo.

E aquele grande vento transtornou
Minha existência calma; e dor antiga
Meu rude e frágil corpo trespassou,
Como a chuva nos andrajos de mendiga.

E fui num grande vento; e fui; e vi:
Vi a sombra de Deus. E, alvoroçado,
Deitei-me àquela sombra, e, em mim, senti
A terra em flor e o céu todo estrelado.

A SOMBRA DO PASSADO

Eis-me, graças à Vida, uma vez mais,
Na santa solidão da minha aldeia,
À sombra destas árvores outonais,
Minhas irmãs em Deus...

Velhinhas árvores,
Desgrenhadas, ao vento da loucura;
E extáticas de mágoa, em noite branca,
Ao hálito da lua que murmura.
E, em madrugada de oiro, as surpreende,
De joelhos, rezando aos passarinhos:
Almas de luz cantando, na amplidão,
Aladas divindades, que as florestas
Vêem através de pálida emoção...

Ó árvores da minha soledade!
Tenho pena de vós, porque sois feitas
Da minha escura vã fragilidade,
Do mesmo barro túmido de lágrimas,
Da mesma dor, miséria e negra morte;
Da mesma poeira e cinza, que eu derramo

E que, um dia, uma estrela, ao apagar-se,
Por acaso, deixou...

Como eu vos amo,
Ó árvores velhinhas, que sofreis
Essa ironia em flor da Primavera,
Ígneos sorrisos vivos e cruéis
Que vos mordem a pele enegrecida!

E estendeis, como as Santas, o avental,
A transbordar de frutos e de flores,
Aos ermos pobrezinhos deste val'
Onde habitam a fome e o desespero.

Sou como vós, ó árvores! A sonhar,
Desço aos seios da Noite, a ver se encontro
Algun veio de luz, onde matar
Esta sede infinita em que me abraso!
Também vós procurais, com as raízes,
Nas entranhas dos campos, a água virgem...
E tanto se abre a terra aos vossos beijos,
Que ela vos mostra a sua antiga origem,
A antiga sombra mãe, que a concebera,
E se infiltra nos caules e ramagens...
E fluídica e triste deles cai,
Numa chuva espectral, sobre as paisagens.

Ai, tendes fome e sedes! Assim eu
Tenho sede de luz. Vosso perfume,
Por mais leve e subtil, inunda o céu:
Assim meu coração, que se dispersa
Em perfume de amor; assim meus olhos
Se dilatam em lágrima auroreal,

Em lágrima que invade a Criação,
Como o antigo Dilúvio universal!
De maneira que toda a Natureza
Reflecte no Infinito a minha dor,
Minha alegria e pálida tristeza.
E Deus sabe, portanto, que eu existo;
Que tenho, em meu Parnaso, a minha cruz:
Eu — o homem e o poeta; a negra sombra
Feita de toda a sombra; a clara luz
Feita de toda a luz; — o corpo frágil,
Onde é piedade a merencória lua,
E o mundo é treva e lívida agonia!
— Alma eterna, onde são todas as almas
Exaltação, Visão e Profecia!

Eis-me, outra vez, na terra onde nasci;
Sagrada e tosca terra primitiva,
Boa terra fecunda, que eu bem sinto
Formar meu corpo, minha carne viva!
E cobre, igual ao barro duma estátua,
Meus ossos que são feitos de saudades...
E, se nos campos desabrocha em flores,
Em mim, se altera em doidas ansiedades!
Boa terra sensível que, à tardinha,
Como nós, entristece... e fica a ouvir
A voz da escuridão... mas, ao tocar-lhe
Um soluço de fonte, é lírio a abrir.

Mãe de almas e fantasmas... Terra Santa;
Terra de outono e místicas donzelas,
Onde eu, árvore humana, criei raízes
E ramagens que abraçam as estrelas...

Ó meu húmus genésico e fecundo!
Minha terra de Origem e Princípio!
Ó terra ébria de sombra! Ô novo mundo,
Com estranhos relâmpagos febris
Que lampejam e morrem, num instante,
Permitindo-nos ver, por entre nuvens,
Seu íntimo perfil, ainda hesitante,
Moldado ainda em fumos e penumbras...
Vaga e fluídica terra, assemelhando
O mármore invisível, onde nós,
Sofrendo, meditando e trabalhando,
Esculpimos tristezas e delírios...

Olhai a minha fonte, mais sequinha
Do que uma flor, no outono! Que *nordeste*
Gelado te queimou! Que dor a tua?
Porque foi que secaste e assim perdeste
A alegria da água? Porque foi?
Ah, quando o luar romântico, em segredo,
Te apertava nos braços... e fugia
Do silêncio da noite que faz medo
Para o teu verde coração divino,
Logo em nuvens subias... e eras sonho,
E lágrimas depois, e pequenino
Astro que luz infinda radiava!

Mas chamava-te Deus! E bem se via
Que por um fiozinho d'água apenas
Estavas presa ao mundo!

Ó companhia
Sagrada duma fonte, quão depressa

Te desfizeste, sim!

Num dia triste,
Bateste as asas, nunca mais voltaste!
E nunca mais te ouvi cantar, ao sol,
Ao belo sol de Abril que tanto amaste!
E nunca mais te ouvi, quando a penumbra,
No líquido horizonte da tua boca,
Anoitecia aquela voz molhada
De choro, que os espíritos invoca
E em brumas se percute, no Infinito...
E nunca mais te ouvi cantar, na treva,
Quando o silêncio e as sombras outonais
E a névoa (mãe sublime que se eleva,
Amamentando os vales e os outeiros)
Davam um tom anímico e profundo
Aos teus claros murmúrios, que se erguiam
Das entranhas da terra ou d'além-mundo!

E tuas águas pálidas lembravam,
Na marmórea frieza do luar,
O corpo duma Ninfa, que morrera,
Como uma freira mística, a rezar...

Com que ternura a tua voz, à noite,
Se casava ao silêncio! Nem sequer,
De mansinho, o acordava daquele êxtase
Doirado, à etérea luz do amanhecer...

Ele, que desfalece, de repente,
No mais leve ruído... se te ouvia,
Não despertava, não, e mais dormente,
Extático e inefável se tornava!

E nunca mais te ouvi! Mas tenho ainda
A tua voz de outrora em meus ouvidos!
E a tua água velhinha, em frias lágrimas,
Aljofra, ao luar, meus lábios ressequidos
E a terra dos meus sonhos enverdece.

Ó fonte das estrelas, onde vai
A minha alma beber, para cantar
Sombra que nasce e corpo que se esvai!
E bebe! E gosta assim de saciar-se,
Nessa fonte invisível, mais quimérica
Do que a imagem da tarde a concentrar-se
Nos recantos escuros e cismáticos...
E, ébria, entontecida de crepúsculo
E possessa do Espírito Sombrio,
Ei-la a cantar a Luz sombriamente,
E lembra branca névoa em negro rio.

E vejo, por encanto, os que eu amei
E partiram da vida...

Ei-los que surgem
Da bruma em que, sozinho, me afundei.
E falam-me dos longes macerados,
Da cerração nocturna, onde se abrumam
Todos os vultos mortos e desfeitos,
E as minhas tristes lágrimas se esfumam
Em nuvenzinhas pálidas e roxas.
Falam-me, como os ventos, agitando
As sombras do Remoto, onde murmura
A fonte do meu ser que foi chorando
Até formar a onda que hoje sou.

Ainda te ouço latir, meu velho Nilo!
A tua voz ainda comove e abala
Todo esse fundo abismo do Passado!
E, lívido perfume que se exala,
Alcança meus ouvidos e os inunda
De terra, cinza e poeira de harmonia;
Cinza, poeira fértil e fecunda
Que levanta, no andar, minha saudade!

Era já noite. Os ventos clamoravam,
E ladravas, lá fora. A quê? Mistério...
As Sombras invisíveis que passavam
E a vozes e ruídos que só tu
Eras capaz de ouvir!

Ó cão lunático!

Ó Bruxo, que latias ao luar...
E o luar se infiltrava na tua alma;
E, dentro em ti, se punha a uivar, a uivar!
E, num deslumbramento interior,
Tu latias... falavas aos espíritos,
Que dançavam, na sombra, em derredor
De teus olhos medrosos e espantados...
Espíritos, que o sol envolve em formas
Terrenas, materiais; e a noite escura,
A noite sibilina, a noite mágica,
Os liberta, descarna e transfigura.
E, ébrio d'almas, latias... e falavas...
(Erravam, no ar, Demónios, Burburinhos...)
E latias, confusa e vagamente,
Como falam os Bruxos e Adivinhos.

E no silêncio abriam teus latidos
Largas fendas de som que se fechavam,
Sepultando murmúrios e ruídos
E rumores e vozes e sussurros...

Na minha clara idade (acaso dela
Te lembras?) eras velho... Hoje, decerto,
Como a *Cabra Amalteia*, és uma estrela
E é luz astral o gesto da tua cauda...

E hás-de ladrar no céu e arremeter,
Em ímpetos de fúria heróica e brava,
Contra o *Dragão*, que ameaça, furibundo,
Hércules manejando a enorme *Clava!*
E hás-de ladrar ao *Taurus* que, brilhando,
Pela campina etérea, corre e salta
E muge e escarva o chão, alevantando
A poeira que forma a *Via-Láctea!*
E tu, meu pobre amigo, que às golfadas,
Deste teu sangue e suor à nossa quinta,
E tão cedo morreste! Em magoadas
Horas cinzentas de luar e névoa,
Há tristes viandantes, que te encontram,
Como tu foste em vida pobrezinha...
E, arrepiados dum pânico instintivo,
Ainda te ouvem cavar a nossa vinha!
E um burburinho alígero perpassa,
No céu confuso e pálido... Agoirenta

Coruja bate as asas e esvoaça;
As folhas mortas tombam das ramagens...
E os descarnados troncos, erigidos
No silêncio nocturno que flutua,
Recolhem-se, de medo, ao negro seio
Da sombra, que, a seus pés, desenha a lua.

Fantasma, vaga imagem, forma aérea,
Como é que esses teus braços espectrais
Podem suster a enxada, que é matéria
E peso bruto e lágrimas de dor?
Teus braços de ilusão e de aparência
Hão-de vergar, ceder... Assim outrora,
Por pouco Eneias afundou a barca,
Que sulca o rio lívido que chora.
Mas tens presença ainda... E quem me dera
Ver o laço, terrível e fecundo,
Que prende o ser humano à morte escura,
E os fantasmas à terra deste mundo
E às penumbras do outono e à luz florida
Da lua, que branqueia os ermos túmulos;
Única luz que evoca a chama à vida
Todas as sombras pálidas da noite.

E vejo a minha Avó, atarefada,
Desde o corar do dia. Vejo-a, à tarde,
Ante uma cruz de Cristo, ajoelhada,
Pedindo a Deus por nós... E vejo-a sempre,
No *terreiro pequeno*, junto à fonte.

Vejo-a no lar, à mesa e no jardim;
Na antiga *preguiçeira*, a fiar na roca,
E os seus olhos de Santa sobre mim...
E vejo-a em alma eterna, como dantes
A vi em frágil corpo. Ainda hoje escuto
A sua voz de prece e de luar...
Vejo-lhe as mãos rugosas, como um fruto,
Já perfeito e maduro, há muito tempo,
Para a mesa sagrada do Senhor...
Vejo o seu ar de graça e beatitude
Já fora deste mundo e deste amor!

Ó ar divino! Ó graça redentora!
Luz que tudo doirava! Ó ar de graça,
Cada vez mais perfeito e mais na aurora,
Conforme te afundavas no crepúsculo!

Vejo-te ainda, roxa como um lírio,
E deitada nas tábuas do caixão...
E no teu rosto lívido pairava
Teu riso, luz de espírito e oração...
Ai, se eu pudesse traduzir em verso
Esse riso, essa luz, essa harmonia?
Ai, se eu pudesse condensar em mármore
Essa onda misteriosa que afluía
Aos teus lábios e em riso se espalhava?
Se em êxtase de pedra o eternizasse?
E, em animada forma sempiterna
De sempiterna estátua, ele ficasse?

Ai das claras imagens amorosas
Que tocarem meus olhos! Sinto-as logo
Em figuras de mármore convertidas
Com entranhas de lágrimas e fogo!
Ai do saudoso olhar que me deslumbra
E aos seus olhos baixou! Jamais, jamais,
Encontrará descanso de penumbra
Ou nocturno sossego adormecido...

E um anjo, para os outros invisível,
Meditou, mesmo ao pé do teu cadáver,
Numa expressão de mágoa indefinível,
Toda essa longa noite de soluços!

Ó lábios frios, que eu beijei, chorando!
Frio que, em mim, ficou! Dentro de mim!
E vejo o teu sorriso, alumando
Paisagens mortas, lúgubres distâncias...

E descubro a montanha, que se eleva,
Num ímpeto de saibro e fragaredos...
Mas, nos grandes invernos, quando neva,
Parece concentrar-se em oração...
E há rochedos submersos em alvuras...
Claras fontes de gelo, empedernidas,
Como as fontes das brancas esculturas,
Que deitam ondas pálidas de mármore.

Ó serra das divinas madrugadas,
Das estrelas, das nuvens e do vento
E as águias enormes, chamuscadas
Do sol e dos relâmpagos vermelhos!

Ó trágico Marão! Ó serra esfíngica,
De muda e dolorosa face humana,
Com a cauda ondeante sobre o Minho
E as garras sobre a terra transmontana!

E vejo, sim, num lusco-fusco anímico
(Névoa toldando o claro azul do céu),
Os velhos castanheiros, que tombaram,
Num estrondo que tudo estremeceu!
E o pó, daquele abalo, estremunhado,
Fugiu, voando! E assim as avezinhas,
Ante essa queda horrível que deixou
Em sobressalto as árvores vizinhas!

Ó antigos e mortos castanheiros,
Ainda vos vejo em formas espectrais...
Souto de sombra e tristes nevoeiros,
Que surges, ao luar, e rumorejas...
São árvores pairando, etereamente,
Abrindo os largos ramos, com folhagem;
Ermos fantasmas vegetais, que ainda
Encheis de negros vultos a paisagem...
Troncos de névoa, ao zéfiro ondulando,
Que me dão fruto e flor e reverdecem
E penetram o chão, nele sugando
Águas de sombra e seivas de crepúsculo.
Ó ramagens fantásticas, que um vento
De mistério perturba! Ó folhas secas,
Nódoas de oiro, no escuro Firmamento,
Espíritos da noite e luzes tristes...

Ó floresta espectral, confusa e densa!
Ó floresta espectral, irmã das trevas,
Nasces dum fumo vão que se condensa
Em ilusórios corpos de penumbra...

Aparências ocultas que revestem
As almas do Outro-Mundo, à luz funérea
Da lua branca e fria, quando sobem
À superfície inerte da Matéria...
Nasces de íntima névoa amanhecendo...
Rumorejas e ondulas... e, qual asa,
Elevas-te, no ar, confusamente,
E sombras de avezinhas esvoaçam.
E os teus ramos, que um triste luar alaga,
Alcançam as estrelas, onde bebem
Essa luz que, de tão longínqua e vaga,
É já uma luz morta d'além-mundo...

Ó velhas criaturas bem amadas,
Sepultadas na eterna escuridão,
Vinde a mim! Vinde a mim! Nunca deixeis
De povoar a minha solidão!
Comigo divagai, por estes campos,
Onde, ao menos, eu sinto, meus avós,
Esta alegria imensa de me ver
Quase fantasma e sombra como vós!

Eis-me, outra vez, aqui, na minha aldeia,
Que já me trouxe ao colo e me cantou,
Para eu adormecer, altas canções,
Que nem o próprio tempo dissipou...
Eram vozes de luz, gorjeios de ave,

Brandos murmúrios de água e de folhagem
E rumores, distantes, que toldavam
De etéreos sons brumosos a Paisagem
Todo este céu quimérico, impalpável,
Onde todas as formas vão gravar-se
Ou sejam de visão ou de rochedo
Ou duma branca névoa, a iluminar-se...
Tu foste a minha arma; e quanta vez,
Nos teus peitos de terra, ao vento agreste,
Mamei com fome o leite que me fez
Poeta e irmão das águas e das pedras.
Quanto te devo a ti, e às tuas árvores!
E ao sol que te fecunda e aos cordeirinhos
Que pastam, pela encosta dos outeiros,
E trepam pelas bordas dos caminhos...
E andam, em altos sítios escabrosos,
Por íngremes penedos e ravinas,
Olhando, com seus olhos religiosos,
Coisas que apenas vemos em espírito...
E que tristeza os toma e infinda dor,
Melancolia ideal, crepuscular,
À tarde, quando a estrela do pastar
Surge, trazendo a noite e os seus mistérios...

Minha velhinha casa, entre o arvoredado,
Que o nevoeiro esbate em formas vagas,
Rectas de bruma e curvas de segredo
E diluídos ângulos de sombra...

Minha velhinha casa abandonada
E triste, quando o sol lhe diz adeus!
E, na ascensão da lua aureolada,
Fantástica se torna e transfigura,

E me contempla e fala...

Misteriosa

Casa, onde tu, ó sombra minha, esvoaças!
E entremostrando vais teu esqueleto
De pedra e teus postigos sem vidraças...
Negros, fundos buracos, que parecem
Esse olhar das caveiras, insondável
E sempre fixo, em nós, com a insistência
Da quietação, da inércia imperturbável...
Velhinha casa! Ó portas oscilando,
Desconjuntadas já das mãos do vento,
E amolecidas do contacto brando
Dos longos dedos húmidos da chuva.
Tristes ruínas que a Volúpia faz!
A volúpia do Tempo sensual
Que tudo abraça e beija e tudo funde,
Em seu peito quimérico e espectral...
Para que tudo, em novo sentimento,
Em novo amor, mais alto e mais profundo,
Em alegria nova e nova dor,
Possa ressuscitar, em outro mundo!
E em teus pátios, voltados ao nascente,
Doces musgos e as ásperas ortigas,
Num ímpeto de vida inconsciente,
Nascem da tosca pedra, que, apesar
De ter sido cortada e trabalhada
Pelo ferro, que a morde e esteriliza
E a deixa, tanta vez, incendiada,
Dentro dela, conserva, para sempre,
Puras e frescas seivas virginais,
Que o sol comove e aquece, até que afloram
Em brandas, tenras hastes vegetais:

Almas de aroma e corpos de verdura...
E são a mesma pedra enternecida,
Vergando sob as asas duma abelha...
E um zumbido a perturbar... e, enlouquecida,
Treme, se lhe tocar um vago sopro!

Ó minha santa casa, entre o arvoredor!
Ó lágrima com salas e janelas
E escadas, onde eu ouço, por encanto,
Os passos da Saudade, que às estrelas
E às brancas Nebulosas se dirigem,
Dando à lua mais lívido palor,
E mais água translúcida e perfeita
Aos meus olhos e às nuvens do Senhor.

Minha velhinha casa, com varandas,
Que a noite desfalece e o sol aviva,
Onde, à tarde, tão alva, se debruça
Minha tristeza ideal, contemplativa...
Esta tristeza, que é meu próprio espírito
Irradiando de mim e penetrando
De sentimento humano o céu e a terra;
Amor que tudo vai anuviando...

Meu perturbado lar, nos frios meses,
Quando o vento acordava as tuas cinzas,
Como um perfil, um gesto, muitas vezes,
Uma velha saudade acorda, em nós...
Quando a chuva batia, na vidraça,
Como nos nossos olhos nossas lágrimas
Que tombam de erma nuvem, que esvoaça
Através a amplidão do nosso ser.

E minha Avó rezava e mais vento,
De brancas mãos ascéticas erguidas,
Como o fogo que ardia; e de cinzento
Cabelo, como o fumo; e como um lar,
Em volta, derramava tal carinho,
Uma tal simpatia e luz e graça,
Que nós todos rezávamos, baixinho,
Sem saber, alheados e cismáticos...

E uma chuva miúda, sob o peso
Que faz cair as lágrimas, caía...
E ouvia-se gritar e sonhar alto
O vento... e, louco, praguejava e rial!
E voavam mochos fúnebres, carpindo
Tragédias; e no negro do silêncio
E na face das sombras, espargindo
Álgida e triste palidez de lua...

E todos nós, em roda da fogueira,
Tão pertinho do céu, longe do mundo,
Sob bençãos e luz, assim ficávamos
Num vago, aéreo meditar profundo...

Ó minha antiga casa, certa noite,
Bati à tua porta; mas em vão!
Estavas triste e só! Bati, bati,
Como bate, em meu peito, o coração!
E sinistras pancadas, de repente,
Ecoaram, em tuas salas, inundadas
De sombra e de silêncio! E novamente
Bati, bati, bati! Ninguém falou!
E eu olhei para mim. Vi-me, sozinho,

Naquela noite morta, sem estrelas.
E era um rosto confuso minha casa,
Com seus traços de portas e janelas...
E formas alvejanter, misteriosas,
Pairavam na penumbra e murmuravam...
Cá fora, o luar chovia sobre as coisas
Concentradas num êxtase infinito!
E as sombras do arvoredos eram tão nítidas
E negras, sobre a terra, a congelar
Em tão intensa e fria palidez,
Que as pedras se sentiam desmaiar!
E olhei o céu azul; e vi, absorto,
Além, a branca lua merencória,
Assemelhando um sol... um sol já morto
Que nas trevas, surgiu, como uma fantasma...
E de novo bati, chamei, chamei.
E as pancadas sinistras abalaram
As sombras e o silêncio que, lá dentro,
Em súbita desordem, acordaram!
Vi sombras que fugiam, num convulso,
Torvo delírio de asas! E o silêncio
Passou por mim, fugindo... e no meu pulso,
Houve incêndios e gélidos desmaios!
E as sombras e o silêncio se perderam
E o lívido luar... E os altos céus,
E tudo se afundou num mar de névoas,
E, face a face, me encontrei com Deus!

Ó minha antiga casa, pelo inverno,
Se o vento geme, à noite, nos beirais
E a chuva nas vidraças, que estremecem,
Quantas mágoas, suspiros, frios ais,

Percorrem o ar escuro do meu quarto,
Como espectros de sons lamuriosos...
E se debruçam, pálidos, gelados,
Nos meus fundos ouvidos ansiosos...
E descem brandamente... vão descendo
(Fantásticas imagens a falar!)
Sobre o meu coração, que se perturba
E, alvoroçado e doido, quer cantar!

Que intimidade entre ele existirá
É tudo o que de esfíngico e soturno
Paira nas cousas lúgubres, onde há
Vozes que ele imagina compreender...
Pois entre a minha vida e as outras vidas
Vejo perpétua sombra, que me torna
Todas as formas vagas, diluídas,
Em distâncias de morte, cinza e bruma...

Uma árvore é um fantasma! O lírio aberto
Um fumo a erguer-se em haste... a própria rocha,
Por mais tosca e real, vista de perto,
É nuvem ilusória. E nós que somos?
Nosso perfil é névoa de ternura
Que se esvai, de repente! O nosso amor,
O que tem de mais belo a criatura,
É miséria e fatal imperfeição!

Ah, cada ser ou cousa é sombra vaga,
Ondulando nos tempos e no espaço...
Um esboço de vida que se apaga,
Mal se acende; uma voz, um grito, um gesto...
O sol é efémera expressão de riso;

A treva um fechar d'olhos, instantâneo...
E um sentimento incerto, ainda indeciso
Da alma universal, a alma humana.
O dia é noite ainda, e o nosso espírito
Um brando lusco-fusco amanhecendo...
E o mundo negro caos, matéria informe,
E o próprio Deus é ainda adolescente...

A SOMBRA DO TÂMEGA

Minha santa janela, onde eu medito
E digo adeus ao sol e falo ao vento...
E saúdo a aurora e leio no Infinito
E sinto, às vezes, um deslumbramento!

Vejo, de ti, a Serra e aquele val',
Onde aparece a imagem indecisa
Dum rio de águas mortas, espectral,
Que, entre sombrias árvores, desliza.

E vejo erguer-se o rio cristalino,
Transfigurado em sonho ou nevoeiro...
E faz-se eterno espírito divino
Aquele corpo de água prisioneiro.

Ó láctea emanção! Ó névoa densa!
Ó água aberta em asa! Ó água escura!
Água dos fundos pegos, no ar, suspensa,
Vestida, como um Anjo, de brancura!

Água gélida e negra, que te elevas,
Qual fantasma, no Azul, que desfalece!
O claro e heróico sol, que vence as trevas,
Porque será que, ao ver-te, empalidece?

Ó água d'além túmulo! Água morta!
Ó água do Outro Mundo! Aparições
De neblina, entre as trevas... Absorta
Paisagem povoada de visões...

E enchendo todo o espaço de esplendores,
De desmaios, de síncope e mágoas,
Diluindo tudo em místicos alvares,
Ergue-se a sombra lívida das águas...

Quantas vezes, de ti, boa janela,
Eu lhe falo e a interrogo... E, com certeza,
A tua sombra, ó água, é irmã daquela
Que anda em meu coração, e é só tristeza...

Ei-la a pairar na humana solidão
Infinita da noite, quando as cousas
São quimérica e estranha emanção
De silêncios e névoas misteriosas...

Ei-la que paira, ouvindo a voz da lua,
E a voz louca do vento e as ansiedades
Das sombras, que, na terra branca e nua,
Parecem desenhar profundidades...

Ei-la a pairar nas trevas que em nós deixam.
Nas almas e nas pedras da lareira,
Os olhos lacrimosos que se fecham
E dão, em vez de luz, cinza e poeira...

Bem mais do que neste ar, que se respira,
Pairas na minha alma... E com teus dedos
De penumbra, arrebatas minha lira,
Ó Tâmega de sonhos e segredos!

E vais compondo versos de neblina
Às árvores do monte, à dura frágua...
Elegias de orvalho à luz divina,
Endeixas de remanso e cantos de água...

E sobes, a voar... E, num sombrio
Gesto de asa, percorres as Alturas!
E molhas minha frente, aéreo rio;
E, através dela, sonhas e murmuras...

Ó bendita janela, entre as janelas,
Onde fala comigo a luz do luar,
E a claridade viva das estrelas
Que traz, em sangue, os pés de tanto andar!

Bendita sejas tu, ó sempre aberta
Sobre o meu coração e estes outeiros,
E esta noite fantástica e coberta
De espectros, de visões e nevoeiros!

A QUEDA

Olha a chuva a cair! Ó fulminada,
Negra nuvem rebelde!
Ó nuvem pobrezinha e condenada
A cair, a cair!

Olha uma ave, que tomba e se desterra,
Para longe... Quem sabe
Se aquelas asas, através da terra,
Hão-de voar mais alto!

Olha aquele velhinho e pobre muro,
A esboroar-se quase...
E as pedras tristes choram seu futuro
De inevitável queda!

As fontes choram, sim, porque ser fonte
É cair sem descanso!
E cai de etérea névoa, no horizonte,
O orvalho das estrelas.

Velha mendiga, que se curva e pende,
Sob o peso do céu!
E pede auxílio à cova, que lhe estende
Os seus braços de terra.

Todo o corpo, ao cair, no espaço deixa
Um rasto de agonia!
Tudo o que tomba, é asa que se fecha,
Tudo o que cai, é lágrima...

A SOMBRA DO VENTO

É noite; ainda vem longe a madrugada...
Noite negra e sinistra, porque é funda,
Qual pego, de água lívida e parada,
Que nos causa terror...

Ó noite morta,
Ó cadáver de terra! Ó mãos de gelo,
Que pousais sobre o rosto ao viandante,
À luz, já d'além-céu, do sete-estrela,
Sete lágrimas frias do silêncio...

No meu quarto estou só; medito e cismo...
E cismo, em quê? Em névoas, claridades,
Penumbras, que se embebem, no meu ser,
Fumos de sobressaltos e saudades...
E um nevoeiro de vozes e rumores
Dilui-me num profundo esquecimento,
E sinto-me abismar, descer... e sonho...

Súbito, acordo. Quem me fala? O vento.

E tão depressa voa, que meus olhos
Mal o conseguem ver! Ó vento errante,
Para onde vais assim, nesse delírio,
Para que mundo ausente e céu distante?
Eu quisera saber para onde vais,
Quando passas, na sombra, a clamar...
E, de repente, apagas minha luz
E perturbas as cinzas do meu lar!

Nem olhas para mim! Não me conheces!
E lá partes! E nada te demoras,
Espírito febril, fantasma histérico,
Doido que, ao mesmo tempo, ris e choras!

Ó cavaleiro de perfil tão triste,
E de olhos lampejantes que trespassam
Os horizontes negros, onde existe
A estátua da Saudade em roxas nuvens...
E andas cheio do pó que os Rocinantes
Levantam, galopando! E desgrenhado
E revoltado tu levas o cabelo,
E de mortas folhagens empoado!

Ó cavaleiro, pálido e outonal,
Quantas vezes, em Maio, te desmontas
E te deitas, cansado, em lindo val',
À sombra das ramagens que enverdece...
Fechas serenamente as doces pálpebras...
E zumbidos e voos pairam, no ar...
Adormeces e sonhas... e mal se ouve
Teu pacífico e lento respirar...

E o perfume das flores bate as asas,
Sobre teu brando rosto adormecido;
Desce na sombra, eleva-se na luz,
Mais denso agora e logo diluído...
E as flores, na pureza da paisagem,
Exalam seus aromas matutinos;
E neles vão, em misteriosa imagem,
E mesmo em seus aspectos já corpóreos;
Pois cada aroma tem o mesmo talhe
Da flor que o gera e cria, em seu amor...
As mesmas brancas pétalas de neve,
O mesmo gesto vivo e viva cor.

A alma é um corpo em formas espectrais.
O perfume das rosas é uma rosa,
E o perfume dum lírio não é mais
Que um lírio alado, vago, quase espírito...
E assim a nossa alma, irradiação,
Perfume etéreo, ideal, da criatura,
Tem dela o mesmo talhe, o mesmo vulto,
A mesma escura ou lúcida figura.

Mas, de repente, ó cavaleiro, acordas!
E te vestes de flores (lindo enfeite!)
Roubadas — que pecado! —, antes do tempo,
A verdes seios túmidos de leite!
E montas a cavalo; e, numa fúria
E numa ardente febre sublimada,
Através de relâmpagos, que lembram
Esse heróico fulgir da tua espada,
Galopas! E as florestas se desolam!
Os torvos ares tremem! E das patas

Do teu cavalo, como pó, se evola
Sombrias, grossas nuvens de tormenta!
E galopas, galopas, doidamente!
Até que, enfim, te perdes na floresta
Da Noite que, à luz nova e alvorescente,
Seca, tomando um ar de outono e morte...

Ó vento, ó fogo aéreo em que me abraso!
A gritar nos pinhais, encapelados
De angústia e de terror, como se acaso
Tu quisesses, ó vento, arrebatá-los
À terra, que os criou e tem por eles
Grande carinho e fundo amor materno!
Nem sabes o que fazes, quando arrancas
Ou desfolhas as árvores, no inverno!
Nem sabes o que fazes! Quantas mágoas
Derramas na paisagem! Quantas cruces
Ergues, no negro espaço, onde agonizam
Martirizadas e sangrentas luzes!
Quantas lágrimas tristes e soturnas
Caem de tuas asas, que se agitam
Em ansiedades íncubas, nocturnas,
Num alvoroço enorme que recorda
A exaltação profética, o delírio
Do poeta a meditar, sobre os abismos,
Sentindo, em sua carne, a pedra, o lírio,
As águas, o deserto, a terra fértil,
O céu azul, os brancos neveiros,
Sombras do outono e luz das primaveras;
Os gélidos metais e a rubra lava,
Que escorre, como sangue, das crateras!

Com que bruta alegria, ó vento louco,
O brando pó inquietas, e arrepelas
Verdes tranças das árvores que a noite,
Com suas mãos de sombra, enche de estrelas.
E despertas, dum claro sono leve,
O espírito das ondas que é ternura
Na etérea bruma, e, na aridez da neve,
Frio deslumbramento, alvor mortal...
E, como sob um ferro em brasa, as ondas
Estorcem-se de dor; e tão raivosas,
Atiram-se de encontro às penedias,
Ao longo de ermas praias arenosas...

Ó vento, ó vento, a uivar, nas altas gáveas,
Quando o mar delirando atinge os céus!
E há soluços de espuma que embranquecem
A noite, sonho túrbido de Deus...

Com que prazer cruel, ó doido vento,
Espalhas os incêndios, que redobram
De trágica violência! E, num momento,
Se alevantam em caules abrasados!
Grossos troncos de fogo dividindo-se,
Convulsos e inundados de suores,
Em ramos, crepitantes, que se enfeitam
De purpurinas e brilhantes flores!
São árvores malditas que devoram
As árvores pacíficas dos montes
Que, nos tristes crepúsculos, se choram...
E as suas duras garras infernais,

Rubras de raiva acesa, dilaceram
Aquela tenra carne, embrandecida,
Que se contorce, e grita, e se mareja
De lágrimas, e cai desfalecida...

E o vento sopra! E a selva incandescente
Brame, feroz, e cresce, em dura guerra,
Numa ansiedade de ganhar raízes,
Em todo o céu azul e verde terra!
Dir-se-á que tu, ó vento, comunicas
O teu delírio ao fogo e ao mar profundo!
E tão sublime e estranha é tua voz,
Pairando evocadora sobre o mundo,
Que arrebatas as ondas da maré
E as ondas fumarentas dos incêndios
E mais meu coração, que também é
Um incêndio de amor e um mar de lágrimas!

Eis porque choro e tremo, em grande abalo,
Quando bates, de noite, à minha porta,
E corro a abri-la, e em alta voz te falo!
E uma voz me responde, voz longínqua
Que vem talvez da negra intimidade
Da treva ou do meu ser... Quem sabe donde?
Ó dolorida voz indefinida,
Que, sempre que interrogo, me responde!
Ó voz gerada em lábios espectrais!
Lábios feitos de névoa e de ilusão,
Que, em segredo e mistério, me falais
No silêncio nocturno destes ermos...
Ó voz amiga e irmã, que, em meus ouvidos,
Desmaias, como um beijo que arrefece;

E, através destes versos comovidos,
Te repercutes, pálida e quimérica!
E fecho a porta à noite, que se julga,
Lá fora, abandonada; ela que existe,
Neste meu coração, em alma e corpo,
Em lívido luar e sombra triste...

E fecho a porta à noite... E novamente,
Ignota exaltação, fundo arrepio,
Sobressaltam os céus, onde desliza
Transfigurado em nuvem, o meu rio...
E desabridas bâtegas de chuva
São torvos fios de água que parecem
Prender o Olimpo à Terra; e, à luz do sol,
Como se fossem de ouro, resplandecem.
As vidraças inundam-se... perpassam
Sombras doidas... e os vidros marejados
Vestem-se de ais, murmúrios que esvoaçam
Sobre o meu coração e nele pousam...
E os ventos, como as águas, tudo alagam,
Atrás deles, deixando um rasto escuro
De gritos e gemidos, que se apagam...
E fico a ouvir fantástica paisagem,
Que, além da voz do vento e dos enxurros,
Indefinidamente se prolonga,
Em planícies confusas de sussurros,
Montes de som e vales de silêncio...

E, num cismar abstracto, me concentro...
De mim, me perco... cerro os olhos... ando...
E calco sob os pés estranhas sombras,
Ermos, negros abismos contemplando!

E em declives de brumas e tristezas,
Sinto-me resvalar... e vou descendo
Na escuridão das cousas... Vou subindo...
Vou subindo, voando e compreendendo...
Há desmaios de névoa... A sombra aérea
Do sonho me trespassa e me embriaga
Os sentidos, que, ao mundo da matéria,
Se fecham, como a tampa dum sepulcro...
E vejo-me infinito e sem idade...
E vejo bem meu corpo que se afunda
No silêncio da noite... e vejo bem
Que sou Noite, Silêncio, Alma profunda.

CANÇÃO DUMA SOMBRA

Ah, se não fosse a névoa da manhã
E a velhinha janela, onde me vou
Debruçar, para ouvir a voz das cousas,
Eu não era o que sou.

Se não fosse esta fonte, que chorava,
E como nós cantava e que secou...
E este sol, que eu comungo, de joelhos,
Eu não era o que sou.

Ah, se não fosse este luar, que chama
Os espectros à vida, e se infiltrou,
Como fluido mágico, em meu ser,
Eu não era o que sou.

E se a estrela da tarde não brilhasse;
E se não fosse o vento, que embalou
Meu coração e as nuvens, nos meus braços
Eu não era o que sou.

Ah, se não fosse a noite misteriosa
Que meus olhos de sombras povoou,
E de vozes sombrias meus ouvidos,
Eu não era o que sou.

Sem esta terra funda e fundo rio,
Que ergue as asas e sobe, em claro voo;
Sem estes ermos montes e arvoredos,
Eu não era o que sou.

A MINHA SOMBRA

E vejo minha sombra misteriosa
Que, na deserta estrada ressequida,
Se alonga, em vagos gestos indecisos.

Ora recua e foge, de medrosa...
E, na sua aparência indefinida,
Ganha perfeito e nítido relevo.

Dir-se-á tomada, às vezes, de loucura,
Como a sombra das árvores, desgrenhadas,
Ao vento, pobre doido a lastimar-se.

Quantas vezes se abraça à terra dura
E fica assim, sonâmbula e parada,
Num enlevo de névoa que o sol doira!

De súbito, estremece e logo acorda
(Obra de alto milagre ou de magia!)
Nas águas, que lhe insuflam vida e cor...

De forma que, iludindo-me, recorda
A minha aparição, durante o dia,
Encantada num fundo de águas mortas.

Entre o arvoredado, a vejo desmaiar.
E sobem claridades ansiosas,
De seu remoto seio urdido em luz.

E como se põe triste, quando o luar
(Água de sonho e névoa) sobre as cousas,
Em movimentos fluídicos, ondula.

E quer falar, então... e me deslumbra
Voz espectral que os céus empalidece
E as penedias rústicas dos montes.

E abre os lábios, sorrindo... Que penumbra
O seu riso projecta! Até parece
Que é só feita de riso a sombra humana.

E a voz da minha sombra (nela existe
Funérea voz) prolonga-se magoada
Nos vales e na abóbada infinita.

Dize da tua dor, ó sombra triste!
Ó sombra que em meu corpo estás 'pregada,
Com os pés a sangrar e as mãos em sangue!

Tu és a imperfeição de que sou feito;
A nódoa, que o meu vulto solitário
Derrama sobre as margens do caminho.

Quanto saudoso olhar insatisfeito
Deixas na escuridão (negro calvário),
Ó minha pobre sombra, irmã da morte!

És a lâmpada escura que, ante mim,
Andando, estes meus passos alumia,
Na estrada que vai dar à sepultura.

Ó luz do meu Princípio e do meu Fim!
Limite da esperança e da alegria,
Precipício onde cai tudo o que vive!

Ó sombra do meu corpo! Ó sombra amara!
Madrugada da noite interminável
Que vem surgindo, pálida, da terra...

Ó sombra! Ó minha vida alegre e clara,
A desdobrar-se em vida miserável,
Numa aparência humana da tristeza...

Tu decerto és maldita, e causas medo!
E ao ver-te minha face se descora,
Como Deus ante a noite primitiva...

Se tu fosses Certeza e não Segredo!
Ai, se este frágil corpo, como a aurora,
Irradiasse luz em vez de treva?

Ó minha sombra triste e decaída,
Tu vieste sobre o mundo quando eu vim,
E hás-de baixar comigo à negra cova.

Serás ignota imagem dolorida?
Ou serás, ao meu lado, para mim
O que todo o Universo é para Deus?

És da minha substância e natureza;
E sempre me persegues e acompanhas,
E meus gestos e modos reproduzes...

Em ti, palpita e sofre, sonha e reza,
Sob formas quiméricas e estranhas,
Este imortal e doido coração...

Ah! sofres, como eu sofro, a minha dor!
E tudo quanto eu sinto, vais sentindo
E vais olhando tudo quanto eu vejo...

Antes fosses a sombra duma flor;
De rosa ou lírio ou d'árvore, espargindo
Óleo santo de vívida frescura...

Ou de nuvem, que os céus empalidece,
Ou de asa ou de perfume esvoaçando,
Ou de saudade aberta em nossos olhos;

A saudade, que apenas reverdece,
Bebendo nossas lágrimas... secando
Logo às primeiras neves da Alegria.

Antes fosses, ó triste sombra minha,
Como a sombra pacífica dos montes;
Sombra, profunda e grave, que se alonga,

Conforme o sol declina, e se avizinha
A noite dos soturnos horizontes,
Num alvorear de paz e solidão...

E mais parece amor que escuridão...

A SOMBRA DA VIDA

Sombra da vida, fala! Vem dizer-me
O teu segredo eterno.

Ó sombra cósmica,

Ilumina-te. Quero surpreender-me,
Em teu íntimo seio doloroso.
Quero-te ver e conhecer, ó vida!
Quero tocar tua divina essência.
Quero-te ver directamente, e não
Através da mentira e da aparência.
Ah, dize-me a palavra derradeira;
A mágica palavra, que tem sido
Um pálido murmúrio, imperceptível,
Um reflexo de voz, indefinido,
Mais um silêncio vivo e deslumbrado,
Na boca dos profetas e dos santos...
E sussurro mecânico e pesado,
Na boca seca e árida dos sábios...
E perfume na flor que desabrocha,
E vagido de névoa, em lábios de água,
Árido e mudo verbo em tosca rocha,

E brando som de luz em branda areia;
Deslumbrante canção das sete cores,
Em Íris, onde amor divino existe!
Grito febril na boca a arder do sol
E sepulcral palor na lua triste.

Eis o que eu disse, aflito, à Sombra negra
Da vida. E a negra sombra despertou.
E uma nocturna voz, nos meus ouvidos,
Se fez resplandecente; e assim falou:

Teu coração ausculta, se desejas
Reconhecer a essência, eterna e viva,
Que se entranhou nas formas transitórias
E nelas foi ceguinha e foi cativa.
Nelas chorou, com trágica amargura,
Sofreu mortes, degredos e miséria,
Até que, um dia, se viu livre, enfim,
Da densidade bruta da matéria.

Olha, contempla o espírito soturno
E original; contempla a Sombra enorme
Que, de alto a baixo, se rasgou, tal como
Os negros véus do templo.

E dessa informe,
Estranha sombra cósmica saiu
Claridade espectral, quase invisível;
Um desmaio que, pouco a pouco, abriu
Seus olhos num olhar de Nebulosa.

E logo a etérea Névoa desejou
Ser uma estrela a desfazer-se em luz.
E a estrela ardente quis ser mundo gélido,
Regado com o sangue de Jesus...

Então, a clara estrela arrefecida,
Sob os beijos da aurora que a fecundam,
Mudou-se em tenra planta enverdecida,
Que depois se tornou, por um milagre,
Criadora também...

E as aves voam
No céu; e pelas selvas, que estremeçam,
Sinistros animais, ainda indecisos
E grandes como sombras, aparecem...

O sol, em fúria e raiva, neles arde...
São deuses monstruosos, sanguinários,
Que vão criar o homem que, mais tarde,
Será Buda e Jesus...

E estes dois Santos
Deram, por sua vez, divina origem
A Deus, o Ser perfeito e sempiterno;
A Vida Espiritual, mais alta e virgem,
Que todos nós sonhamos, sobre a terra.

Sim, criar é viver e amar, sofrendo.
Tudo o que existe, é já vertida lágrima.
O primeiro criador é monstro horrendo
E Deus é a criatura derradeira.

E em Deus splende, em límpido fulgor,
A originária Sombra misteriosa,
Pois, nele, a morte é vida; e puro amor
O que, em nós, é fraqueza miserável.

Ó corpo, para sempre, condenado
À dor, à imperfeição!

E, todavia,
Continuamente geras o perfeito
Ser espiritual, que se extasia,
Em si próprio; e medita, sonha e reza;
E só vê o Infinito e a Eternidade...
E sem fomes, angústias, negros crimes,
Vive; e é fonte de Vida e de Bondade...

Por isso, o homem criador, apenas
É perfeito na sua criatura;
Isto é, em Deus, emanção etérea
Do seu vulto, essa trágica escultura.

O ser espiritual, imaginário,
Existe, na verdade, como existem
As urzes deste monte solitário
E a estrela matutina.

E a essência mãe,
A sombra originária, a luz inerte,
Que, depois de encarnar em corpo humano,
Nesse corpo, se exalta e se converte
Em sentimento eterno.

O sonho e o amor

São tão reais que, às vezes, nos parecem
Tangíveis e palpáveis; podem ver-se!
E quase choram, sim; quase entristecem,
Numa vaga lembrança do que foram...

Ah o espírito existe, porque vive!
E tudo o que o espírito criou,
Quer em sua alegria ou dor amarga,
Na terra e céu, extático, ficou!

E Pã eternamente nos deslumbra!
E há-de cantar as ninfas e a esperança,
Nos bosques, sob a chuva de penumbra;
Pelos outeiros verdes, onde o sol
Se casa com as águas murmurosas!
E Vénus, para sempre, em harmonia,
Há-de viver e confundir seu riso
Com as lágrimas santas de Maria!
E Cristo não morreu; está na cruz,
Amarrado, a sangrar, como no instante
Em que nas mãos do Pai rendeu a alma
E o céu se fez nocturno e trovejante!
Olhai os altos cerros do Calvário!
A multidão escura e o negro espaço!
E, ameaçando o mundo, o vento vário,
Com sua clava hercúlea de relâmpagos!
Olhai as brutas rochas que estremecem
E, ao longe, o mar em ondas de furor!
E os mortos acordados e espantados
E os sepulcros abertos com fragor!
E a Virgem Mãe, na sombra (Estrela d'Alva

De luto e de joelhos!) Vede o Filho!
É sempiterna aquela dor que salva,
Como a alegria universal de Pã!
E as Ninfas não morreram! Quantas vezes,
Nos momentos de Graça, as descortino,
Em nossos ermos vales portugueses,
Entre sombrios montes, com pinheiros.
Ouço-os cantar nas claras fontes vivas!
Chorar nas fontes secas, tristemente...
Pobres fontes que deitam, em vez de água,
Aridez e poeira e sede ardente!
E tu, Santo da minha devoção,
Ó mártir D. Quixote, és sempiterno
E a tua lança que rasga a escuridão.
E em teu cómico e magro Rocinante,
Entre chufas, escárnios e maldades,
Como uma luz sozinha, sobre a terra,
Vaguearás, para sempre, alto e divino
E triste, contra o Mal e santa guerra!
Vítor Hugo foi homem? João Valjean
É homem sempiterno. Shakespeare
Foi homem? Olha Ofélia: é mais irmã
De tua própria alma e sentimento;
É mais nesse teu peito enamorado,
Na tua carne e sangue e nos teus olhos;
Bem mais perto de ti, mais ao teu lado,
Do que a própria mulher que tu amaste!

E sempre em cada nova criatura,
Vida que doutras vidas resultou,
É mais real ainda e verdadeira
Do que o ser anterior que a fecundou.

As aves são mais vivas do que a terra;
E o rouxinol mais vivo que uma flor.
Ainda mais vivo um homem; e portanto,
Só Deus é que é perfeito em dor e amor.

Mas um homem deseja ser igual
À criatura eterna, idealizada
Na febre do delírio genial,
Que lhe dissipa as trevas do Infinito!
Contenta-te, criador, em ser perfeito
Na tua criatura! Ó penitente
E miserável corpo, que não podes
Viver sem destruir, sê tu contente!
Homem, exulta e canta! Foste a origem
De Deus, tu que és Satã! Tu que és o Imundo
Concebeste a Pureza! E, sendo o Crime,
Foste a fonte do Bem! Tu, que és um mundo
De morte, imperfeição e maldição,
Fizeste o Paraíso! Ergue os teus olhos,
E ergue neles teu forte coração;
E a tua obra contempla, de joelhos.
Não aspire a mais, pois sempre fica
O Criador distante da Criatura.
Bem longe fica o sol da bela aurora
E a própria escuridão da noite escura!

Dize à terra que seja semelhante
À flor que dela nasce! E diz ao lírio
Que seja igual à ave! E ao lobo errante
Que seja irmão de Buda e Jesus Cristo!

O MEU CORAÇÃO É TUDO

Em certas horas, desejo
Estar contigo, falar-te.
Mas não sei onde é que vives,
Coração!

Não fazes caso de mim.
Eu, para ti, não sou nada.
E amas tudo quanto existe
E não existe...

Sou caverna onde te metes,
Durante a noite somente.
Mal vem o dia, lá partes,
Coração!

Por isso, se quero ver-te,
Olho as aves, os penedos,
As florestas, as montanhas
E o sol-pôr...

Quantas vezes, nos meus olhos,
És lágrima, a tremular;
E sorriso, nos meus lábios,
Coração!

Em ti, a folha já morta
Encontra viço e verdura;
Em teu amor, ressuscita,
Coração!

E as estrelas que arrefecem
Vão banhar-se em tuas chamas;
E cintilam, como em novas,
As estrelas...

Apenas eu não consigo
Acompanhar-te, um momento,
Branca rosa, lírio roxo,
Coração!

Sou a pegada que deixas,
Neste lodo, quando passas,
A caminho do Infinito,
Neste lodo...

Eu, para ti, não sou mais
Que um antro, negro e profundo,
Onde só vens, quando é noite,
Coração!

A SOMBRA DO LUAR

Ouve-se o luar cair, sobre as ramagens,
Como chuva miudinha, humedecendo
As estéreis e pálidas paisagens,
Que a treva, negro lume, ressequiu...
E, pouco a pouco, a terra seca e dura,
Envolta em brandas mágoas luminosas,
Vai-se cobrindo de íntima verdura
E de mimosas flores espectrais...
Alta vegetação indefinida;
Ramos, folhas, ervinhas transcendentas,
Filhas da luz apenas reflectida...
Criaturas de sonho que viveis,
Como, junto duma árvore sensível,
A sua verde sombra...

E o luar cresce;
É branca rosa abrindo... E do Invisível
Nascem Aparições desconhecidas
Que me saem, de súbito, ao caminho
Ou, na distância triste, se desenham,
Quando passeio, à noite, ermo e sozinho,
Como os doidos e a lua...

Hora sagrada,
Hora profunda de milagres, quando
De nossas trevas íntimas afluem
Sombras ao nosso olhar, e as cores vivas,
Na turbção alvente, se diluem...

E os pinhais têm um rosto de quem dorme
E um espírito oculto que vagueia,
Longe deles, talvez... e, em outras terras,
Cria funda raíz e ao vento ondeia...

Hora de amor e dor e piedade,
Quando as folhas das árvores felizes
Em busca de luar, no céu, penetram,
Como, no chão, as sôfregas raízes.
Hora de encantamento e de mistério...
Hora santa do Enigma; hora divina
De vidas e de mortes, quando o Olimpo
É alto e largo e a terra pequenina!
Hora de invocações, visões e síncope,
E de vozes sem lábios, e de olhares
Sem olhos, e de formas intangíveis,
E andam ventos de mármore, nos ares...

Ah, desce ao fundo dos meus olhos, lua!
Quero sofrer a mística tristeza,
Que à superfície do luar flutua,
Como avezinha morta à tona d'água!
Tristeza que ele trouxe lá dos céus...
Tristeza do Infinito e da Distância!
Santa tristeza cósmica de Deus!
Calma tristeza ideal da Eternidade!

Tristeza do Indeciso, do Princípio,
Do Vago, do Crepúsculo! Tristeza,
Eu bem te sinto, em mim, pois também sou
Indecisão, crepúsculo e incerteza!

Luar! Luar! Estranha lividez
Da Sibila, que fala vagamente,
Comendo terra, a uivar e a estrebuchar,
Na exaltação profética e vidente...
Misteriosa luz evocadora,
Alva cinza de espíritos e essências;
Luz de condão que, mal as almas toca,
Logo as veste de cores e aparências...

Ó sol do mundo ignoto dos espectros!
Ó sol verde, fluídico e marmóreo,
Que dás vivente e nítido relevo
A tudo o que é invisível e incorpóreo!
Luz, de dorido encanto, que enverdece
A paisagem fantástica de nuvens
Que, na absorção da noite, nos empece,
Embora dentro em nós seja criada!

Ó mãos da lua pálida, esboçando,
Num lácteo, aéreo gesto que deslumbra,
Perfis espirituais, vultos de sonho,
Que perpassam nos longes de penumbra...
Ó mãos da lua que moldais em sombra
Troncos de névoa e anímicos rochedos,
Assim como, de dia, as mãos do sol
Moldam em água e terra os arvoredos.
Mãos de delírio, de êxtase e desmaio!

Mãos de água a evaporar-se, mãos de espuma,
Esculpindo criaturas e florestas
Em mármore sonâmbulo de bruma...
Erguendo um mundo etéreo que, distante,
Surge dentre os redondos seios nus
Da noite, caridosa e maternal,
Que é treva para os astros serem luz...

Sempre que a arrefecida escuridão
Se vê de roxos montes despontar,
Como enorme fantasma de além-túmulo,
As avezinhas deixam de cantar;
E, em sobressaltos trémulos, voando,
Escondem-se nos ramos, como os lobos
Nas cavernas da serra, uivando, uivando
À noite que os domina e atemoriza...

Ah, quando a Sombra negra vem do céu,
Aparição funérea e lacrimosa,
E desce aos nossos olhos, que parecem
Íntimas águas mortas, onde pousa,
Em largas revoadas circulares,
Escuro bando de aves agoirentas,
Onda de cinza esparsa, pelos ares,
Caindo do sol, já frio e amortecido,
— Meu corpo em névoas lívidas se afunda
E voga, em pleno Limbo... e, tão disperso
Num tumulto de vidas, tudo inunda,
Que em mim se perde a terra e o céu azul...

E a minha consciência empalidece
E se alonga, turbada e semelhante
A uma gota de orvalho, à luz da aurora,
Entre a nuvem e a lágrima hesitante!

Mas nasce o luar... e em minha fronte neva;
E, mais alegre, acordo e ressuscito,
Qual onda que, alta e nítida, se eleva,
Depois de se espriar em formas vagas...
Pois tu, doce luar das solidões,
Refizeste meu corpo; bem no sinto
Perfeito e unificado; e as multidões
Viventes que murmuram, no meu ser,
E a treva dispersou — vejo-as, de novo,
Numa só clara vida, concentradas...
E o que era confusão, escuro povo,
É límpido perfil amanhecendo...
E a minha consciência se define,
E, amorosa, contempla o grande mundo,
Externo e material, para atingir
O que ele tem de espírito profundo...

E subo um ermo outeiro, que o luar,
Como as águas da chuva, reverdece.
A distância brumosa lembra o mar
E há paisagens de nuvens, no Infinito.
Os áridos rochedos e os pinhais
Irrompem do crepúsculo sombrio,
Mostrando ainda os trágicos sinais
Da noite, negra cruz, cheia de lágrimas.
E as sombras aparecem, vagamente,
A medo, como a luz dum belo dia

Que nos sorri, nas frestas, de manhã,
E nos manda viver em alegria...
E ao longe, os vultos lívidos dos montes
Têm gestos de penumbra; e as águas gélidas
Choram nas bocas espectrais das fontes,
E em tudo há tristes olhos que nos fitam.

E encontro-me, sozinho, sobre a terra,
Que lateja e palpita, num rumor
De seivas que, à saudosa claridade,
São abrolhar de gomo ou quase flor...
E as sementes ocultas, genesíacas,
Como tocadas de água e de sol vivo,
Como fecundo ventre, dão à luz
Desde o tojo rasteiro ao cedro altivo;
— Rasteiro e altivo ao nosso olhar apenas,
Porque, aos olhos do Espírito, uma ervinha
E um grande roble são da mesma altura...
Que distância a dum astro a uma andorinha?
Dum ramo em flor a um nobre pensamento?
Da noite ao dia? Do sorriso à lágrima?
De uma pedrinha nua a um sentimento
Despido, como a sombra e como a luz?

Sozinho, vou andando, e vou falando...
Como os santos e os doidos, sou ouvido
Por este íngreme outeiro, que também
Me fala, em tom soturno e comovido...
Ouço, em meu coração, tudo o que existe!
E nem eu faço mais que repetir,
Num frágil verso pobre, humano e triste,
O que me diz a terra misteriosa...

E as coisas me contemplam, tão serenas,
Impassíveis! E vejo, dentro delas,
Tremores, tempestades, sobressaltos,
Fundos abismos, lúcidas estrelas!
Desabamentos fragorosos! Vidas
Que se somem na noite! Madrugadas,
Donde se exala a vã serenidade
Das suas ermas formas concentradas
Numa bruma de espírito e de sonho,
Num nevoeiro espesso que deslumbra;
Num êxtase gelado de cadáver,
Êxtase de silêncio e de penumbra...

E tomada de assombro, quantas vezes,
Uma pedra me fala: — Ó meu irmão,
Tu lembras-te de mim, daquele tempo
De trágica e infinita solidão?
Do tenebroso Génesis, quando era
Esse teu corpo humano isto que sou,
Esta aspereza estéril, bruta e fera;
Esta gélida inércia que, em teu ser,
É sonho, suavidade, amor, ternura?
E sou ainda o que já foste, poeta;
Ainda estou morta e presa à terra dura,
Onde andas, vivo e livre, à luz dos astros!
Ah chora a minha negra escravidão
(Dor que somente o Poeta compreende)
Até que, um dia, abrandem tuas lágrimas
Este terrível peso, que me prende
Às entranhas do mundo! Ah chora, chora!
Leva-me em tuas lágrimas, que voam
Mais longe que o teu riso e a bela aurora!

Quero ser alegria e sofrimento!
Quero subir em nuvem deslumbrada!
Quero orvalhar os lábios sequiosos
De Deus! Boca febril, boca mirrada
E com sede de vida insaciável!

E, ouvindo a voz da Pedra, meditei
Na Dor, Princípio eterno, emanação
Da sombra triste e universal de Deus,
Que, sobre a fria e inerte Criação,
Actua, com violência, a cada instante,
Chamando a água, a argila, a luz dorida,
As nuvens, os metais, o limo, o fogo,
Inexorável, fatalmente à Vida!

Perante a Dor, tudo abre uns olhos tristes;
Tudo estremece e canta e principia
A ser hóstia de amor, nas mãos de Deus;
Hóstia que ele comunga, à luz do dia,
Depois de a erguer tão alto, que ela passa
As remotas estrelas e as Origens,
O Destino, as misérias, a desgraça
E vai além das trevas e da morte!

E assim a Vida é o grande sacrifício,
Que faz a Deus a bruta Natureza,
Para que Deus exista, em dor e amor,
Em perfeita alegria e ideal beleza;
Para que tenha uma existência clara
E viva e real, e cósmica e divina,
Como o rochedo que, tombando, esmaga,
Como o riso da nuvem que fulmina!

E o luar chovia, num rumor tão leve,
Qual ténue sombra de asa palpitando,
Ao clarão das estrelas, sobre a neve,
Outro luar mais frio e mais intenso...
Mas a branca neblina transcendente,
Donde o luar chovia, dissipou-se.
Escureceu o espaço; e novamente
Meu ser se dispersou em formas vagas,
E me tornei confuso e indefinido...
E mal se distinguia, na penumbra,
Este corpo alagado e difundido,
Nas árvores, nas pedras e nas brumas...
E a viçosa paisagem, que o sol ama,
Em brando sonho ou fumo se desfez,
Ao tocar-lhe de manso a negra chama,
Que sai do incêndio trágico da Noite!

OS MEUS OLHOS E UMA PEDRA

Porque é que vós, meus olhos, de repente,
Comovidos, ficais, a contemplar
Uma pedra qualquer, se toda a gente
Era incapaz de nela reparar?

Uma pedra gelada, inconsciente,
Que nada vê; mas vosso claro olhar
Cobre-a de tal ternura, que ela sente
Como um calor de vida a despontar...

E uma oculta visão misteriosa
Transparece na pedra, que, medrosa,
Avista um indeciso nevoeiro...

Ah, foi decerto assim que a luz dos céus,
A luz que vem do Sol e vem de Deus,
Ergueu da terra, um dia, o ser primeiro!

UMA ÁRVORE E O SOL

Árvore minha amiga, abençoada
Alminha vegetal, com que ternura,
Abres o brando seio à luz sagrada,
Que, como um vento místico, murmura.

Logo te viste mãe; e, para a Altura,
Ergueste as mãos, alegre e alvoroçada;
E lembravas assim a Virgem Pura,
Ao sentir-se do Espírito pejada.

E o teu corpo, todo ele, era uma flor.
E perfumes de idílio e casto amor,
O céu azul doirado embriagavam...

Mas, na sua quimérica alegria,
Essa árvore feliz nem sequer via
A sombra, que seus ramos projectavam...

UMA GOTA DE CHUVA

Uma gota de chuva, que trespassa
Os telhados e o tecto, vai tombar
No meu escuro quarto, onde esvoaça
A sombra do silêncio... E fico a olhar

A chuva, triste e fria, na vidraça,
E a candeia de azeite, a desmaiar,
Ao vento, que abre as portas, quando passa,
E aviva a cinza extinta do meu lar!

E que impressão me faz aquela mágoa,
Aquele som de dor que exala a água,
Depois de andar em nuvem fugitiva...

E de repente, sem saber porquê,
Condenada a cair, assim se vê,
Na forma duma lágrima cativa.

OS OLHOS DOS ANIMAIS

Que triste o olhar do cão! Até parece
Mais um queixume, um íntimo lamento
Da noite interior que lhe escurece
O coração, que é todo sentimento.

E os mansos bois soturnos! Que tormento,
Em seus olhos, tão calmos, transparece...
E os olhos da ovelhinha e os do jumento!
Que tristes! Só o vê-los entristece...

Chora, em todo o crepúsculo, a tristeza.
E, além do ser humano, a Natureza
É lívida penumbra feita de ais...

Por isso, o vosso olhar de escuridão
É mais lágrima ainda que visão,
Ó pobres e saudosos animais!

UMA AVE E O POETA

I

Sobre aquele pinheiro, aureolado
De inerte e vegetal melancolia,
Um passarinho, alegre e alvoroçado,
Cantou, cantou, durante todo o dia...

Fiquei-me a ouvi-lo, mudo e extasiado...
Mas, por fim, perguntei-lhe: — Que alegria
Se fez em ti, ó corpo acostumado
À cruz das tuas asas de agonia?

Que descobriste, além, no céu profundo?
Ou que milagre aconteceu, no mundo?
Grande coisa decerto adivinhaste...

A aurora revelou-te o seu mistério?
E divina canção de amor etéreo,
À luz, sombra de Deus, alevantaste?

II

E a avezinha, serena e confiada,
Num olhar de ternura me envolveu;
E em sua doce voz iluminada,
E tão cheia de graça, respondeu:

— Meu canto é luz do sol em mim filtrada;
Vou a cantar... e canta a luz do céu.
E das aves da noite a voz cerrada,
É penumbra que nelas se embebeu.

Sonho a perfeita e mística alegria!
Desejo ser a alma da harmonia,
Que toda a terra e todo o espaço inflama!

Quero ser o Infinito e a Eternidade;
Não ser a estrela e ser a claridade;
Ser apenas o Amor, não ser quem ama.

BUDA

Seguia Buda, um dia, o seu caminho,
Sob os raios do sol que o penetravam,
Quando avistou, deitado, um cão velhinho,
Com chagas, onde os vermes pululavam.

E, com amor e fraternal carinho,
Limpou-lhe as chagas podres, que cheiravam
Tal mal! — livrando assim o pobrezinho,
Mendigo cão das dores que o matavam.

Mas, preocupado, continuou andando...
E lembrou-se dos vermes, que, ficando
Sem nenhum alimento, iam morrer.

E voltou junto deles; e um pedaço
De carne, ali, cortara do seu braço;
E, abençoando-os, deu-lhes de comer.

MARCO AURÉLIO

Um dia, Marco Aurélio a passear
Andava, em seu jardim; e meditava
No mistério da Vida; e o seu olhar
A esfinge do Universo interrogava...

E tão imerso em sonhos ele estava,
Que trilhou, por acaso, ao caminhar,
Um bicho que, no solo, rastejava,
Sem umas asas, ai, para voar!

E Marco, triste e mudo, ali ficou
(Dizem que muito tempo) e meditou
Na morte que acabara de fazer;

Na falível, quimérica bondade,
Que, mesmo em sua eterna claridade,
É tão ceguinha e mata sem saber!

FREI JOÃO BERNARDES

Pela serra de Sintra, onde murmura
A água, sob a verde ramaria
(Na solidão, ausência da criatura,
Mas presença de Deus) ele vivia

E mais uma gazela. Companhia
Amorável e doce. Com ternura,
Compunha versos místicos, e os lia
Às flores, à gazela, à água pura.

E, nos olhos da sua companheira,
O Santo via a aurora, a luz primeira,
Que o mandava rezar ao Criador.

E, nos olhos do Santo, ela avistava
A estrela vespertina, que a mandava
À gruta recolher, em paz e amor.

S. FRANCISCO DE ASSIS

S. Francisco de Assis falava, outrora,
Aos animais, às flores, triste e só...
Se tudo quando vive, sofre e chora,
É a mesma alma eterna e o mesmo pó;

E, por isso, ele tinha pena e dó
De tudo quanto doira a luz da aurora,
E não bebeu, no poço de Jacob,
Aquela água de vida redentora.

Ó lobos, meus irmãos! Irmãs ervinhas!
Irmãs pedras! Ó fontes pobrezinhas!
Ó ventos, meus irmãos, em doida guerra!

Quanto vos amo em Deus! E sinto bem
Que esta terra, que eu beijo, é nossa mãe
E que a sombra de Deus anda na Terra!

DE NOITE

Olha a chuva miudinha como cai,
Lá fora, num sussurro que entristece.
É tarde já; meus olhos, descansai...
Que bem, nas noites frias, se adormece!

E deito-me na cama, sim; mas, ai,
Minha vidraça, aos ventos, estremece!
Vozes da escuridão, falai, falai,
Que não pode dormir quem vos conhece!

Noite povoada d'almas! Noite infinda...
Ó luz, à cabeceira, bruxuleante!
Versos por encarnar, sem forma ainda...

Ó primeira canção, no Azul sem fim!
Primeiro sol, nas frestas, hesitante;
Mão que meus olhos vens fechar, enfim!

ADORMECER

Mão que fecha meus olhos, com amor,
Quando o primeiro sol se vê luzir
Nas fendas das janelas e um rumor
De vida nova se começa a ouvir.

Os meus olhos, cansados, vão dormir...
Em volta deles, pairam, num fulgor,
As visões, os espectros e o sorrir
Esfíngico da Sombra... A mágoa e a dor

De branda auréola os cercam... E dir-se-ia
O nosso olhar as pálpebras passando,
Misteriosas formas contemplando...

E, em alturas longínquas, se anuncia
Um mundo de ideal melancolia,
Que só podemos atingir sonhando.

DE MANHÃ

I

As vezes, quando acordo, fico a olhar
As paredes do quarto; e, extasiado,
Nelas, vejo, confusa, divagar
Uma sombra que vem no sol doirado;

Sol, que, através das frinchas, ao passar,
E sendo pelas trevas assaltado,
Perde o sangue, desmaia, e faz lembrar,
Por uma lança, um corpo trespassado!

E a sombra esvoaça, na parede nua,
Onde a cal branca evoca a luz da lua;
Luz que molda em penumbra um mundo ignoto...

E tu, criatura humana, és igualmente
Visível projecção dum transcendente
E invisível espírito remoto...

II

E aquela sombra humana me fitou
E disse: — Nada sabes, com certeza,
Do corpo donde eu venho, e que gerou
Minha vida de pálida incerteza...

Esse pobre infeliz, além, passou
E sofre sede e fome; canta e reza.
Da sua carne est'alma dimanou,
E dela trouxe escuridão, tristeza!

Mas o frouxo luar da tua alcova,
Lá fora, é luz do sol, doirada e nova,
Que beijou esse corpo de mulher...

E aquele brando beijo iluminado,
E tão leve contacto delicado,
Foi o bastante, sim, para eu nascer!

A SOMBRA DE EURÍDICE

I

Canção divina as cousas comovia,
E de ternura as árvores choravam...
E lembrava o luar a luz do dia
E os ribeiros, extáticos, paravam.

Era Orfeu, de inspirado, que descia
Às entranhas da terra! E se afundavam
Os seus olhos na noite, muda e fria,
Onde as pálidas sombras vagueavam.

Eurídice, o seu morto e triste amor,
Ouvindo-o, tomou forma e viva cor,
Íntima luz à face lhe subiu...

Mas Orfeu, pobre amante enlouquecido,
Quis ver aquele corpo estremecido...
E, outra vez sombra, Eurídice fugiu...

II

Ai dos que vêem as cousas da Natura
Com este olhar da Carne, escuridão,
Que tudo nos transtorna e desfigura,
Nem mostra o mundo e o céu como eles são!

Com este olhar de trágica amargura
— Torva luz de delírio e confusão! —
Que nos faz ver, brutal e tosca e dura,
A sensível e viva Criação!

Ó desgraçada luz, que só revelas
A face tenebrosa das estrelas
E a nossa pobre sombra, entregue à sorte...

Candeia, onde é o azeite água dorida,
Não nos mostras o mundo em alma e vida,
Mas em lívido corpo e negra morte!

A SOMBRA DE JESUS

Entre o sombrio e bíblico arvoredos
Do jardim, onde Cristo repousa,
Num alvorecer de sonho e de segredo,
Fez-se uma luz; e, no ar, se alevantava...

Luz sobrenatural que deslumbrava
O céu azul, a terra, e, quase a medo,
Misteriosamente, ela tomava
Divina e humana forma, entre o arvoredos.

Era Jesus. E logo Madalena,
Nessa manhã genésica e serena,
Corre, ao encontro dele, enlouquecida!

Quis beijá-lo e abraçá-lo, com fervor...
Mas Jesus era apenas dor e amor,
Era vida sem corpo, era só Vida!

A SOMBRA DE PÃ

Quando de todo se extinguir a Vida;
Quando as águas gelarem, e este mundo
Rolar, na Imensidade escurecida,
Como um deserto fúnebre e infecundo;

Quando a luz, avezinha mal ferida,
Exânime, cair no Azul profundo...
E os corpos se fundirem na dorida,
Eterna Essência, que animara o mundo;

Quando tudo o que existe regressar
À confusão primeira, negro mar,
Sem praias, nem alvores da manhã;

Sonhando um novo Génesis glorioso,
Há-de surgir, no espaço tenebroso,
A sombra enorme e trágica de Pã!

A SOMBRA DA DOR

Quantas vezes, sozinho, triste e mudo,
Percorro a solidão (não sei porquê,
As pessoas são nada e as cousas tudo)
E fico assim, extático e suspenso...
E, no meu ser, profundo e vago, acorda
Misteriosa mágoa indefinida;
Doce melancolia, que recorda
A imagem dos outeiros e dos vales,
Em tintas de elegia, pelo Outono:
Onda mortal de lágrimas e sombras,
Que invade a Terra, e a deixa no abandono
Da alegria, do sol e da esperança.

Antiga dor das cousas que morreu,
Fria sombra de angústias já defuntas;
Espectro que anda, errante, pelo céu,
E nas manhãs cinzentas, e no inverno,
E nas chamas doiradas do Poente,
E nas brumas do Longe, e na folhagem

Que cai dos ramos fúnebres, molhando
De palidez a face da paisagem...
E nos cantos do sapo que entristecem,
No sussurro da chuva; e no queixume
Do vento; e em nossos olhos, que anoitecem,
Quando uma sombra passa, diante deles.
Ai, quanta baça e túrbida tristeza
Nos veste de penumbra o coração:
Lua rubra de sangue, toda acesa
E envolta em negros crepes agoirentos.
Essa tristeza é grande dor sofrida,
Um dilúvio já quase gota de água,
Que chega às nossas almas falecida
De atravessar espaços infindáveis.
São enormes, fantásticos, martírios,
Abrasadas crateras flamejantes
De paixões, sobressaltos e delírios,
Que, na remota idade, padecemos!
Chama que nos queimou, desapiedada,
E o tempo diluiu, como a distância
Esfuma em luar, esbate em madrugada
Ígneos ciclones, turbilhões de fogo.

Dores que, em nosso espírito, lampejam...
E ficamos, tão lívidos, sentindo
Essas íntimas dores, que nos beijam,
Com uns lábios de sombra e de fantasma!
São dores que se ocultam no que existe
De mais confuso, em nós, de mais distante,
Pois todo o mal vivido, em outras eras,
Ensombra nossa carne palpitante!

Não há luz que se apague; nem há voz
Que emudeça; nem lágrima que enxugue.
E o que o Homem sofreu, antes de nós,
Nimba de dor longínqua a nossa alma!

A lágrima primeira ainda cintila:
É gota d'água eterna... é mar profundo.
Os meus olhos inunda; e através dela
É que eu contemplo a vida, o céu e o mundo.
Ouve-se ainda o grito primitivo!
Como, de sonho em sonho, nebuloso,
Repercute-se ainda, no meu ser,
Que, vibrando, se torna harmonioso.
E hão-de também repercutir-se os gritos
De agora na futura e grande Idade,
Para que seja, em cada vulto humano,
Sempre constante a dor da Humanidade!
Para que estejam presos, sem descanso,
Os homens do Passado aos do Presente
Pela mesma quimérica tragédia,
Que se dilata e cresce eternamente...

Dai-me a visão de tudo o que passou,
Sombras da dor passada. Alumiai-me
Esse caminho escuro que trilhou
Meu ser, desde o Princípio, desde a Noite.
Alumiai-me a cova tenebrosa,
Que eu mesmo abri, em louco desespero,
Nesta carne fremente e dolorosa...
E há gemidos, soluços, gritos, ais,
Imagens desvairadas e perdidas,

Nesse tétrico abismo, sem limites,
A sangrar, como as furnas denegridas,
Que são golpes da terra...

E lá do fundo

Vejo subir, medroso e perturbado,
Um nevoeiro de vozes e de lágrimas...
E, ao longe, vagamente desenhado
Numa floresta de almas e de corpos,
Negra floresta, ondeante e caminhante,
Que de mim se aproxima, num rumor,
Batida pelo vento espiritual
Da Origem, vento pálido de dor...
Vento de luz na névoa e no mistério...
Vento de vida orgânica nas chuvas,
Que tombaram, num doce refrigério,
Sobre o perfil da Terra, todo em cinzas...

E foi depois um temporal tremendo,
Encapelando as águas do Dilúvio;
O espírito, nos mundos, acendendo,
E o clarão das estrelas apagando...
E depois, feito sonho que floriu,
Sobre as águas do mar, foi mão divina
Que, em seu mármore lúcido, esculpiu
O busto azul e trémulo das vagas.
E numa alegre e mística volúpia,
E num alado gesto de ternura,
Dos corpos viridentes das florestas
Ergue e torneia os seios da verdura...
E os áridos desertos faz vibrar,
Em fulvas ondas rítmicas de areia,
Que, na paz do silêncio e do luar,

Tem líquidos marulhos, vozes líquidas...
E nos lembram as ondas de harmonia,
Em que se espria um verso, um pensamento,
A esperança, a tristeza, a luz do dia...
Assim a criatura, onda sagrada,
Que, ao sopro desse vento, se prolonga,
Entre rochas hostis e contrafeitas,
Em novas ondas, cada vez mais nítidas,
Cada vez mais irmãs e mais perfeitas...

Mas o bosque fantástico se eleva
E aproxima de mim; e a sua sombra
Aumenta e se confunde com a treva...
E ouço rumores de almas e figuras...
E, absorvido na névoa que me envolve,
Como um fantasma de árvore, pelo inverno,
Erro, através do tempo, que dissolve
Em sombra eterna os corpos transitórios...
E vejo estranhos vultos indecisos,
Demónios desvendando a negra face...
Espectros, na penumbra matutina,
Loucos, apedrejando o sol que nasce!
Turbas desconhecidas, que a distância
Dilui em formas vagas... Sentimentos
Que lampejam, nas brumas... Ansiedades,
Sonhos, paixões, ardendo aos quatro ventos!
Nostalgias de nómadas perdidos,
Em selváticos bosques; sobressaltos!
Férreo ruído de armas e alaridos
Em território hostil...

Medo nocturno
Às brônzeas trovoadas e aos relâmpagos,

Que se gravam, a lume, no soturno
Mármore azul raiado de vermelho!
Quando as nuvens pesadas se alevantam,
Como sombrias rochas de granito;
E, sobre os montes lívidos, parecem
As colunas ondeantes do Infinito.

Ó Deus lançando fogo aos horizontes!
Deus acendido em raivas destruidoras,
As árvores rasgando, de alto a baixo,
Como se acaso fossem pecadoras!

Medo à luz do luar, nos arvoredos,
Povoados de espíritos malignos;
De sombras, de fantasmas e segredos,
Derramando um terror secreto e vago...

Ó silêncio da Lua! Ó paz da Terra!

— Silêncio criador de ignotas Vozes,
De terríveis e ocultas Divindades!
— Paz criadora das lutas mais ferozes,
Entre os vivos e as almas do Outro Mundo.
E há rugidos de fúria e convulsões
De agonia, nas trevas, que sepultam
Sombras mortas e pálidas visões!
Terror das Pitonisas, em delírio,
Sobre os túmulos brancos, que desmaiam
A ondulação fluídica da noite...
E seus olhos proféticos se espriam

Em luminosidades que alvorecem
E se embebem num morto e lhe dão vida;
E animam as estátuas, e endurecem
Os suspiros, as lágrimas e os ais!

Terror de Jeová, quando o deserto,
Em turbilhões de poeira esvoaçando,
Envolve as solitárias caravanas...
Poeira que sobe, em fogo, arquitectando
As nuvens, trovejantes e abrasadas,
Que pairam sobre as fragas do Sinai,
Onde o estrondo das fortes trovoadas
É a voz de Deus pregando, aceso em ira!

Sacro terror do Águre misterioso,
Lendo no voo das aves que descreve
Enigmas e prodígios, no ar extático...

Chove silêncio escuro, sobre a neve...

Medo das tempestades! Medo antigo!
Ó meus avós das frágeis caravelas,
Navegando, de serra em serra de água,
Tocando com os mastros nas estrelas!

Negro terror de invocações nocturnas
Aos deuses infernais! Ó castidade
É branca luz de Diana, que, no Inferno,
É temível e horrenda divindade!



Terror da mulher grávida, a gritar,
Três vezes, por Hecate, às horas mortas!
Louco terror de Pã que faz gelar
O coração dos homens e das árvores!

Terror da Nebulosa, que se sente
Já grávida de Deus! Terror divino!
Terror materno e fundo da semente,
Que, germinado, cresce, à luz do sol;
Já seu caule futuro ela adivinha;
Seus ramos e folhagem verdejantes...
E o bando alegre de aves que, à tardinha,
A embriagará de cantos e de voos!

Terror da criatura, ante o mistério,
Que a torna criadora! Ó medo à noite,
E ao luar a cair num cemitério,
Onde há ressurreições desconhecidas!

Ó medo dos meus olhos, que já vistes
Fontes e pegos, onde as Bruxas riem,
Patujando nas águas! Bruxas tristes,
Ó Ninfas condenadas e maléficas!

Ó denegridas cruces dos caminhos,
E a lembrança do morto que flutua...
E um gélido arrepio, um sobressalto,
Sopra; e parece vento a luz da lua...

Uma asa, negra e imensa, pela aflita
Sombra do Azul se espalha, enquanto a noite,
Com as dores do parto, geme e grita,
E às trevas dá visões e aparições!

Ó procissões nocturnas de defuntos,
Em torno das igrejas... Levam luzes,
Em seus ombros de névoa suportando
Andores de penumbra... e levam cruzes
De fumo, e um pálio aberto de ilusão...
E há nevoeiros de incenso, no ar calado,
Toldando um Cristo, lívido e sangrento,
Num madeiro espectral crucificado!

Ó fantástica imagem da Agonia,
Diante dos teus olhos lacrimosos,
Ó Noite, Virgem Mãe, toda de luto,
Sobre os duros fraguados tenebrosos

Do monte do Calvário!

Ó corpo exangue

Do Filho, em rubras chagas, que são astros!
Pés de penumbra em sangue! Ó mãos em sangue!
Ó Redentor estranho do Crepúsculo!

Ó poetas agoirentos, negros mochos,
Cantando, na funérea solidão!
Luzes misteriosas entre as árvores,
Vultos brancos, que andais na escuridão...
Mortos, que em formas vivas se figuram,
E vivos, que aparecem, como espectros...

Melancolias trágicas murmuram
Revelações soturnas d'além-túmulo...
Passos nos longos, ermos corredores...
Almas penadas, vozes de lamúria...
Ó aflorar dos gélidos suores!
Ó pânico em orvalho! Ó medo em lágrimas!
Vozearia do vento, ermos ruídos,
Que a face do silêncio golpeais,
E em desalinho pondes seu cabelo
E seus olhos de sombra enevoais...
Ó chuva miúda e fria! Ó raios líquidos
Do mar, sol de água enorme!

Ó noite triste!

Ó mãe das grandes dores, que se escondem,
E a mãe talvez de tudo quanto existe!

Ó medo às almas do Outro Mundo! Ó medo!
Ó pânico gelado! Ó medo agreste!
Como ainda meu corpo sobressaltas,
Se te bebi no leite e se vieste
No sangue, que percorre as minhas veias,
Com velhos sofrimentos já passados;
Com aflições de naufragos, e assim
De emparedados, mártires, condenados!
— Sangue feito de brumas e distâncias,
De trevas, de clarões e de incertezas!
De gritos incendidos, que se apagam!
Altas mágoas, quiméricas tristezas!
Infinitos terrores religiosos...
Visões do negro inferno e Céu etéreo!
E o terror abismático e sublime,
Sagrado e sempiterno do Mistério!

Ó nevoeiro de dores já sofridas,
Sobes do mais profundo do meu ser,
E perturbas minh'alma, que se vê
Declinar como um sol, e anoitecer...
Sentindo-se mais forte e solidária
Com toda, toda a humana multidão,
Tragada pelo tempo, e que é tão grande!
E cabe dentro em ti, meu coração!
Ó justiça da Dor! Ó dor activa!
Estranha Redenção! Ó dor eterna,
Que vais ligar a minha carne viva
Aos esqueletos trágicos, desfeitos!
E prendes os meus olhos palpitantes
Ao pó dos olhos mortos, cinza escura,
Por um fio de lágrimas sem fim!
E hás-de unir a primeira criatura
Ao derradeiro ser, ó dor perpétua!
Como a última luz à luz primeira,
E ao primitivo amor o amor final,
E a primeira esperança à derradeira!

APARIÇÃO

Aparição é misteriosa imagem,
Retratada no Azul que escureceu
Ou no vago nubloso da paisagem.

Dos nossos olhos íntimos nasceu,
Mas, tornada, de súbito, exterior,
Empece-nos, cá fora, à luz do céu.

E, todavia, vem do nosso amor,
Que, por alto milagre, se condensa
Num corpo vivo, em formas de esplendor.

Tudo o que se medita e que se pensa;
Todo o nevoeiro d'alma que anda, errante,
Nesta amplidão, dentro de nós, imensa;

O espírito, animado e penetrante,
Que envolve, para sempre, quanto amamos,
Sobre este mundo, frágil e inconstante,

E tudo o que, sofrendo, imaginamos,
Toda a bruma de sonho e de beleza
Que nós, água sensível, exalamos;

Bruma que paira, além da Natureza...
Uma auréola divina, onde aparece
O perfil de Jesus e o da Tristeza...

O que de sonho e nuvem transparece,
Através nossa carne dolorida,
Em negros sítios ermos, nos empece!

E o que é nítida luz e clara vida
É pobre imagem, lúgubre de dor,
Vulto espectral, sombra desconhecida.

É lívido fantasma o nosso amor,
Que, na profunda e triste solidão,
Passa, por nós, em noite de terror!

A lágrima, ao nascer dum coração,
Evapora-se; é branco nevoeiro,
Sudário, espectro de anjo, aparição!

É tudo aparição, desde o primeiro
Homem que viu a aurora, extasiado,
À estrela do pastor, sobre um outeiro.

Todo o corpo é fantasma, que, ao sol-nado,
Toma aspectos de clara realidade,
Perante o nosso olhar alucinado!

A maga e feiticeira Claridade
Todo o espírito veste em formas puras;
E eis árvore e rochedo o que é saudade...

E tu, sussurro estranho que murmuras
E deslizas, na sombra, estremeçando,
Através de intangíveis espessuras,

Quando a luz principia amanhecendo,
És ave, folha verde, clara fonte,
Planalto que se esboça e vai crescendo...

Ah, quando o sol, mais alto que o horizonte,
Tem a máxima força de ilusão,
E brilha, a prumo, sobre a minha frente,

Parece erguer do Nada a Criação.
E montanhas e rochas e arvoredos,
É tudo misteriosa aparição!

E, no meu ser, encerro tais segredos,
Que esta minha figura, aos olhos meus,
Dir-se-á feita de sombras e de medos.

Sou vago como as nuvens, pelos céus;
Sou nódoa indefinida, fumo errante,
Manchando a luz espiritual de Deus.

E todo o corpo é trémulo, hesitante!
E tudo quanto amamos e abraçamos
Sempre de nossos braços bem distante!

Desde a tenrinha face que adoramos
À definhada mão, que, de joelhos,
A última vez, em lágrimas, beijamos;

Moças estrelas, frios mundos velhos,
O mar, a serra, os campos viridentes,
Incêndios da manhã, poentes vermelhos,

São nublosas imagens transcendentas
E talvez ilusórias, que, a sofrer,
Em nós se infiltram, pálidas, trementes...

Só deste modo os poderemos ver!
E não directamente, rosto a rosto;
Por isso, o etéreo alvor do amanhecer,

Nos causa como um íntimo desgosto;
Uma dúvida escura, uma incerteza,
Que envolve a terra, às horas do sol-posto!

Donde vem, coração, essa tristeza?
Porque estranhas assim o natural,
Tu que és, como uma flor, da Natureza?

Porque geraste um mundo espiritual;
E, em teu sonho divino, te excedeste;
E outra vida, mais pura e virginal,

Ó Criador sublime, concebeste!
Com a matéria trágica do Inferno
Edificaste um mundo, que é celeste!

Mundo perfeito, vivo e sempiterno,
De eternas criaturas povoado,
Sem aflições, nem temporais do inverno,

Nem lágrimas, nem sangue derramado.

A SOMBRA DO AMOR

Num sozinho lugar da minha aldeia,
Onde a sombra do outono é sempiterna...
E entre pinhais, quimérica, vagueia
A alma, sempre triste, destes montes,
Ouve-se, às horas ermas do silêncio,
Uma profunda lástima dorida
De alguém, que tanto amou, que nem a morte,
Arrebatou de todo à luz da vida!

Voz de alguém que morreu na flor da idade;
Voz de saudosa e mística donzela
Que anda a pairar, na solidão da noite,
Como um canto perdido ou luz de estrela...

É pálido Fantasma adolescente,
Todo em penumbra e sonho figurado,
Que, à frouxa luz da lua, vagamente,
Surge da sombra múrmura das árvores...
E traz em desalinho a trança escura;
E o seu perfil é só melancolia,
Um íntimo queixume de ternura,
Animando, de leve, as cousas mortas...

Mas, em noites de vento e de demência,
Quando saudade rústica lhe rasga
As entranhas de sombra e de aparência,
Soluça e grita! O vento é o seu delírio!
A chuva as suas lágrimas! A treva
É seu amor, que os ares escurece,
Depois de lhe matar o coração,
Que, mesmo em cinza fria, ainda estremece!

Ó místico Fantasma! Ó Sombra etérea,
Inexoravelmente presa ao mundo
E à sua negra e trágica miséria,
Que me importa que sejas névoa ou sonho,
Se o teu vulto de ausência e de poeira
É mais vivo que a carne dolorosa?
E a tua dor mais alta e verdadeira,
E mais de Deus, que minha própria dor?

Ó sombra de donzela, os meus ouvidos
Entendem tuas queixas murmuradas,
Pelas noites de lua... e os teus gemidos
Pelas noites de frio e vento e chuva!
E, sob o Azul fantástico e nocturno,
Tu não me fazes medo, como àqueles
Que fogem do lugar, ermo e soturno,
Onde anda, a lastimar-se, a tua voz...
A tua voz apenas, pois teu corpo
É um ar quase invisível... E beijar-te
Seria dar um beijo numa nuvem,
E abraçar uma nuvem abraçar-te!
Mas de tal modo esse ar iluminado
Me deslumbra e domina, que eu me sinto

Ébrio de ti, cantando, apaixonado!
Sou presença quimérica e perdida,
Numa tal cerração de claridade,
Feita de auroras mortas, mortos dias,
— Que até nem sei onde meu ser acaba
E onde é que tu, Fantasma, principias!

O meu saudoso espírito que chora
Será tua erma sombra porventura?
Qual a barreira ideal que me separa
De ti? Mistério infindo! Ó noite escura!
Em raiz faminta se prolonga a terra,
E o céu em verdes ramos e folhagens.
Um vale vai subindo, e, enfim, é serra!
A fonte vai chorando e é mar, enfim!

E que medo tu causas aos nocturnos
E pobres viandantes, que te vêem,
À branca luz da lua, em sítio ermo!
E, no ensombrado outeiro, sem ninguém,
Onde o arvoredado triste rumoreja,
Seus cabelos erriçam-se! E, num ímpeto,
Fogem, gritando, por alguém que seja,
Como eles, desta luz e deste mundo!
Não podeis, na verdade, compreender
O que existe daquela sombra morta
E já divina em nosso humano ser,
E o que há nela, também, da nossa vida!
Por isso, tendes medo... E eu não, eu não!
Eu vejo errar, em mim, aquele espectro,
Em mim, nesta profunda solidão,
Como sangue invisível que me aquece

A alma enamorada, eternamente.
E vejo bem quanto há de minha carne
Aflita, pobre barro penitente,
Nesse vulto de névoa e de quimera!

Áurea e doce manhã de pura Essência!
Forma cortada em noite; coração
Aberto em luz.

Ó corpo de aparência,
E espírito de clara realidade!
Surge-me, rosto a rosto, entre o arvoredo,
Que medita ao luar e nos traduz
Uma saudade, um íntimo segredo,
Um vago ansiar crepuscular da terra!

Aparece-me, sim; nada receies;
Pois, se me sinto irmão dos que são vivos,
Também me sinto irmão dos que morreram,
Das pedras e dos montes pensativos.

Ah! Sempre que eu percorra, triste e só,
Este pálido outeiro, tão enfermo,
E despido e sequinho, que faz dó
Vê-lo assim com a boca já mirrada,
E o coração ao pé, num latejar,
Desvairado e febril, que não descansa,
Sob um Azul de fogo, sem ao menos
Uma nuvem — essa água ainda esperança!
Ah, sempre que eu percorra este ermo outeiro,
Num outonal sudário amortalhado,
E onde morre de mágoa o pegureiro,
Ó Sombra branca e mística, aparece-me!

Vago perfil de lágrima e luar!
Ó penumbra de luz e comoção!
Ó voz duns lábios desprendida! Olhar
Sem olhos que o limitem e anoiteçam!
Ó ouvir sem ouvidos! Noite acesa!
Forma livre de corpo transitório,
Mas presa ainda, fatalmente presa,
Ao amor, à saudade, à própria vida!

Lírio espectral que em sombras se desfolha,
De que te serve amar! Vês os teus lábios?
São dolorida luz. Teus braços olha:
São névoa. E é branca névoa a tua frente.
Mas o desejo humano é labareda
Que nunca, sobre o mundo, se apagou.
Arde na mesma cinza arrefecida
Que a loucura do vento dispersou.
E, por isso, o Desejo te incendeia
O rosto de penumbra, como abrasa
Teus seios de ilusão que o luar prateia
E os teus olhos extáticos de sombra...

E na mudez fantástica da lua,
No silêncio nocturno da paisagem,
Perpetuamente, quero ouvir a tua
Enamorada voz, a lastimar-se!
Voz diluída já na voz das coisas!
Voz feita brisa e nuvem, e lampejo
De sol! Eterna voz do eterno Amor!
Voz das águas, do fogo e do desejo!

Ó Essência de tudo quanto existe!
Por ti, noivam as aves, e a manhã
Injecta sangue virginal na Terra!

Por ti, nasceu Jesus, Orfeu e Pã!

Por ti, brame o leão e ruga o tigre!

Por ti, suspira a tarde, e brilha o raio!
E, brigando nos campos, magem touros,
Sob o sol genesíaco de Maio.
E tudo vive e acorda do marasmo
Da originária inércia imperturbável...
E de cantar, com doido entusiasmo,
Caem mortos, na água, os rouxinóis!

Por ti, o pólen desce, alegremente,
Na primavera, aos cálices doirados,
Que recebem o gérmen transcendente
Duma adorável multidão de flores!
Por ti, o mar se exalta e o vento chora!
Por ti, é clara nuvem um regato;
E o orvalho os seios abre, à luz da aurora,
Estonteado de bruma e de volúpia!

Por ti, há cousas belas e invisíveis...

Por ti, os lobos uivam, nos fragedos;
E os seus uivos percutem-se, na treva,
Povoados de espantos e de medos.

Por ti, os mochos piam; e ao luar frio,
No céu marmóreo, esculpem voos sinistros.
E o sapo, nos crepúsculos do estio,
Cantando, evoca o Pálido, o Remoto.

Por ti, desejo, os peitos da mulher,
Fontes de vida e amor, sagradas fontes,
Se dilatam e crescem e arredondam,
Como o corpo das ondas e dos montes.

Por ti, desejo místico, deixaram
Lagoas, rios, vales, sacros bosques,
As Ninfas tão formosas, que habitaram,
Neste mundo, durante a Idade de Ouro!

Por ti, Apolo é um deus anoitecido,
Luz, de joelhos; sol rezando, absorto.
E o grande Pã se coroou de espinhos
E suou sangue e lágrimas, num Horto!
E Vénus Dolorosa, Mãe das Dores,
Dum negro véu cobriu a branca face!
Ó Vénus da Aflição e dos Amores,
Ó Vénus da Tristeza e da Alegria!
E seus olhos azuis, vede-os que choram!
E tem os alvos seios trespassados
Por sete espadas, que primeiro foram
Sete raios da estrela da manhã!

Por ti, escreve o Poeta e o Santo reza...
E a Sibila delira, em negros antros!

Por ti, na Espanha, foi Santa Tereza,
Alma divina, aparição celeste!

Por ti, desejo, o dia é resplendente;
E o mar é verde, e claras as estrelas...
E, em volta duma estrela ansiosamente,
Vertiginosamente, a Terra gira!

Por ti faz sol, e chove, e venta, e neva!

Por ti, existe a cor, a forma, a luz
E o invisível, o incolor, a treva...
Por ti voltam ao mundo os próprios mortos!

A SOMBRA DO QUE FUI

Quando saio, de noite, e vou, sozinho,
Entre o arvoredo, pálido, a tremer,
Para afastar as sombras do caminho,
Levo, nas minhas mãos, um facho a arder.

E em sobressalto a noite vai fugindo,
Diante de mim, tão triste de figura!
Tão triste, e, ao mesmo tempo, despedindo
Lampejos, risos de oiro e de loucura!

E as cousas que me cercam, vagamente,
Nascem do negro caos, enevoadas,
Como se, por milagre, as visse a gente
Na matéria dos sonhos esboçadas.

Nas margens do caminho, ermos pinheiros
Erguem-se, estremunhados e embebidos
Em altas ansiedades... nevoeiros,
Que perturbam seus íntimos sentidos...

E, ao vento, gesticulam... Vê-se bem
Que desejam falar! Ó voz infinda,
Ó voz ignota, estranha, que ninguém,
Ou Adivinho ou Bruxo, ouvira ainda!

E fico, atento e lívido, a escutar,
Na noite que meu facho torna inquieta...
E a sombra duma voz paira, no ar,
E em meus ermos ouvidos se projecta...

Indefinida voz harmoniosa,
Nuvem de som subindo doutras eras;
Confusa e imensa voz misteriosa,
Como o canto remoto das Esferas...

Voz de alma que, em meus lábios, cintilou,
Quando era bruta fraga ou tronco escuro
Este corpo, que a dor humanizou,
Como a enxada abrandece o barro duro.

E fico entrelembrado do que fui,
Ouvindo aquela voz. E fico triste...
E à superfície do meu ser afluí
Tudo o que em mim de mais longínquo existe...

E o meu vulto presente, actual e vivo,
Na sombra dessa voz se diluiu...
Minha carne fez-se húmus primitivo,
Meu trágico esqueleto empederniu!

E os meus íntimos olhos descobriram
Depois um novo mundo interior,
Onde os seres e as coisas se fundiram
Em espírito apenas e em amor!

E a distância, que lembra etéreo mármore,
Onde todas as formas vão gravar-se,
Ou de homem ou rochedo ou tronco de árvore,
Era um nevoeiro anímico a espalhar-se...

Uma ascensão quimérica, infinita;
Um fumo de ansiedade e de tristeza,
De esperança, ternura e dor bendita,
Que exala eternamente a Natureza!

Vai-se perdendo em alma a Criação.
Um sonho é sangue a arder que se evapora;
Num gemido, vai céu, escuridão
E perfume de flor e luz da aurora.

Desde um incêndio à nuvem congelada,
Desde uma pedra à onda enfurecida,
Tudo vai numa lágrima sagrada,
Numa palavra terna e comovida.

Um ai, um riso alegre, uma saudade,
O canto genial do rouxinol;
Um êxtase, um enlevo, a piedade,
É tudo feito de água, terra e sol.

Como as vagas do mar, nos altos céus,
Toda a criatura foge, em névoa etérea!
E assim atinge o coração de Deus
A dor, o amor, os gritos, a miséria!

A matéria dramática, imperfeita,
Existindo e sofrendo, por encanto,
É espírito vivente, alma perfeita,
Na frente humilde e virginal do Santo.

De seus olhos benditos elevando-se,
Subindo em sua voz, que Deus escuta
Da negra lei da morte libertando-se
Vai a matéria triste, cega e bruta!

Vai subindo, subindo, milagrosa,
Num voo, sereno e eterno, que deslumbra
O Vidente, a Sibila esplendorosa
E o poeta humilde e obscuro da Penumbra.

Assim sonhei, na noite ondeante e escura;
Noite de êxtase, enigma e exaltação!
E o vento, em sua histérica loucura,
Descia, e enraizava-se no chão...

E um tronco de poeira e de folhagem,
Turbilhonando, erguia-se, no ar...
E os seus ramos cobriam a Paisagem,
Num febril e constante bracejar!

E o facho a arder as trevas assustava!
E a rir, com mãos fantásticas, o vento
Arrebatá-lo às minhas mãos tentava,
Mas ele ardia, trágico e sangrento!

Na noite negra, ardia! E os pinheirais,
Num nevoeiro pálido de mágoas,
Cercavam-me, disformes e espectrais,
E tão cheios de vozes como as águas!

ALÉM-MUNDO

Um sonho de que é feito? E a nossa imagem,
Que tem, na luz, um lívido recorte?
E a sombra que nas águas projectamos?
E o nosso espectro erguido além da morte?
E as saudades e as dores que sofremos?
E a voz e o som? E os olhos que nos fitam,
Quando, à noite, dormindo, percorremos
Não sei que misterioso e fundo abismo?

Oh que estranha e fantástica descida,
No meio de clarões e de silêncios,
Sobre a oculta paisagem, concebida
Nas penumbras do sono!

Eis o momento

Em que a nossa visão interior
Se acende, mas ainda duvidosa,
Sonâmbula e desperta em torva luz,
Como um fulgor de antemanhã brumosa.

E assim, enquanto eu vejo tristemente
As cousas indecisas que me cercam,
E ouço, lá fora, o zéfiro gemente
E um rastejar de sombras e de sedas,
Vejo também os ermos e primeiros
Contornos de outro mundo que se esboçam,
Em vagos e remotos nevoeiros,
Em confusas distâncias de crepúsculo...

De que é feito esse mundo extraordinário?
De que matéria fluídica, implacável,
São esses arvoredos, claras fontes,
Que deitam água etérea, imponderável,
E anímicas frescuras, e subtis
Névoas de sonho e dor?

De que são feitos
Esses corpos e místicos perfis,
Que meus olhos fechados sabem ver?

Ó terra que avistamos, a sonhar!
Lua que, em montes pálidos, se alumbrá!
Ondas de ignotos mares que se espraiam;
Em areais longínquos de penumbra!

Ó arvoredos, leves e ondeantes,
Surgindo, como espectros rumorosos,
De formas diluídas e distantes,
Deixando um rasto trémulo de sombra!
Fumo vago a elevar-se em altos caules,
E a dividir-se em ramos e folhagem...
Ó sonho, a desdobrar-se em horizontes
E nevoentos aspectos de paisagem!

Ó rios fabulosos, que, em profundos
E quiméricos vales, deslizais,
Entre filas de lúgubres salgueiros,
Que uma névoa sufoca e orvalha de ais!
Íntimo veio de água, que murmuras,
Neste recanto escuro do meu ser,
Neste flanco de serra desolada,
Onde os lobos sedentos vão beber.

Ó brancas ovelhinhas, a pastar,
Em penhascos altíssimos de nuvens...
E pobres pegureiros, a cantar
Elegias saudosas de outra vida...

Aves do céu, que a gente vê, sonhando!
Sombras de Anjos que passam, num clarão...
Aladas Ansiedades, palpitando
Num crepúsculo triste, onde sussurra
Um zéfiro outonal de cinza roxa,
Que, em nosso corpo vivo, se insinua,
Trazendo, em suas asas, mortas flores
E claridades lívidas de lua...

Sol doirando planícies espectrais...
Montes de névoa, outeiros, ermos vales,
Onde as cousas e os seres não são mais
Que brandas formas de luar remoto...

Novo Reino da minha intimidade,
Concebido por mim, num outro espaço...
O meu refúgio, exílio, soledade,
Minha Torre de bruma e de silêncio!

Como eu vos amo, estranhas criaturas,
Que viveis nesse Reino! Ó passarinhos
Que sois canções, voando... Antigas árvores,
Sempre a rezar, à beira dos caminhos...

Ó minha santa Avó, que vens d'além
Deste mundo de morte e de mentira
À terra dos meus sonhos, — vejo bem
Que teu vulto adorado é simplesmente
Uma divina auréola esplendorosa,
Que me contempla e fala...

Quantas vezes,

No silêncio da noite religiosa,
Os meus lábios procuram tuas mãos,
Para as beijar...

Logo de mim se afastam,

Como réstea de sol ao declinar...
E, na tristeza pálida da ausência,
Meu triste coração fica a chorar...
Doce imagem, que tanto me enterneces,
E meus olhos de lágrimas inundadas,
Porque será que, ao ver-te, me pareces
Mais animada e alegre do que outrora?
Tu, que morreste, trémula e velhinha,
Apareces-me agora mais perfeita,
Mais bela que na idade pobrezinha
Em que disseste adeus à nossa casa...
E que serenidade tens no rosto!
Que expressão de ternura e de bondade,
Quando, em sonhos, me falas e abençoa
E foges, numa branda claridade!

E vejo meu Irmão; e, ao lado dele,
Tudo o que amei e o tempo foi levando...
Ouço-lhe os passos leves, como os passos
Duma sombra, de noite, caminhando,
Através duma terra que se alumbra,
Onde a água é nevoeiro, e fumo de árvores,
E as estrelas são gotas de penumbra,
Em altas radiações de Palidez...
E as flores são perfumes; e os rochedos
Pesadelos de bruma...

E um vento forte
Perturba um largo e escuro céu fantástico,
Para onde tudo vai, depois da morte.

Mas há momentos de alma, em que esse mundo
Adquire a nitidez e a realidade
Das lágrimas, das pedras e do fogo!
E ei-lo que surge à luz da Eternidade...
E o vemos com os olhos, e o tocamos
Com os dedos do nosso corpo astral,
Que, no instante profundo em que sonhamos,
Toma relevo e forma... É o corpo etéreo
Que nosso corpo, bruto e doloroso,
Sofrendo, desejando, estremeando,
Irradia no espaço misterioso
Onde esvoaçam anjos e demónios.

E então as criaturas que o povoam
São vivas, como nós, à luz dum dia
Primaveril, edénico, perpétuo,
Feito só de esperança e de alegria.

E as cores são mais nítidas ainda
Que o vermelho da rosa...

E o Firmamento

É mais claro e visível que o perfil
Duma árvore ou rochedo, quando o vento,
Através das planícies e dos montes,
Desanuvia os ares, colorindo
E retocando os ermos horizontes,
Que as distâncias brumosas enodoam...

Nessas horas de mística visão,
Sentimos que habitamos outro mundo,
Que, para além da noite e solidão
Da terra, paira em céus espirituais...
E que, além desta carne contingente,
Que nos cobre estes ossos de miséria,
Outra existe, mais bela e transcendente,
Para onde foge e emigra a nossa alma...

Esta vida é mais ampla do que a vida
Que julgamos viver! Este Universo
Não é mais do que um ponto de partida,
Um material crepúsculo do Espírito...

Somos fontes de vida, a sombra, a origem;
Somos o fogo e não a claridade;
Somos onda do mar que se desfaz
Em névoa de Infinito e Eternidade!
Mais, ai, não somos, não, esse Infinito
Nem essa Eternidade! Assim a flor
Jamais poderá ser o seu perfume
E o coração jamais será o amor!

Mas num sonho religioso,
Num alto enlevo de êxtase divino,
Atingimos o Reino esplendoroso,
Muito depois das últimas estrelas.
E na Contemplação Espiritual,
Nessa fonte longínqua, os homens bebem
Água de puro amor, água lustral,
Água de vida eterna e redentora!

Meu santo Reino espiritual, que eu vejo,
Como através da morte, quando a luz
De profunda emoção aquece e doira
Meu corpo, — árvore verde e negra cruz...
Vejo-te, num delírio, como as árvores
Avistam, dentro de alma, os passarinhos...
E assim os olhos gélidos dos mármorez
Têm a visão confusa das florestas...
E como a terra vê, quando beijada
Pela graça da névoa que se eleva,
O grão que sobe em haste para o sol
E desce em raiz faminta para a treva...

Mas quase toda a gente (triste sorte!)
É qual onda do mar que só conhece
O sopro glacial do vento norte
E o seu bater de encontro às penedias.
Ignora que, mudada em branca nuvem,
Alcança, a Luz divina que a deslumbra,
Quando o sol bebe as lágrimas da noite
E lhe dissipa o manto de penumbra!

Ai da flor que se vê, transida e nua,
Nas pétalas findar! E não presume
Que se prolonga sempre e continua
Em seu aroma, que enche todo o espaço!

Ai da ave que tenta abrir as asas,
E quer voar, e cai desfalecida
E quer cantar, e fica muda e triste!

Ai daqueles que vivem esta vida
E não sabem amar e padecer!

Ai da pena levinha, flutuando,
À verde flor da água, sem poder
Sondar-lhe o seio virgem e fecundo!

Ai dos surdos e fúnebres ouvidos
E dos olhos sem lágrimas! Dos braços
Definhados, inertes e caídos!
Ai dos lábios sem beijos nem sorrisos!

Ai do tigre raivoso que, em seu peito,
Sente a fera crueza, que o incendeia
E o faz rugir, nas selvas tenebrosas!

Ai do mísero lobo, que vagueia
Nas fragas da montanha congelada,
Uivando a Deus a sua negra fome,
Sob a cruel e ríspida nortada,
Que o cega e lhe trespassa a magra carne!

Ó animais ferozes e ceguinhos,
Ó animais ferozes e nocturnos!
Homens ferozes, trágicos, sombrios,
Corações sem ninguém, antros soturnos,

Onde há silêncio, dor, melancolia;
Onde há plantas daninhas...

Ó janelas
Fechadas ao luar e à luz do dia!
Ó lares apagados, ai de vós!

SOMBRAS

Ó ruínas da Grécia, mais do Egipto!
Ó lágrimas de mármore celebradas!
Esfinge de olhos postos no Infinito,
Pálpebras, para nós, sempre fechadas!

Ó ruínas humildes de choupanas,
Velhos muros, à beira dos caminhos...
E mais tristes que vós, ruínas humanas,
Donde fogem, com medo, os passarinhos!

Ó Sena, Eurotas, Tibre! Grandes águas!
Que à voz de Homero, de Hugo e de Virgílio
Juntastes o clamor de vossas mágoas...
Pegos de drama e dor, margens de idílio!

Ó meu Tâmega obscuro, água dormente...
Ó rio, à noite, a arder, todo estrelado!
Água meditativa, ao luar nascente,
Água coberta de asas, ao sol-nado!

Ó pedra das Pirâmides, famosa!
Obeliscos, de pé, nos horizontes!
Estátua, ao vir da aurora, harmoniosa,
Ó pedrinhas anónimas dos montes!

Ó boca do Vesúvio, erma cratera,
Num vómito de morte e destruição!
Montes da minha aldeia, quem me dera
Ser, como vós, de terra e solidão!

Ó rochedos do Cáucaso, onde eu vou,
Em romaria espiritual, rezar!
Ó fogo eterno que o Titã roubou,
Ó fogo humilde e brando do meu lar!

Ó fonte de Castália, tão sequinha,
Já reduzida a fria cinza e pó!
Penumbra das cisternas, à tardinha,
Mais o bíblico poço de Jacó!

Água! Sangue dos vales, das campinas!
Ó fonte dos Amores, sempre aos ais!
Camenas, Siloé, fontes divinas,
Que, na História e na Lenda, murmurais!

Ó minha fonte da melancolia,
Que sentiste quebrar-se o fio etéreo
De lágrimas que ao mundo te prendia!
E em névoa te afundaste no Mistério...

Ó fontes a cantar, nos versos meus!
Água que ninguém bebe! Origem pura
Que, rasteirinha, beija os pés de Deus,
E veste as grandes árvores de verdura!

Ah, mata a sede, mata, aos passarinhos!
À poeira incandescente, à seca frágua,
Às ervas, aos mendigos e aos bichinhos;
E mata a sede, sim, à própria água!

A alma de Anacreonte rumoreja
E brilha: é flor e aurora, neste Val'...
Asa imensa de sombra que avoeja,
Sobre este livro pálido, spectral!

Ó versos de Camões, Virgílio e Dante!
Ó meu canto ignorado, humilde, incerto,
És a pegada que, na areia ondeante,
Imprime o louco vento do Deserto!

Ó versos, pobrezinhos e andrajosos,
Que, através dos farrapos, deixais ver
A carne exposta aos frios invernosos,
Que têm pena de vós, para vos ler!

Virgínia, Heloísa, Ofélia, Mariana!
Vossas queixas ficaram, no ar sombrio.
Vossos ais ainda abalam a alma humana,
Ó corpos de neblina, em desvario!

Olha os rios, Ofélia: eles tomaram
O talhe do teu vulto. E a funda mágoa
E as canções que em teus lábios se molharam
São cantos de nevoeiro, em lábios de água!

Olha, Virgínia, o mar que se perturba!
E ergue em ondas, que lembram teu cabelo!
Olha o mar, pelo inverno, de água turva!
Olha a neve a cair do Sete-Estrelô!

Ó Safo, abre os teus olhos; anda ver
A curva que teu corpo descreveu,
Num desejo de abismo, de morrer,
Toda gravada a lágrimas no céu!

Leonor, Francesca, Inês, assassinadas,
(Uma, em seu próprio leito, cruelmente!)
Gélidas, brancas sombras golpeadas
Que deitam ainda sangue, vivo e quente!

Ó amantes eternas! Nevoeiros
De lágrimas que o sol nunca desfez!
Fumos de neve! Ó sombras de salgueiros,
Ó lírios de penumbra e palidez!

Ao luar alto da Lenda, ó meus amores,
Pela noite da História, vagueai!
Essa aridez de terra enchei de flores,
Essa terra sangrenta perfumai!

Triste Menina e Moça, que eu amei,
Hoje, divino sonho que se exala,
Adoro ainda, sim, como adorei,
A tua sombra, que me beija e fala!

Quanto mais para mim são os teus braços
Longínquos e moldados em perfume,
Com mais violência eu sinto os teus abraços,
E os teus beijos de névoa são de lume!

O corpo é que é mentira, fumo vago...
E a sombra é carne, sangue, amor fecundo!
Ai, os beijos das sombras, num afago!
Ó carícia que vens de além do mundo!

Contacto arripiante da Penumbra!
Peso de nevoeiro, sufocando
Meu coração, que, extático, se alumbrava,
Junto a um seio de nuvem, palpitando!

Gemidos do crepúsculo! Ansiedades!
Febre, delírio doido e fugitivo!
Ó desmaios da noite! Ó claridades!
Sombra morta beijando um corpo vivo!

Núpcias da Primavera com o Inverno,
À luz por entre lágrimas nascida!
Do amor humano com o amor eterno,
Da Morte com a Vida!

A SOMBRA DA NOITE

De noite, quando tudo é sonho e fumo:
O corpo humano, a rocha, o tronco de árvore...
E na mudez lunar a voz adquire
Forma, relevo e peso, como o mármore...
E os murmúrios, sussurros e alaridos,
Que andam à triste flor da solidão,
Tomam vulto, perfil e modos claros
Na vaga, imaterial escuridão...

De noite, quando se ouve o germinar
Baixinho das sementes, e o rumor
Longínquo das estrelas e do mar,
E o queixume velhíssimo das cousas...

De noite, quando as nuvens escurecem;
E, inquietas, falam alto... ou gesticulam,
Sonâmbulas, abstractas... e adormecem
Num sono indefinido...

Sono aéreo,

Que um hálito de vento, por mais leve,
Perturba; um sono brando de ave ou flor;
Mais um estado de êxtase e de encanto
E profunda visão interior...

De noite, quando o espaço misterioso
Lembra o corpo de Cristo ensanguentado...
E os montes são Calvários, onde as árvores,
Com seu longo cabelo desgrenhado,
De joelhos na terra, olhos no céu,
Orvalhados de luz, piedosamente,
Enxugam as estrelas, donde mana
Sangue de vida e dor eternamente!

Quando a gélida treva nos deslumbra,
E os nevoeiros do rio se confundem
Com os sonhos que pairam, na penumbra,
E ondulam, alvejantes...

Quantas vezes,
Saio de casa, e vago, lá por fora,
A interrogar as sombras, e auscultando
O coração das fragas e dos bosques,
Que, ante mim, se alevantam, meditando...

Quantas vezes estou, como esquecido
E perdido, na noite, que me envolve
E me trespassa a alma, alucinando-a,
E, em desvairados fumos, a dissolve...
E a noite, à força de beijar meus olhos,
Misteriosamente resplandece,

Como se fosse dia!

E vejo então,
Na neblina que os campos entumece,
Desenhar-se não sei que novo mundo;
Estranho mundo, povoado apenas
De etéreas criaturas, que me falam
E me contemplam, tristes e serenas...
Vê-se que são perfeitas; e seus corpos
Principiam na Essência transcendente
Em que os nossos terminam...

E a paisagem,
Terrena, material, sombriamente,
No Incolor, no Invisível, se afundou...
E as árvores oscilaram e ondearam...
E, quais colunas trémulas de névoa,
Sumiram-se no ar e se apagaram...
E as montanhas soturnas do horizonte,
E os ermos vales e os rochedos nus,
E fontes e ribeiros e oceanos,
Tudo se diluiu na eterna Luz!

Quem sois vós, quem sois, ó criaturas,
Que, em meus olhos de cinza e de poeira,
Viveis e palpitaís... e nem sequer
Fazeis, andando, a sombra mais ligeira?
Quem sois vós, quem sois vós, estranhos seres
Que das trevas surgis, perante mim?
Quem sois vós, quem sois vós? Vinde contar-me
A vossa ignota aurora e o vosso fim!
Este mundo é silêncio? E alta harmonia
Aquele em que habitais? Eu quero ouvir

A palavra divina que alumia
A sombra das Origens!

Sim; falai,
Criaturas dos homens criadores!
Ó eleitas de Luz e da Beleza,
Que, além de nós, viveis, na vossa clara,
Espiritual e virgem natureza!

E disseram-se então:

— Repara bem:

Que vês, poeta mortal? A noite negra,
Que, no teu vulto humano e transitório,
Em luz eterna e límpida se alegra.
E cada sombra, poeta, que te mostra
Uma aparência amarga e tenebrosa,
Tem outra, é certo, que teus olhos íntimos
Podem ver; e é perfeita e luminosa.
E este infinito Azul, donde o sol nasce,
Por mais lúcido e puro, é a sombra torva
Do Universo... e nós somos luz.
Feita de etérea luz; nós somos luz.
Vês esta frente? É luz amanhecente.
Vês este novo mundo em que sonhamos?
É luz. E este arvoredo é luz apenas.
E é luz também este ar que respiramos.
Tudo é Beatitude, Amor, Candura,
Deslumbramento de êxtase sem fim!

Somos a face eterna da criatura,
De que tu és, poeta, a face triste,
Nocturna e desgraçada...

Mas bendita

Seja a profunda treva do teu ser,
Pois essa treva, que soluça e grita,
É a dolorosa Mãe do nosso Dia!
Benditas tuas lágrimas de dor!
Pois dessa água trágica deriva
A bem-aventurança, o eterno amor,
A alegria ideal em que vivemos!

E essas altas e eleitas criaturas,
Todas, diante de mim, ajoelharam...
Vi mãos de luz erguidas para a Noite
E corpos que, na terra, se prostraram.
Vi olhos, nos meus olhos, como irmãos:
Lábios de aurora abertos num sorriso
E colados, num beijo, em minhas mãos,
Inundadas de sombras e de lágrimas...

CANÇÃO DA NÉVOA

Tristezas leva-as o vento;
Vão no vento; andam no ar...
Anda a espuma à tona de água
E à flor da noite o luar...

Vindes dum peito que sofre?
De uma folha a estiolar?
Donde vindes, donde vindes,
Tristezas que andais no ar?

Eflúvios, emanações,
Saídas da terra e do mar,
Sois nevoeiros de lágrimas
Que o vento espalha, no ar...

Suspiros brandos e leves
De avezinhas a expirar;
Ermas sombras de canções
Que ficaram por cantar!

Branças tristezas subindo
Das fontes, que vão secar!
E das sombras que, à noitinha,
Ouve a gente murmurar.

Saudades, melancolias,
Que o Poeta vai aspirar...
Melancolias e mágoas,
Que são almas a voar.

E o Poeta solitário
Fica a cismar, a cismar...
Todo embebido em tristezas,
Levadas na onda do ar...

E o Poeta se transfigura,
É a voz do mundo a falar!
E aquela voz também vai
No vento que anda no ar...

A SOMBRA DE DEUS

E vi fazer-se, em mim, aquela Noite
Originária; a Noite primitiva
Que era o mundo em espírito somente,
Verbo por encarnar em forma viva,
Em terra cor alegre e palpitante...
Sonho, amor, esperança adormecida,
Vaga penumbra de oiro madrugante...

A Noite, virgem Mãe da Criação,
Das almas, dos fantasmas e de aquelas
Edénicas manhãs...

Manto de sombra
Que em suas dobras escondia estrelas!

Noite maravilhosa que, em seu ventre,
Dilatado, sentia germinar
Um braseiro de sóis, donde saíam,
Como extintas faúlas, a voar,
Grandes lágrimas de água e terra escura.

A Noite anterior, primeiro estado
Fluídico e invisível da Matéria;
Um sentimento apenas, desmaiado
Sopro de sombra, errando, no Infinito...

A Noite originária, espectro enorme,
Que em si continha a estranha Natureza;
O Tâmega, o Marão em brônzeos píncaros,
A Bíblia, a Esfinge, o vulto da Tristeza...

Aquela Noite universal de outrora,
Donde tudo descende; e em nosso corpo,
Humanizado e vivo, grita e chora,
E em nosso coração é sombra pálida!

Ó resíduos da Origem, do Princípio!
Lodo impuro, que a fonte da Existência
Depositou em nós, e se integrou
Em nosso próprio sangue latejante.
Sons mortos, indecisos, que ficaram
Sepultados nos lábios da Natura;
Cinzas que o Verbo, eterno e criador,
Para sempre, deixou na criatura!

A Noite primitiva que, em minh'alma,
É confusão, angústia, imperfeição...
E nas cousas é trágica dureza,
Silêncio, inércia bruta e solidão!
E nas bagas de choro é peso de água

Que de alta e torva névoa as faz tombar!
E é, na luz dum sorriso ou da alegria,
A escuridão que o tenta sufocar!
E a deslumbrada aurora empalidece...
E imobiliza as rochas; e, num hálito
Gelado, os nossos nervos amortece!
E brame no leão, ruge no tigre!
E foi suor e lágrimas, num Horto!
Perante o negro Cálix da Amargura,
E a frieza, ante a Mãe inconsolável!

Ó Noite universal, Noite de horror;
Mas Noite criadora e maternal!
Eu bem te vejo, em mim, na minha dor,
E nos meus versos, ai, cheios de sombra!
E vejo-te na face da mulher...
No perfume dos lírios: sentimento
Que se eleva, no Azul, como se fora
Um ser perfeito, ideal desdobramento...
Pois todo o corpo se dilata e perde
Em quimera, desejo, sonho etéreo,
Brandas palpitações, soluços vagos,
Nevoeiros e trevas do mistério,
O roxo véu de lágrimas que o sol
Põe diante dos olhos abrasados,
Para entrever a sua antiga origem
De crepúsculo e sombra...

Ó desmaiados

Cantos dispersos, vibrações anímicas,
Ondulações de névoa e de penumbra,
Rumores de luar, confusas vozes,
Remota claridade que se alumbra...

Ermas visões, fantasmas solitários;
Fantasmas de arvoredos e de estrelas,
De horizontes, de oceanos, de Calvários,
De pedras mortas e criaturas mortas!

Ó fumos espectrais que a Natureza,
Como um incêndio, exala, na amplidão,
Afundais-me na lívida tristeza
De alto segredo e perturbante enigma!
E sinto-me afogar num mar de bruma...
E fico assim, a olhar, a olhar, no Além,
Como através dum outro Firmamento,
A Penumbra ancestral, a Noite mãe!

Saudosa, em mim, fez a antiga Noite...
Nos seres e nas cousas se infiltrou,
Desmoronando as formas e os relevos,
E tudo, dentro dela, sepultou.
E o mundo tosco e bruto se traduz
Em crepúsculo, em névoa, aéreo fumo...
O tempo é noite; o espaço é noite; a luz
É noite; o som é noite...

Ó noite imensa,
Feita de sóis, de pedras, de alvoradas!
De avezinhas cantando, em ramos verdes,
De rosas de perfumes, embriagadas,
E fontes, ao luar, cheias de Graça!

Mas cada forma, trémula e ilusória,
Num espírito vivo se converte.
Luz eterna sucede à luz corpórea,
Tal como à noite humana a luz de Deus.

Ó Noite criadora! Ó Noite escura!
Ó tenebrosa mãe de Satanás!
Que um ai de amor, um halo de ternura,
Inunda de brancura madrugante!

O clarão da esperança, o alvor do dia,
É funda escuridão que se comove!
A luz, a luz, é o êxtase, a alegria,
Um encanto da sombra!

A própria flor
É terra que uma lágrima beijou!
É terra que sonâmbula flutua,
Em dorido perfume, etéreo enlevo,
Quando, em silêncios de alma, nasce a lua...

E a nuvem que será? Vaga do mar,
Que o sol, doido de luz, contra o seu peito
Em chamas, abraçou! E ei-la, a voar,
Num cinzento desgosto humedecido...

E em suas ascensões esplendorosas,
Nosso espírito é a nossa própria carne,
Que vibra e sobe, em ondas misteriosas
De mística harmonia e sonho eterno!

Os corpos irradiam sentimento,
Como as estrelas luz; como a açucena
Seu aroma de neve imaculada,
Em pálidas tardinhas de novena...

O sentimento existe, na verdade;
É criatura amante que deseja...
É cor divina que o Poeta vê,
É forma viva que ele abraça e beija!

Tudo o mais é ilusão, mentira vã;
Torvo fumo irreal do anoitecer...
Espectros, que os sentidos, como cegos,
Tacteando, na sombra, julgam ver!

Ó Noite do que as noites mais antiga!
Manto, funéreo e negro, a desdobrar-se
Em estrelas, em mundos e universos,
Em nevoeiros de vidas a espalhar-se...
És a sombra genésica e fecunda
De Deus!

Ó via-láctea! Ó sol ardente!
Monstro de luz, abismo de alvoradas!
Glória do dia e queda do poente!
Sírius, Neptuno, Marte, Nebulosas,
Roma, Jerusalém! Platão e Nero!
Abril, perfumes, lírios, claras fontes
E cantos de pastor, versos de Homero!
Ó sermão da Montanha! Ermos Profetas,
Pitonisa, em delírio, a estrebuchar!
Sibilas, Adivinhos, Fausto e Goethe!

Píncaros do Himalaia, ondas do mar!
Verdes campos, sinistros areais,
Pirâmides e templos, áureas praias;
Gritos de Prometeu, saudosos ais

Da Virgem Dolorosa! Alto Calvário,
Ó Parnaso, entre névoas, aureolado!
Sois apenas um fumo transitório,
Invisível crepúsculo tombado
Da sombra eterna e universal de Deus!

A Criação é denso nevoeiro
Que dimana de Deus e o encobre todo;
E o rouba às nossas almas afligidas,
Que têm, nas asas, máculas de lodo.

Deus sofre no Universo; e nele vive,
Pregado e ensanguentado; e os astros são
Cravos que as mãos e os pés lhe dilaceram;
E seu perfil divino é escuridão!
E seu divino sangue é luz de estrela
Que das suas feridas, sempre abertas,
Escorre, e se derrama, e se congela
Em arvoredos, em ave e lírio triste!

E Deus suspira e geme, contemplando
A sua própria sombra arrefecida,
Mortificada e negra, cintilando
Constelações de lágrimas sem fim...

Sombra que o trouxe, ao peito, com amor,
E em seu ventre gerou...

Toda a criatura
Procede duma sombra anterior,
É verbo, por milagre, reencarnado.

Quantas vezes nas horas emotivas,
Eu vejo etéreas brumas flutuantes,
Manchas que ondulam, íntimas auroras,
Hálitos de luar, sonhos distantes,
Em busca de dramático relevo,
Procurando, ansiosos, a tremer,
Um corpo que os projecte sobre a terra,
E onde possam chorar, cantar, viver!

Ó misteriosas névoas indecisas...
Fantásticas saudades, que desejam
Achar as formas nítidas, precisas,
Que encontraram as pedras e os metais!

Assim o mundo, ó Deus, é tua sombra!
E tudo quanto, neste espaço, existe
É a tua estranha dor e imperfeição:
Tua parte mortal, nocturna e triste
E frágil, mentirosa e transitória!
E onde estás, mais presente e verdadeiro
E mais vivo, talvez, que em tua glória,
Em teu deslumbramento e luz divina!

A SOMBRA DO HOMEM

Quando, num sono aéreo, tudo dorme,
É a treva lembra luz adormecida...
É o silêncio, quimérico e disforme,
É só uma canção interrompida...

Quando um pinheiro, além, na indecisão
Da noite, que o perturba e lhe faz mal,
Se vê, perdido em vaga confusão,
Torna-se um ermo e vago pinheiral;

Quando, na sombra espessa, ó minha fonte,
Desliza, anseio de água, a tua voz,
De som molhando o rosto do horizonte,
Que sofre e chora, às vezes, como nós...

Quando em paz tudo dorme, eu sonho e cismo.
Remorso? Exaltação? Delírio a arder?
E ouço vozes, que vêm dum fundo abismo,
Por minhas mãos aberto no meu ser!

E ouço vozes e passos... Quem me fala?
És tu, ó chuva? Ó vento? Ou serei eu?
Ah, como distinguir a minha fala
Das vozes que andam, tristes, pelo céu!

Já de tanto sentir a Natureza,
De tanto a amar, com ela me confundo!
E agora, quem sou eu? Nesta incerteza,
Chamo por mim. Quem me responde? O mundo.

Chamo por mim; e a estrela me responde.
Chamo, de novo; e diz o mar: quem chama?
E diz-me a flor: onde é que estás? Aonde?
Vede a sorte terrível de quem ama!

Quem é somente amor desaparece;
Deixa, para ser tudo, de existir.
Por isso, enquanto o Amor nos entristece,
Tudo, em volta de nós, está a sorrir...

Qual é tua alegria, ó Criação?
A dor da criatura. E, sendo assim,
A alegria do nosso coração
É a dor universal que não tem fim!

Viver, é receber a vida alheia;
Mas quem falece entrega a própria vida.
E, para que dê luz minha candeia,
Quanta gota de azeite consumida!

E Deus se exalta e vivifica, em nós;
E nós, em Deus, morremos, por amor.
O silêncio divino é a minha voz,
A alegria divina é a minha dor!

Ó Deus, tu és, em mim, fragilidade;
Sombra que, por encanto, surge e passa...
E nele, sou profunda Eternidade,
Êxtase, Beatitude, Enlevo e Graça!

Orar, é a gente ver a Deus em si
E ver-se a gente em Deus. Nessa visão,
Homens da terra, os olhos consumi!
A esse fogo deitai o coração!

Ah! Cada cousa humilde ou criatura
É a lenha que conserva, sempre acesa,
A fogueira de Deus, na noite escura
E gélida e sem fim da Natureza!

A ÚLTIMA SOMBRA

Esta sombra infinita em que me afundo
E a que tentei dar cor e forma viva,
É o princípio do mundo e o fim do mundo;
A aparição fantástica das cousas...

Sombra que no Passado se projecta,
E é cinza arrefecida... E, ao mesmo tempo,
Sobre o Futuro, é sonho de Profeta,
É límpida e amorosa consciência...

Ó sombra, flor de treva, recortada
Em pétalas de fogo! A noite triste
É um lírio negro aberto em luz doirada,
Ou doirado perfume, que alumia...

Antes da *terra mater* atingir
A sua última fase espiritual,
Deus era Verbo apenas; nada mais
Do que inerte penumbra universal...
Mas, enfim, quando a terra solitária,

Em nós, se fez espírito perfeito,
— Deus, essa antiga Sombra originária,
Encarnou, tomou vida e humano corpo.
Sim: o Verbo de Deus é que é Matéria;
E a encarnação de Deus é que é Espírito!
E a nossa imensa e trágica miséria,
Criadora de Deus, em Deus falece.

Ó sagrado momento do Destino,
Em que a triste Matéria transitória,
Num sonho ideal, num ímpeto divino,
Se vê pura, liberta e redimida!
Então, a pobre carne sofredora,
Barro feito de dores e amarguras,
Em piedade, ternura e pensamento,
Ergue seu voo às místicas Alturas!
E sublimada em alma, para sempre,
À luz da Eternidade imperturbável,
Há-de viver na santa paz bendita,
Num santo e doce enlevo interminável...

Ó momento sagrado, em que perpassa,
Lá na distância anímica dos céus
E mais do nosso olhar, etérea sombra,
Apenas um crepúsculo de Deus!

Sombra que me beijou! Beijo de amor!
Beijo de terra e céu! Ó beijo cósmico!
Perturbação genésica! Rumor
Da noite, abrindo os seios de luar...

Vago rumor de lágrima, tremendo,
À negra flor duns olhos virginais...
Turvo rumor de névoa, emudecendo
O cântico da aurora, em versos de oiro...

Rumor das cegas, túmidas sementes,
Que, firmadas nos caules, se alevantam...
E, em seus braços, os ventos penitentes
Moldam gestos de bênção, na paisagem.

Rumor do Verbo, aflito e angustioso,
Que logo se converte em peso bruto,
Em sangue vivo e corpo tenebroso,
Agrilhado à Dor, que o vai remir!

Brônzeo rumor de nuvem trovejante,
Precipitando, ao longe, sobre os montes,
Grande torrente, acesa e deslumbrante:
Glória de Deus surgindo no crepúsculo!

Branco rumor, ao luar, de branca vela...
Áureo rumor do sol primaveril;
Rumor do alvorecer de íntima estrela,
E do entreabrir dos gomos e das flores...
E do gretar da terra, trespassada
Pelas hastes, que sobem, desejosas,
Sedentas de ar, famintas de alvorada,
Na antevisão da flor e do perfume!
Alto rumor astral do azul dos céus

Que sustenta, pendentes dos seus úberes,
Os sóis!

Rumor da sombra ideal de Deus!
Perturbação divina!

Alto rumor,
Que me beijaste, em pleno coração.
E desse infindo beijo comovido
Nasceram estes versos de oração,
Rezada pelo vento, às horas mortas.

SENHORA DA NOITE

Senhora da manhã e do dia
E também do crepúsculo amarelado,
O silêncio da noite misteriosa,
Por quem ando, nos trevos, costurado.

Perfil de lábi, língua e cabeça!
O dor e amor! O sol e lua, o dia!
Corpo, que é alma e matéria e dorosa,
Alma, que é corpo lírio e tremido.

Mulher perfeita em sonhar e realidade,
Anarquia divina da bondade,
O lírio, rosa e flor e fúlburaçada!

Carinhoso de lágrimas e do suor,
O céu e a terra, o inferno e a paixão,
Deito vestido e nu, o corpo belado.

Que sempre, quando sou eu, sou
O ideal.

Rua de Santa Isabel de Deus
Porto Alegre - Brasil

Alto Rio Negro

Que me bejasse, um pouco, o rosto
E fosse julgado pelo sorriso.

Notem que sou eu, sou eu, sou eu
SENHORA DA NOITE

A MINHA MUSA

Senhora da manhã vitoriosa
E também do crepúsculo vencido.
Ó senhora da noite misteriosa,
Por quem ando, nas trevas, confundido.

Perfil de luz! Imagem religiosa!
Ó dor e amor! Ó sol e luar dorido!
Corpo, que é alma escrava e dolorosa,
Alma, que é corpo livre e redimido.

Mulher perfeita em sonho e realidade.
Aparição divina da Saudade...
Ó Eva, toda em flor e deslumbrada!

Casamento da lágrima e do riso;
O céu e a terra, o inferno e o paraíso,
Beijo rezado e oração beijada.

A MINHA MUSA

Aí vem a meia-noite, erma donzela,
Senhora minha;
Rosa de sombra que, em botão, é estrela
E, quando desabrochada, é manhãzinha;
E, ao atingir a plena puberdade
Voluptuosa,
Despe o traje infantil de claridade,
Transfigura-se, e é noite silenciosa.

Aí vem a meia-noite. Olhai seu jeito,
Seu modo lindo.
E, tímido de estrelas, o seu peito,
Sob os beijos de Deus, se vai abrindo.
E divinas carícias sensuais
O fazem brandamente palpitar...
Tetas de névoa, ó seios maternos,
Onde um Menino Deus há-de mamar!

Aí vem a meia-noite. É fumo etéreo
Que a labareda olímpica do sol
Derrama, entontecendo de mistério
A Sibila, o Poeta, o Rouxinol.

Aí vem a meia-noite... Ó meu desejo,
Ajoelha e reza!
E tu, meu claro rio, sê um beijo;
Lágrimas, beijo de água e de tristeza.
Ó verde flor, mimosa e marulhante,
A derivar
Para o distante
Jardim do mar.

Aí vem a meia-noite. As claras fontes
Emudecem num êxtase profundo.
Nos horizontes,
Pairam mágoas e brumas deste mundo.
É a estranha hora,
Em que o segredo e o medo se alevantam.
Nos pinheirais, o vento geme e chora,
E os sapos cantam.
E ouço a noite chorar, no meu jardim,
Tão desolada!
Chora por mim,
A dor, nas coisas mortas, encantada.
E chora, como as árvores sentindo
Esse orvalhado alívio das manhãs.
Gotas de fogo líquido, sorrindo,
Ó doce orvalho! Ó lágrimas pagãs!

Aí vem a meia-noite... Olhai, olhai,
Seu vestido nupcial que a lua fez.
Que lindo! Vinde ver como lhe cai,
Num casto alvor de neve, sobre os pés.

Aí vem a meia-noite, caminhando,
A murmurar...
Música dentre névoas ondulando,
Sinfonia de sombra, aéreo mar...
Olhai o vento enamorado e preso
Da sua trança que, ao longe, é luz do dia;
Negra trança que finda em oiro aceso
E os remotos países alumia.

E vinde ver,
Nas ondas espectrais do seu cabelo,
Como divina jóia, resplender
O sete-estrela.
Pôs-lhe no brando peito a bela tarde
Sombras de lírios.
E, em seus dedos de anéis, crepita e arde
A esbraseada pérola de Sírius.
Do céu azul
Chovem rosas de luz, quando ela passa.
Seu agitado leque é o vento sul,
E o triste luar, caindo, é sua graça.
E a *Lira* ardente, que ela traz na mão,
Muito além, ressoa...
E, enquanto dorme o *Taurus* e o *Dragão*,
Sob o seu peso etéreo, o mundo voa...
Que sagrado momento! Que esplendor!
Ouve-se Orfeu cantar e a voz magoada

De Eurídice que surge... Ó alta flor
Ressuscitada!
E tudo se perturba e se deslumbra!
Saem chamas das fendas dos rochedos,
Cintilam ígneos beijos, na penumbra
Dos arvoredos...

A meia-noite aí vem, cheia de graça,
Detrás da serra.
Sob os seus pés — tão leves! — se adelgaça
E quase se evapora a própria Terra.
Tudo o que toca a fímbria iluminada
Da sua longa saia escurecida,
Se é rocha, fica em névoa transformada;
Se é névoa, fica em rocha convertida!
Tudo, sob os seus pés, se transfigura.
É tudo um sonho vago de luar.
A fonte é só marulho de ternura,
A deslizar...
É tudo sonho vago... aparição
Fantástica e remota do Passado,
Quando era o sol nocturna comoção
E lívido crepúsculo parado.

Aí vem a meia-noite. Ó noiva triste,
De olhar tão sério!
Que é do teu noivo, dize? Onde é que existe
O Príncipe da sombra e do mistério?
Em que país de lenda e nevoeiro
Ele te espera,
Escondendo, no peito aventureiro,
Teu retrato de sol e primavera?

Aí vem a meia-noite, a triste dama.
Silêncio, ouvi...
Quem por mim chama?
É ela quem me fala, mesmo aqui,
No sítio onde me bate o coração
E as minhas doidas lágrimas, cantando,
Tentam as asas de água e solidão,
Esvoaçando...

Aí vem a meia-noite, erma donzela.
Vou contar-lhe, baixinho o meu segredo.
Minha voz, sê luar ou luz de estrela
Ou sussurro encoberto de arvoredo,
Rezando a Deus.
Sê, como, à tarde, um canto magoado,
Tão diluído já no azul dos céus,
Com o sentido já tão apagado,
Que não pode saber-se o que traduz;
Se é de origem humana ou simplesmente
O murmúrio de sombra, névoa e luz
Que deixa, atrás de si, o sol-poente.

A pobre voz dos homens, quem na entende,
Se perdeu todo o viço e toda a cor?
E, como folhas murchas, se desprende
Das ressequidas almas, sem amor...
Se é uma voz, já morta e dissecada;
Morta nos ares,
Cinza gelada,
Múmia de som em lábios tumulares.

E seu rosto, que as sombras vão florindo,
Com ar de riso,
Voltou-se para mim, num gesto lindo,
Mas indeciso.
E disse-me, pousando a sua mão
Na minha frente:
(Lembrava a asa viva dum clarão,
Sobre a terra cismática dum monte)

«Quem és tu, que saíste ao meu caminho?
De que alegria vens? De que tristeza?
És um espectro, errante e pobrezinho,
Da Natureza?
Sombra de dor e amor que ela projecta,
Indiferente,
Num estranho delírio de profeta
E de vidente?
Quem és tu? Quem és tu, ó criatura?
Ermo, vago perfil que me faz medo...
Olhar alucinado que procura
Surpreender a vida e o seu segredo...
Embora eu viva, sim, muito distante
De ti, eu vejo,
Por essa tua sombra irradiante,
Tudo o que és em espírito e desejo.

Vê-se bem que essa frente torturada,
Com alturas de luz, negros recantos,
É toda, lá por dentro, povoada
De sonhos, de fantasmas e de espantos.

«Não és mais do que um vulto concebido,
Nos seios da divina Irrealidade.
Ah, se eu te desse um corpo definido
Meu Deus, se, porventura, tu ficasses,
E todo a arder em chamas de ansiedade!
Diante de mim, perfeito e verdadeiro!
E se, com doidos braços, me abraçasses,
Embora num abraço derradeiro!
Que é felicidade? É descobrirmos,
Fora de nós, um sonho redentor,
E com ele, de súbito, fugirmos,
Para mais longe do que o próprio amor!
É tocar com as mãos nossa esperança;
E sentir o seu peso; e a gente ver
Que se curva sob ele e que se cansa,
Até cair de rastos e morrer!

«Mas fala tu, espectro vagabundo,
Ó sombra estranha!
Que a tua voz abale este profundo
Silêncio, que me cerca e me acompanha!
Eleva a tua voz. Que possa ouvir-se
Em mar e serra.
Que, de eco em eco, vá repercutir-se
Pela formosa imperfeição da Terra...»

«— Senhora minha, meu amor, lhe disse.
Sou imagem de fumo e nuvem sou;
Ténue floco de espuma, à superfície
Da onda virginal que te criou;
Onda revolta e verde de esperanças,

Redemoíño genésico, a espumar;
Onda coberta de algas e de tranças
De ninfas e amorzinhos a nadar...

Eu sou, Senhora minha, a criatura
Rendida dos teus olhos criadores;
Preso aos teus pés gentis de noite escura
Que só pisam espuma e trilham flores.
Eu sou aquele que ama; o rasteirinho
De corpo, e de alma clara e alevantada.
Sou a poeira que ergue, em teu caminho,
Tua saia com rendas de alvorada.
Sou invisível névoa de alegria
E de tristeza...

Um fumo de ansiedade e de harmonia,
Envolvendo e animando a Natureza.

Sou aquele que sonha, extasiado,
E tudo admira!

E vê, subitamente deslumbrado,
Que tem nas mãos a sombra duma lira.

Eu sou aquele arbusto que se exalta
E se enternece...

E, à luz mais alta,
É só além das nuvens que floresce.

Sou a terra que chora, terra viva
De Portugal.

E a tua água, ó Tâmega, deriva
Da minha oculta fonte espiritual.

Sou pedra que se funde, mal lhe toca
Um ai de dor, um beijo, um sopro etéreo;

Sou a voz que os espíritos invoca,
Sou um ébrio de sombra e de mistério.

«Sou tudo o que tu és, ó noite bela!
Almas e coisas sem princípio e fim,
Teu perfil que, nas trevas, se revela,
São fantasmas gerados dentro em mim.

«Ó noite imensa,
A luz do meu olhar é luz do dia...
E em relevos esculpe a névoa densa,
Que me arrepia...

O mar, em negras ondas de amargura,
Os arvoredos...
Tudo o que me seduz, e que procura
Rodear-me de espantos e de medos!

«Sou a imaginação, fecunda e santa,
A suprema e divina criadora,
Que dá tenra verdura e seiva à planta
E, em bâtegas de cor, condensa a aurora.
Num misterioso gesto da Sibila,
Molda na terra o busto duma flor
E a tosca e bruta rocha, que cintila,
Toda molhada em lágrimas de amor!
Sou a imaginação, água das fontes
Que mata a sede às almas caminhanes.
Criei as formas bíblicas dos montes
E os outeiros pagãos e verdejantes.
E, à nova claridade que projecto,
A horrenda morte é a Vénus amorosa...
Sou eu que visto um trágico esqueleto
De carne viva, em flor, maravilhosa!

Eu sou a vida
E a luz de tudo.
Fora de mim, há a sombra indefinida,
O espectro mudo...
A confusão das nuvens, bruto mármore
Que eu tomo, em minhas mãos extasiadas,
E ei-lo donzela e rosa e tronco de árvore,
A música das formas animadas...
Figuras imortais do meu desgosto...
Sobre elas choro, com pesar profundo,
Tal como Deus chorou, velando o rosto,
Sobre a beleza cósmica do mundo...»

II

E a noite, onde murmura a nossa origem,
Subiu comigo aos cerros do Marão.
E a estrela virgem
Da Anunciação,
De seus lábios, cantando e rindo, nasce:
Um áureo beijo, a arder e a iluminar...
Seu cabelo aloirava; e à sua face
Viam-se as lindas cores aflorar.

Brumas, sombras nocturnas, brandamente,
Sumiram-se, no ar...

E seu formoso
Corpo cruel de deusa onnipotente,
Voluptuoso,
De pé, naquela altiva soledade,
Como enlevado, extático, sorrindo,
Domina a planetária imensidade
E o céu infindo...

E aquele riso,
Doirando a serra,
É um anjo que nos mostra o Paraíso,
Além da terra.

Alto sorriso lícido, escultura
Em luz marmórea...
O busto da esperança que fulgura,
Dentro de nós, no escuro da memória...

Ó riso, árvor' de luz, solta folhagem
De azul tremente!
Ó rosto alegre, outeiro em flor, paisagem...
Idílica frescura, água corrente...

E a aurora, toda envolta em suas tranças,
Sentiu tocar-lhe a fronte esclarecida
Minha alegria feita de lembranças,
Como é feita de mortes minha vida.
E um relâmpago da sua comoção
Me trespassou!
Quase me não batia o coração,
Neste peito onde a dor o encarcerou.
E, ante aquele milagre repetido
E extraordinário,
Como aturdido,
Num fragaroso cume solitário,
Eu vi, eu vi, o doido encantamento
Do mundo que revive e se deslumbra...
Vi o perfil angélico do vento
E o perfil, já doirado, da penumbra...

E a neblina, quimérica e desfeita,
Sobre o largo horizonte montanhês,
Mas tão perfeita,
Que era candura, altura, esplendidez!

E vi a aurora!

E, ao vê-la, tudo canta.

A semente germina e quer ser árvore.

A água voa, é nuvem que se espanta,

Aéreo mármore!

E eis que o frio se embebe de calor

E no ar se perde.

E a seiva que se agita é quase flor

E folha verde.

E rumorejam

Os misteriosos bosques, e estremecem...

As ondas vivas e os cristais lampejam

E as mais claras estrelas escurecem.

Por ti, aurora, a minha dor espalho,

E me enlevo num sonho imorredoiro...

E em sete gotas límpidas de orvalho

Ardem as sete maravilhas de oiro.

Sorris, e que dilúvio de alegria!

Quantas tristezas mortas, a boiar...

E os mármoreos vibrantes de harmonia,

Ó Grécia, são estátuas a falar.

Cantas, e logo as fontes e os ribeiros
São cores diluídas, marulhando,
E corpos liquefeitos de salgueiros,
Asas e nuvens de água, deslizando.

Cantas, e sobre as rochas de granito,
Balem, saltando, os meigos cordeirinhos;
E sobem, como preces, no Infinito,
Os cânticos ao sol dos passarinhos.

Cantas, e a cotovia é voz etérea,
Preso dum raio de oiro! E o mundo alado
É céu azul, em trágica matéria,
Cristalizado.

E a sombra da noite (que já era
A senhora da aurora) caminhava,
Numa atitude em flor de primavera,
Através da montanha... E olhava, olhava,
Os largos e sombrios horizontes,
Em ascensões de névoa e claridade,
E os ermos montes
Da saudade...

Sorria e caminhava, na mais calma,
Divina indiferença da paisagem...
E nem um sonho torvo ou sombra de alma
Na sua imagem.
E Flora perfumava-lhe os caminhos;
Atirava-lhe lírios, bem-me-queres
E rosas; os ligeiros Amorzinhos
Voavam, em volta dela; e a deusa Ceres

Também acompanhava a bela aurora,
Surpreendida!
E, vendo-a, o grande Pã suspira e chora
E tange a amena flauta dolorida.
E as deslumbrantes ninfas, em cadência,
Soltas, ao Azul, as tranças de oiro quente,
Dançam, à luz do sol, na transparência
E alegria da vida adolescente.
E a cálida humidade, que amolece
E sensualiza as plantas e os rochedos,
É uma sombra de névoa que aparece
E tudo abraça e beija...

Há mil segredos,

A murmurar...
E altas canções,
Vindas no fresco zéfiro do mar...

Hálitos de sereias e tritões,
O cheiro vivo e são das maresias,
Imagens de Anfitrite, perpassando
Nas líquidas distâncias, aleluias
Da lua, sobre as ondas, encantando
E comovendo o espírito das águas,
Vogam na clara e lúcida atmosfera,
Que enternece a montanha e as duras fráguas,
Como se fosse a mesma Primavera.

E a aurora, a rir, num gesto distraído,
Muitas vezes, compõe o seu cabelo,
Onde brilhará, lúbrico e perdido,
O sete-estrela...
E a sua saia de oiro, rastejante,

Ergue poeira de beijos, e seus pés
Imprimem, sobre a terra verdejante,
Pegadas de luar e limpidez.
As suas formas, puras e donzelas,
Desprendem-se dos raios, que alimparam
O firmamento azul, onde as estrelas,
Com sede de penumbra, estirolaram.
E as folhas mais tenrinhas nem sequer
Vergam, sob o seu peso, e a própria bruma,
É como bruta pedra... Só meu ser
É branda espuma...
Só ele é névoa flébil e quebrado
Cristal, quebradas lágrimas de amor...
Só ele verga e tomba apaixonado,
Ante os olhos azuis daquela Flor!

E a aurora vai sorrindo, e iluminando
Bocos medonhos,
Temerosas cavernas, despertando
Nocturnos sonhos;
Sombras que batem asas e esmorecem...
Ocultas ansiedades misteriosas
Que transparecem
Na expressão fisionómica das cousas.
E o plúmbeo sono cósmico dos montes
Se evaporou...

E o sono virginal das claras fontes
Na própria voz das águas se afogou...

E há só olhos abertos para Aquela
Que a esperança mortal, em nós, derrama...
Tudo o que vê seu vulto de donzela,
Como esculpido em rosa e branca flama;
E o seu andar
De névoa e o seu perfil de divindade;
Tudo o que, enfim, a vê, fica a cismar,
Numa alegria e luz que é já saudade...

E a aurora vai sorrindo aos desolados
E infindáveis desertos de secura,
Em cujos ermos longes magoados
Pairam fantasmas de água e de verdura...
E àqueles altos montes, que um desgosto
Fez infecundos,
E têm rochedos mesmo à flor do rosto
E têm rochedos íntimos e fundos.

E a aurora às verdes ondas vai sorrindo...
E seu ígneo cabelo se insinua,
Como carícia de oiro, refulgindo,
Naquela nua,
Limosa carne, líquida e ondeante,
Que se abraça, amorosa e desejosa,
Ao pobre e frágil lenho navegante,
E à saudosa
E indefinida
Praia de cínzeas tintas, áureos tons,
Lá onde, em velha fraga carcomida,
Retumba o mar em cavernosos sons.

Ó mar, pego de lágrimas que cinge,
Num abraço, salgado e nevoento,
A tenebrosa terra, louca esfinge,
Com seu cabelo arbóreo solto ao vento...
Ondas do mar, estradas de água a andar...
Poeira de espumas.
Levai-me, sim, levai-me, ondas do mar,
À sua ilha de neves e de brumas!
Ó mar, ó mar, embala a minha dor!
Ó brancas velas,
Asas prenhes e côncavas de amor...

Ó mastros a apontar para as estrelas!
Ó verdes, ó azuis profundidades!
Ó noites sobre o mar! Ó solidão!
Negras distâncias, nuvens, tempestades,
Meu coração!

E a aurora vai sorrindo às lindas ilhas,
Com grutas misteriosas, onde há fadas,
Deusas colhendo flores, maravilhas,
Lagos, rios e selvas encantadas...
Puras fontes de néctar e ambrosia,
Sempre a manar dos flancos dum penedo...
Verdes outeiros na embriaguez do dia,
Roxos vales de sombra e de segredo...

E a aurora vai sorrindo; e aquele riso,
Claro e fecundo.
Dá um ar infantil de Paraíso
À velha e férrea idade deste mundo.

III

E a aurora, que entristece, vai fugindo
Atrás dela, ficando em grande mágoa,
O mar, paisagens bíblicas florindo,
Sob bênçãos de sol e beijos de água.

E a aurora vai fugindo, e abandonando
Meu corpo, envolto em sombras... E, nos céus,
Voam penumbras mortas, recordando
O fantasma perdido de algum deus...
Divindades caídas que perpassam
Na floresta abrasada do poente...
E sombras de amorzinhos esvoaçam,
E Vénus surge, ao longe, vagamente...
E há ninfas de luar, enternecendo
A merencória tarde que se esfuma...
Íris das sete sombras, descrevendo
O seu arco de lágrimas e bruma.
E o fantasma de Pã, entre o arvoredo,
Projecta a sombra fúnebre da Cruz...
Há vozes no silêncio... Ergue-se o medo,
Ante a queda dramática da luz.

E, no triste crepúsculo sombrio,
Erram sombras de faunos... E os pinhais
Sentem um fundo e gélido arrepio
E sussurram aos ventos espectrais...

E, nos bosques, as tochas das bacantes,
Quase apagadas
Bruxuleantes,
Deixam nódoas de cinza... E desprezadas
Nereidas, junto às águas que murmuram,
Baixam os olhos, tristes, pensativas...
E alheadas, sonâmbulas, procuram
Idades de ouro, as eras primitivas...

E a senhora da noite, novamente,
Se transfigura.
E a sua loira trança resplendente
Já tem manchas de treva...

E aquela pura
E luminosa fronte, donde nasce
A divina beleza, escureceu.
E vieram pousar na sua face
O silêncio da terra e a paz do céu.

E a senhora da aurora é já senhora
Da tarde e da piedade... E o seu olhar,
Que era sorriso e luz, dir-se-á que chora
E que se fica, extático, a cismar.
Dir-se-á que outeiros, vales, pinheirais,
Se transformam em negra solidão...
Mas qualquer sítio ermo não é mais

Do que um disperso e vago coração...
Fumo sentimental, contemplativo,
Mago filtro subtil que se insinua,
Que tem desmaios íntimos de lua.

E a tarde vai andando, e a soledade
Segue seus passos de oiro...

E, ao lado dela,
Piedosa e humilde, vai minha saudade,
O que há em mim de lírio e de donzela...
Esta ternura espiritual que afluí
À flor da minha voz, silêncio em flor,
E me diluí
Em penumbra de lágrimas e amor.

E a senhora da tarde, enamorada,
Dirige-se ao poente que, nos céus,
Lembra estranha Babel, incendiada
Pelo ciúme trágico dum Deus!
E, sobre os altos píncaros, avulta
A sua imagem, pálida e indistinta.
E pedras, fontes, a cantar, sepulta
Em roxa tinta.
Delíquios de neblina e de penumbra
Pairam, no ar dorido...

E vem da serra,
Ignoto sol escuro que adumbra,
A noite, mãe das almas e da terra.

E a indecisão,
Num caótico gesto de loucura,
Lança o desmaio, a síncope, a aflição,
Na paisagem, e as cousas desfigura,

E a senhora da tarde vai sozinha,
Entre fantasmas lívidos, sem medo...
Pois é fantasma esta saudade minha
E este penedo...

Os meus sentidos
São caverna onde os ventos adormecem;
E onde vagam espectros, aturdidos,
Que me aparecem.

E, transmontando,
O claro sol de todo se escondeu.
A luz brilha baixinho, suspirando,
Anoiteceu.

Cotovia da sombra, o mocho pia,
Talvez (quem sabe?) alegre e deslumbrado.
O mocho é treva, e é sol anunciado
A cotovia.

E a terra, em seu desejo criador,
Sente beijar-lhe a fronte, em oiro acesa,
Aquele santo espírito do amor
E da tristeza.

CANÇÃO FINAL

Aí vem a noite velhinha,
Erma sombra entrevadinha,
Mal pode andar, de cansada...

Já o dia se avizinha...

E a noite, triste e sozinha,
Tão pálida e fatigada,
Da sua longa jornada,
Deita-se e dorme.

A alvorada

É o sono bom da noitinha...

E a noite dorme quentinha,
Na cama que lhe foi dada...

Dorme, dorme, sossegada,
Noite de Deus, sombra minha,
Que o teu sono é madrugada...

MARÂNUS

*Galice, terra matris de Portugal
Que á divina Saude se dedica,
A tua alma é roseo marmel,
Onde, sem lagrimas de Deus fulgura
Terra da nossa infancia virginal,
Altar de Brasil e de Lavoura,
Dedicou-te estas ervas, que, sem per,
Compuz, nos alta certo, veneranda.*

OFERTA

*Galiza, terra irmã de Portugal,
Que a divina Saudade transfigura,
A tua alma é rosa matinal,
Onde uma lágrima de Deus fulgura.
Terra da nossa infância virginal,
Altar de Rosalia e da Ternura,
Dedico-te estes versos, que, uma vez,
Compus, em alto cerro montanhês.*

*Empreço-lhe a morte. E, desde então,
Rodeado de rapazes e de meninas,
Vive numa perpétua inquietude,
Falso de dentro e pobre de esperança.
Apenas o salivar da língua nasce
Esta misteriosa angústia,
Que, semelhante à luz do dia,
Se lança enternecida a luz do dia!
Assim se vêem virgins que murmuram
Os muros pedregosos malditos
E se estendem do céu que nos precede,
Como seus olhos de cristal clarificados.*

I

MARÂNUS E ELEONOR

Marânus era o ser que divagava,
Consigo, pelo mundo solitário.
A sua própria alma o alimentava
E dava-lhe a beber das suas lágrimas.

Empecera-lhe a noite. E, desde então,
Rodeado de espantos e de assombros,
Vive numa perpétua inquietação.
Falho de ânimo e pobre de esperança,
Apenas o salvou da negra morte
Esta misteriosa simpatia,
Que, semelhante à tua lira, Orfeu,
As feras enternece e a luz do dia!
Atrai as selvas vírgens que murmuram,
Os inertes penedos taciturnos
E as estrelas do céu que nos procuram,
Com seus olhos de eterna claridade.

Por isso, ele ia andando, neste doce
Enlevo da paisagem, neste encanto,
Que paira, magoado, sobre as cousas,
Onde, em silêncio, jaz divino canto...

Nos princípios do outono, quando as nuvens
Aparecem nos montes revestidos
De folhinhas doiradas, e, nos vales,
Há frios tons de cinza, humedecidos,

Chegou, já tarde, a um sítio, com pinheiros,
Fragas cheias de musgo, tojo bravo,
Que domina dois íngremes outeiros,
Um rio, verdes campos e a montanha.

Ali, parou Marânus. Do infinito,
Uma infinita lágrima descia
E lhe tomava o coração aflito
E perturbado de íntimos receios,
Quando viu, perto dele, uma Figura
Desenhar-se, no escuro do arvoredor,
Em diluídas formas e apagados
Contornos de esplendor e de segredo.

E, atónito e surpreso, olhava, olhava
Aquela milagrosa aparição,
Que, em brumas transcendentais, disfarçava
Seu angélico rosto de mulher.

A lua, que era nova e ia espargindo
Um luminoso e vago encantamento
Nas ermas coisas lívidas, sorrindo,
Mostrou-se, dentre as nuvens, que se abriram.
E Marânus, ao vê-la, mais perfeita,
Banhada em luz, lhe disse, de repente:

«Quem és tu? De onde vens? Não te conheço!
És da terra e da vida? Ou simplesmente
Ilusório fantasma de beleza?

Destas sombras que surgem, ao luar
E à superfície vã da Natureza?
Sentimentos aéreos, flutuantes,
Do coração da noite, esparsos e ocultos?»

E o silêncio gemia, trespassado
Pela voz de Marânus, que era um vulto
De som, alada sombra que se ouvia...

E a nocturna Visão, aproximando-se
Do nocturno Viandante:

«Eu sou aquela
Nuvem que teu espírito derrama
Sobre o mundo, que a sente, como a estrela
Sente, de longe, os olhos que a contemplam.

«Eu sou a tua alma aparecida,
Criatura imortal da tua dor!
E vivo, como tu, mas outra vida,
E choro, como tu, mas outras lágrimas...

«Um mistério me encobre, e faz de mim
A sombra que te empece...

Muito em breve,
Tu saberás, Marânus, porque vim
À tua soledade...»

E, na penumbra,
Tinha um alto relevo musical
A ignota Aparição que, nestes versos,
É como fria imagem sepulcral.

Marânus ajoelhado, fervoroso,
Pendeu a fronte ardente sobre o peito
E algum tempo ficou silencioso,
E não ousava olhá-la, face a face.
Na merencória palidez do céu,
Desabrochavam lírios espectrais...
A luz da lua era uma aragem
De sonho, sobre a rama dos pinhais...
Eram de sonho as pedras; e de sonho
A terra onde Marânus ajoelhou.
Ele mesmo era sonho, e a linda noite
E essa estranha mulher que lhe falou.
E respondeu, inquieto e entontecido,
Como afogado em ondas de emoção:

«Indefinido amor desconhecido,
Um sobressalto, vago e interior,
Há muito tempo já, me perturbava.
E, ansioso, tentava definir
Essa dispersa luz, que me doirava
De infável tristeza madrugante.

E chorava, e cismava, e assim dizia:
— Sombra que eternamente me persegues,
Ilumina-te de íntima alegria
E dissipa-me as trevas deste mundo!
Ó Sombra, toma corpo e carne viva,
Ressurge, à luz do sol! Eu quero ver-te!
E a minha voz, exausta e fugitiva,
Caía-me nos lábios, quase morta.

«Mas tu vieste, amor, se, por acaso,
Pertences a esta vida; se não és
Um fumo deste incêndio em que me abraso,
Uma chama irreal do meu delírio...»

«— Eu sou a tua eleita, a Virgem pura.
E vim rasgar as névoas, desvendar
Esse antigo segredo da Natura
E o sagrado mistério da tua raça.»

E Marânus, num súbito alvoroço,
Falou, como quem reza uma oração:

«Bendita seja a hora em que te vi,
E esta noite de encanto e inspiração.
És da vida e da terra, como eu sou.
Todo o meu ser humano te conhece:
Meu ser que já teu vulto enevoou,
Enquanto foste nuvem ilusória.
Agora, és a verdade, a luz divina.
E a bruma, que meus olhos abafava,
Condensou-se na forma cristalina,
Irradiante e bela do teu corpo.

«Vejo nascer doirada madrugada,
Uma alegria etérea e criadora,
Ó minha alma triste e naufragada
Na fundura oceânica das lágrimas!

«Renasce a luz! Renasce! Vejo, enfim!
Já vejo o claro dia! A cada instante,
Sinto-te, minha Deusa, ao pé de mim.
Bafeja-me o teu hálito celeste.»

Num movimento, cego e inconsciente,
Marânus levantou-se. E, comovido,
Tentou beijar-lhe a face, mas somente
Beijou a poeira branca do luar...
E, em mais perfeita e nítida harmonia,
Logo a sua figura se desenha
Na levíssima sombra, que descia
Das nuvens, todas cheias dum sorriso.

E Marânus, então: «Como te chamas?
Não há nada sem nome: ou bruta fera,
Ou negra imagem de íntimo demónio,
Ou rasteirinha flor da primavera.»

«— Eleonor me chamo, já que o verbo
Pôs um sinal de som em cada cousa:
Sinal que é a própria cousa, algumas vezes,
Na sua essência viva e misteriosa.
Ouve aquela palavra, que é Saudade.
Verás como traduz a tua raça,
No que ela tem de funda intimidade
Religiosa, mística, infinita!

«Mas tu pelo meu nome de Eleonor
Não me conhecerás. É necessário
Que interpretes a voz do teu amor
Pois falará por mim teu coração!»

Entre o meu ser e o nome que me deram,
Existe a mesma trágica fundura
Que separa da vida (vã palavra!)
A vida em sangue e febre de loucura.»

E Marânus, tão pálido e confuso,
Meditava. Eleonor continuou:
(E, no calmo silêncio e luar difuso,
Ondula indefinido e etéreo cântico)

«Meu criador e amante, vem comigo!
Saberás o que nunca imaginaste.
Em mim, encontrarás o que, de balde,
Neste mundo terreno, procuraste.»

Nas alturas fantásticas, a noite
Pairava, como a sombra do Destino.
E cada estrela revelava apenas
Um longínquo vislumbre pequenino...

E Marânus olhava aquele vulto,
Que mais lhe recordava um sonho infindo,
Um fumo de quimera, embora houvesse
Claro perfil angélico, sorrindo...

E, magoado, lhe diz: «Mas, afinal,
Eu não sei quem tu és? Eu não descubro
O que há de verdadeiro e de real,
Na tua aparição maravilhosa.
Tu falas, mas as vozes são fantasmas.
Teu gesto é duma sombra de ramagem,
Quando perpassa o zéfiro. E os teus olhos
Lembram nocturnos longes de paisagem.

«Quem és tu? Quem és tu, ó minha alma?
Não te conheço, não. E, todavia,
Vejo a tua figura, e sinto bem
A minha dor beijar tua alegria!

«Se és luz, dissipa a nuvem que te veste!
Toma presença e vida, ao pé de mim!
Antes fosses um tronco ou rocha agreste
Do que essa forma anímica e ilusória...»

E Marânus ficou mais pensativo,
Mais triste. E em suas veias arrefece
Aquele rubro sangue primitivo
Que outrora florescia o corpo humano.
E, pálido e cansado da emoção
Que a aparecida Imagem lhe causara,
Dormiu, junto a um penedo, que um antigo
E trágico dilúvio ali pousara.

II

MARÂNUS E A PASTORA

Já, na serra fronteira, a deusa Aurora
Erguia o facho aceso; e já, nas fontes
Os seus cabelos de oiro derramava,
E nas encostas íngremes dos montes,
Quando a brisa, pousando etérea mão
No rosto de Marânu, o acordou.
E, animado de nova comoção,
Olhava as formas belas da Natureza.

Que infinita alegria misteriosa
Parecia baixar, na luz do sol,
E inundar a paisagem radiosa,
Cravejada de lumes e de cores!

E Marânu sorria, num desejo
Alado de voar! E, no seu corpo,
Um vago, esparso, indefinido beijo
Acendia-lhe o sangue alvoroçado.

Cantava, como as aves matutinas,
Unicamente por sentir a vida,
Por se sentir viver!

O céu azul
Era uma flor dos vales desprendida...
Seus amorosos cânticos dispersos
Penetravam de humano sentimento
Este lugar sozinho, onde repousa
A noite e o seu infindo esquecimento...

E onde a aurora desperta uma oração,
Nas ramagens extáticas das árvores,
Que vivem mais de luar e solidão
Do que da própria terra onde nasceram.

E, neste sítio amável, os pinheiros
Falavam, de contentes e libertos
Dos nocturnos e torvos nevoeiros,
No céu vibrante de asas e de luz.

Ali perto, uma fonte seu murmúrio
De glória, ao sol de Apolo, murmurava;
Água límpida e boa, que um milagre
Em límpida harmonia transformava.
E Marânus ouvira alegremente,
Pela primeira vez, a clara fonte,
Como se ela, crescendo, de repente,
Se pusesse a cantar, em alta voz!
E, espantado, voltou-se para aquela
Pura canção das águas, avistando
A pequena distância uma donzela,
Que apascentava, triste, o seu rebanho.

Bela, formosa e linda, em sua graça,
Tangível e corpórea, o sangue vivo
Inundava de rósea claridade
O seu busto perfeito. Um primitivo
Ar inocente e agreste lhe aquecia
A brancura da testa. E, nos seus olhos
Dum negro sério e místico, sorria
A infância, a idade de ouro. E sua virgem,
Diáfana atitude harmoniosa
Subia, para o céu, da terra escura,
Num ímpeto, tão firme e embrandecido,
Que era uma estátua em mármore e ternura.

E Marânus julgou que regressara
Com a doce manhã, aquela Deusa
Que a noite, para longe, lhe levara.
Mas logo viu que tinha junto dele
Corpo vivo e sensível, e que um ventre
O concebera, em ânsias de pecado
E de prazer bendito, e o dera à luz
Do mundo...

E, então, lhe disse deslumbrado:

«Ó minha flor dramática e animal!
Eva, filha do amor, em ti saúdo
O divino pecado original
E a dor que multiplica as criaturas!

«A imaculada seiva da paisagem
Corre nas tuas veias, revigora
A tua moça e delicada imagem,
Pela eterna Beleza trabalhada.

E, depois, tua fronte emoldurando,
Tornou-se negro, esparso, é teu cabelo;
E seus fios remotos vão prender-se
À estrela de alva, à lira, ao sete-estrela!
Essa tua presença comovida,
Não termina em teu vulto, e se prolonga,
E abrange o céu, o inferno, a morte e a vida,
E se revela a Deus, na escuridão.

«Que é que finda a cor da tua face?
Onde começa a luz do teu olhar?
E cada beijo teu lá vai, lá vai,
Sempre, através do Vácuo, a cintilar,
Dando às nuvens o fogo que as devora,
Dando aos astros um novo resplendor,
E àquele facho, a arder, que a bela aurora
Agita, no ar azul, queimando as trevas!

E a Donzela, corando e estremeando,
Enleada ficara e perturbada...
Mas, por fim, num esforço, recorrendo
A todo o seu vigor, assim lhe disse:

«Quem és tu? De onde vens? Na tua fronte,
Paira o vago crepúsculo infinito
Da distância...

E, por isso, num instante,
Meus olhos fascinaste! E, se medito
Nessas tuas palavras, onde eu toda
Revivo, em formosura e sentimento,

Meu coração acorda, alvoroçado,
Como quem ouve, manhã cedo, o vento
Bater de encontro às portas e às janelas;
E, estremunhado ainda, se levanta
E vê que já mal brilham as estrelas,
No lívido recorte do horizonte.»

E Marânus, surpreso, emudeceu...
Mas, animado de íntima coragem,
Olhando-a, num enlevo, lhe falou,
Mais do que a ela própria, à sua imagem:

«Meu novo amor e nova aparição!
Verdadeiro milagre da Beleza,
Não és vago fantasma, sonho vão,
Que nasce do Desejo insatisfeito!
Se tens na face a cor amanhecida,
Sanguínea e palpitante! E dos teus pés
Se alonga, idealmente reflectida,
A tua sombra em flor...

Ah, vejo bem
Que és deste mundo, e filha do desejo
Consumado! E ainda trazes nos teus lábios
Perfumes e vestígios desse beijo
Que foi a aurora ardente do teu ser!
Misterioso beijo, que me exalta
E me embriaga tanto! E que me aviva
Esta fome carnal do meu espírito,
Que ele tem fome, sim, de carne viva!»



E Marânus, tão triste, empalidece:

«Quem sabe se tu és, ó criatura,
Um espectro mais próximo e visível?
Uma sombra mais densa e mais escura?»

«Quiméricos desenhos fabulosos
Serão as tuas formas virginais?
E esse teu lindo rosto florescido,
Como a terra, em Abril, não será mais
Do que uma branda névoa enganadora
Que, por minha virtude, cristaliza
Nessa tua aparência, que esta aurora
Coroa de áureas rosas?»

E a Donzela,

Confusa, imaginando que Marânus
O juízo perdera, de repente,
Assim lhe diz, tomada de piedade:

«Como te vejo pálido e tremente!
Sofrerás, por acaso? Descobriu
Alguma nova dor teu coração?
Trazes contigo o assombro de quem viu
Milagre ou maravilha! Andas possesso
Da tua própria alma a delirar?...
Não haver quem te arranque das entranhas
Essa noite que turva o teu olhar,
Esse íntimo demónio tenebroso!»

«— Oh, que estranhas palavras! Quem és tu?
— Lhe pergunta Marânus. — Logo vi
Que eras pura ilusão dos meus sentidos.
Mas também que me importa, se eu vivi
Essa ilusão? Se tu tudo quanto vivo
Se converte em humana realidade,
Fica a ser deste mundo, como eu sou.»

E, num sorriso etéreo de bondade,
A solitária e idílica Pastora,
Que misterioso espírito animava,
Talvez o duma Deusa que, em seu corpo,
Suas divinas formas revelava:

«Caminhante nocturno, erma figura,
Gerada no silêncio e na tristeza...
Ó luso peregrino da Aventura,
Atrai-me a tua voz enlouquecida!
O teu próprio delírio me seduz...
Essa altitude, anímica e nevoenta,
Que toca nas estrelas, onde a luz,
Para voar, voar, se veste de asas.

«Há nas tuas palavras um abismo.
Ouvindo-as, logo sinto uma vertigem,
E, em sobressalto, chora e se lastima
O que em mim é vedado, oculto e virgem.
A parte indefinida do seu ser

Ama a sombra espectral em que desvairas...
E nem, ao menos, posso compreender
Esta força amorosa que me leva
Para a tua loucura!

Desconheces

Se eu existo, se vivo, e confundiste
A carne palpitante, que me acende
Os ossos de desejo, com a triste
Irrealidade escura dos fantasmas.

«Já não me avisto a mim! Eis o motivo
Por que te adoro tanto! E quem sou eu?
Alguma deusa? Espectro fugitivo?

«Mas eu existo e sou! Sou eu! Repara
No sangue do meu pulso que lateja!
Não vês o meu olhar beijar teus olhos?
Não vês a minha sombra como beija
A sombra do teu corpo?

Dizes bem.

Fica longe de nós todo esse idílio.
É um idílio de sombras, muito além,
Nas distantes florestas.»

E, inclinando

A alva fronte, a Pastora emudeceu.

E Marânus, na louca tentação
Que eleva as nossas almas para o céu,
Ansioso e desolado, exclama ainda:

«Ai de ti! Ai de mim! Tu és a dor!
Eu sou também a dor! E qual a chama
Que outra chama extermina? Eu quero amar
O que é eterno e vivo e que não ama!»

As meigas ovelhinhas, com surpresa,
Olhavam a Pastora. A sua trança,
Desprendida, flutua; é luz acesa
A direcção do zéfiro indicando.

III

MARÂNUS, ELEONOR E A PASTORA

Vinda no brando zéfiro tremente,
Uma nuvem o sol escureceu.
E Eleonor, essa Deusa, novamente,
Diante de Marânus aparece.
Um crepúsculo terno diluía
A nitidez cortante das arestas.
E no cinzento azul quase se ouvia
Brumoso som de arrefecidas lágrimas.
Era a sagrada luz, naquele instante
Em que se torna sombra; e, sem deixar
De aluminar os campos, já permite
O nascer das estrelas e o cantar
Dos pássaros sedentos de penumbra.

Era o sol, comovido e extasiado,
No seio duma nuvem, radiando
Com um fulgor anímico e velado.

E Eleonor, tão alta e inacessível,
No seu divino encanto e formosura,
Emanava outra luz espiritual,
Que as pedras embebia de ternura...

E Marânus olhava para aquela
Aparição! Sonho encarnado! Amor!
Alma tão evidente que era corpo,
Perfume tão intenso que era flor!

E a voz de Eleonor, etérea chama,
As trevas dissolvendo, assim falou:

«Sou aquela que é amada e que não ama,
Porque meu ser é eterno e virginal.
Eu vivo além do amor e da tristeza,
E destes belos montes solitários,
E da amplidão que envolve a Natureza:
O fluido mar, onde as estrelas nadam...

«Serras doiradas, cristalinas fontes,
Ondas, campos, manhãs, tudo o que abrange
A curva, em roxa cor, dos horizontes,
É para mim a Sombra originária;
Sombra de mãe, remota e dolorida,
Que ainda me traz ao peito e acarícia...
Morte de que descende a minha vida,
Como da noite morta a luz dos astros.

«Tu foste para mim o que a semente,
Na escuridão da terra sepultada,
É para a flor gentil da Primavera,
Apenas em perfume idealizada...
Tu és o meu passado, assim as árvores
São talvez teu passado; misterioso
Tempo em que o mundo trágico ensaiava
Seu anímico voo esplendoroso!
E, depois, tu nasceste, ó criatura!
E, sofrendo ideal melancolia,
Outra vida sonhaste, mais perfeita...

«Sonhaste-me... e fui dada à luz do dia...

«Vivo em teu coração; mas, em ti próprio,
Há tão grandes distâncias como aquelas
Que inundam de penumbra e de silêncio
O espaço que medeia entre as estrelas.

«E que importa a distância que separa
Teus lábios dos meus lábios? E que importa
Que eu seja luz eterna e sempre clara
E tu sombra carnal e transitória?
Que tu vivas, além, num outro mundo,
Se nos prende, amoroso, o fio astral
Que prende o olhar à estrela e o mar profundo
À sede que o sol tem das nossas lágrimas?

«Sou aquela que é amada; mas não amo,
Porque o amor odeia o que é eterno;
E as suas labaredas se alimentam
Do que é mudança, tempestade, inferno!»

Logo, a Pastora, inquieta: «És o demónio,
Que vais pisando a sombra caminhante
Deste homem que delira e tem, na frente,
O destino que o faz andar errante!
Ah, para que o persegues, sem piedade?
E para que roubá-lo aos meus carinhos?
Não és da nossa pobre humanidade,
Nem pertences à terra e à luz do sol!
Ignoras a alegria de quem ama
E se sente mortal em seu amor.
E nunca ardeu, em ti, aquela chama,
Que nos transforma em cinza e poeira vã!
Tu nunca foste esposa, filha ou mãe
De condenados, mártires, desgraçados!
Nunca ergueste, nas mãos, saudando alguém
O cálice divino da Amargura!
Essa tua quimérica beleza,
De Deusa e não humana, desconhece
A sagrada volúpia da tristeza
E o antegosto abismático da morte.»

E Eleonor, sorrindo: «Eu te perdoo
Essas loucas palavras que disseste.
Tu viste-me, e não sabes quem eu sou.
Assim tenho vivido incompreendida.»

A Donzela, mais pálida, escutava
Aquele voz — tão séria! — de Eleonor
Que os ermos ventos frios imitava,
Quando perpassam na ramagem densa:

«Solitária Pastora, que eu avisto,
Encantada nas brumas da Natura,
Tu não vês o lugar onde eu existo
Nem a essência divina do meu rosto!
Nunca a alegria plena tu sentiste,
Nem o prazer infindo! E a doce luz
Dos teus olhos, às vezes, é tão triste
Que dá melancolia às próprias coisas...
És a beleza, sim, que a vária sorte
Em efêmero barro quis moldar;
E os teus beijos, mulher, sabem às lágrimas
Que não podes, aflita, derramar!
Ah, sempre te contemplo da distância
Que separa dois reinos, como tu
Contemplas uma rosa, nessa infância
De Abril que, no teu corpo, se insinua.
Quando olhas para uma árvore, talvez ela
Fique toda a tremer e tenha medo!
E as árvores talvez sejam como espectros
Para o nocturno e trágico rochedo...

E eu que sou para ti? O mesmo que és
Para as flores do campo; o novo ser
Dum novo Reino; a alma, a esplendidez,
Em que a vida, por fim, se converteu.

«Tu és o amor amante; eu sou o amor
Amado. Eu sou a vida e tu, somente,
És aquilo que vive. Eu sou a dor
E a dor não sofre, não, mas é sofrida.»

E a Marânus, depois: «Eu te prometo
A sublime e final revelação.
Para o grande silêncio vem comigo
E também para a grande solidão.»

E Eleonor, estendendo a mão direita,
Apontou-lhe o horizonte montanhoso,
De onde a florida aurora nos espreita,
Por entre névoas de íntimo fulgor.

IV

MARÂNUS E A PAISAGEM

E Marânus, enquanto aquela Imagem
De sonho se perdia no Invisível,
Deixando, na verdura da paisagem,
Rastos de luz, pegadas de luar,
Disse, com voz saudosa:

«Ó tu que ouviste
Minha elegia espiritual, que forma
A essência do meu ser, e descobriste,
Pela aridez ardente destes lábios,
A natureza ideal da minha sede;
Tu, que és meu pobre corpo contingente,
Prolongando-se em íntima ternura,
E, noutro espaço, azul e transcendente,
Outra vida vivendo, já liberto;
Seguirei teu caminho, que nos leva
Aquele imenso e trágico deserto,
Que se ergue, altivo e triste, no horizonte;

E parece, daqui, deste ermo outeiro
Com os seus ermos planaltos, na amplidão,
Tocados de infinito e nevoeiro,
A montanha da lua e do silêncio.»

E vendo-se a Pastora abandonada,
Queixosa e dolorida, se afastou.
E do seu vulto a linha magoada
Vergava, sob o peso da saudade.
As árvores piedosas a esconderam,
Como escondem, durante o mês de Abril,
Os ninhos, onde as aves que os fizeram
Criam a nova asa e o novo canto.

E Marânus seguira, com os olhos,
Aquele vulto pálido e sozinho.
E, como enlouquecido, desejava
Ficar e continuar o seu caminho!
Mas via, ao mesmo tempo, no ar infindo,
Miraculosamente, desenhar-se
A doce curva em flor do gesto lindo,
Que lhe mostrara a serra prometida...
E àqueles sítios ermos disse adeus;
Sítios, onde erram místicas visões,
Sombras de anjos que voam, pelos céus,
E descem, numa réstea de luar.

Também desce Marânus o pendor
Da encosta, que se estende, lá no fundo,
Em férteis campos de viçosa cor:
A luz do sol caída e condensada.
E estes campos, unidos num abraço,

Montam depois às rústicas alturas
Dos píncaros da serra, que, no espaço,
Ostenta o busto, extático e inefável,
Já despido da dor e da alegria...
Formas espirituais de rocha e neve,
Na insensibilidade, eterna e fria,
Do ser perfeito e livre, isento e virgem.

Meu encantado vale primitivo,
Onde o sagrado Tâmega, sonhando,
Bate as asas, que turbam as estrelas
E pousam, nas colinas, branquejando...
E a húmida carícia do seu voo
As árvores desmaia; e, desmaiadas,
Nos braços envolventes da neblina,
Lembram vagas mulheres desgrenhadas.

Fundo rio da noite! Água baixinha
Da madrugada! Ó rio misterioso,
Quando a lua dos montes se avizinha
E se reflecte, triste, no teu seio...

Outeiros de além-Tâmega, onde a terra
Idílica do Minho se transforma
No ascetismo granítico da serra,
No elegíaco drama transmontano...
Sois o centro do mundo pequenino.
Em vós, começa e finda, a luz do sol,
A paisagem azul do céu divino,
Com florestas e píncaros de nuvens.

E, na margem do rio, descansou
O estranho viandante. E viu seu rosto
Retratado nas águas, onde um voo
Deixara um rasto efémero de sombra.
E, em cismas embebido, contemplava,
No fugidio espelho lucilante,
A imagem dos salgueiros que ficava...

Pois só morre quem ama, e quem é amado
Vive sempre, em espírito saudoso...

E o rio deslizava, num murmúrio
De prece, era um suspiro rumoroso,
Um ataque de choro que se espraia.

Marânus adorava, desde a infância,
Esta sagrada terra do Senhor;
Verdes campos, outeiros, pinheirais,
O sol caindo, em bâtegas de cor...
E pássaros que voam, como sonhos
Das árvores; sonhos belos e felizes,
Cantando, na verdura dos seus ramos,
Que são aéreas, virginais raízes.
E as cousas que seus olhos animavam
Também as ia vendo interiormente.
A cada ser externo corresponde
Íntimo ser quimérico e vivente.
É a Natureza, sim, no seu perpétuo
Desdobramento anímico e profundo,
Criando um novo céu, além do céu,
Criando um novo mundo, além do mundo.

Marânus era a selva comovida
Do dramático Idílio universal,
Onde as trevas e a luz, a morte e a vida
Celebram seus amores de eternidade.
No mais vivo e inefável alvoroço,
Olhava a sua aldeia, que irrompia
Da sua indefinida inspiração,
Como da noite, quando nasce, o dia!

E continuou a andar, extasiado...
E, em voz alta e confusa, como quem
Vai doido, ou a rezar, ou preocupado,
Assim dizia à sombra do seu corpo:

«Sou o amante dos ermos, sou aquele
Espírito em delírio que povoa
De fabulosos vultos estes campos...
E de lágrimas tristes enevoa
Este bruto penedo e tronco rudo
E este saudoso vale taciturno.
E aquilo que parece inerte e mudo,
Ao sentir o seu hálito vital,
Comove-se, estremece, quase fala!

«Sou Feiticeiro e a noite me contempla...
E trago, ao peito, a rubra flor que exala
O sombrio perfume do crepúsculo...»

E vendo, novamente, o espaço etéreo,
Onde o perfil dos montes se desenha
E outros perfis de sonho e de mistério,
Que se revestem duma luz já morta:

«Bendita sejas tu, ó sempiterna,
Bem amada paisagem! Pátrio ninho!
Serrano coração de Portugal,
Velha província de Entre Douro e Minho!
Bendita sejas tu, por todo o sempre,
E o teu ventre, que um novo Deus encerra,
Ó mística paisagem, onde o céu
Se casa intimamente com a terra!

«Pinheirais da tristeza, poentes de oiro!
E a voz do mar, além dos horizontes,
De onde voam as nuvens, carregadas
De vivo fogo astral, água das fontes.

«Ó longes de indecisos sentimentos!
Ó mágica penumbra da tardinha...
Solitários fantasmas agoirentos,
Entre ramagens negras, perpassando...

«Ó silêncio nocturno, quando velo
E, num cismar antigo, me concentro...
E quando a lua, a sombra, o sete-estrela
Transmigram para mim, ocultamente!

«Ó volúpia do ar que nos abraça!
Exaltação do sol! Ó verde flor
Das águas, que o bater dum coração
Agita em ondas rítmicas de amor!

«Ó êxtase divino! Embriaguez
Divina! Ó vida etérea! Ah, como eu sinto
O luar, a pureza, a esplendidez
Que este corpo misérrimo contém!

«Ó lodo, imundo e vil, de que sou feito!
Fragilidade humana, como sabes
Criar, em tua dor, o que é perfeito?
Como geras a vida, sendo a morte?»

Súbita voz lhe fala: «Ao pé de ti,
Eis-me, outra vez, ainda! O amor vendado
Dirigindo meus passos, descobri
Teu vulto; e vim no zéfiro da tarde.
Deixei por esses montes meu rebanho...
Por lá, deixei também o meu sossego.
Não me sai da lembrança o teu estranho
Aspecto encantador, que me seduz.
Não te posso esquecer! Tua figura,
Tuas palavras doidas me atraíram...
E vim na doce brisa que murmura...:

«Este abraço e este beijo te perseguem...»

V

CHEGADA DE MARÂNUS À MONTANHA

Marânus vê, de novo, a sombra amada
E bela de Eleonor, que se aproxima.
Veste-a divina graça extasiada:
A sua mesma túnica de luz...

E logo o dominou de tal maneira
Que, num profundo enlevo, a foi seguindo.
E seus pés nem trilhavam a poeira,
Como se brando zéfiro o levasse.

A Pastora ficou mais grave e humana,
Menos triste, naquela soledade.
Era a Virgem Maria, quando o espírito
Pousou na sua carne e virgindade.

Marânus, pensativo, já subia
A encosta arborizada da outra margem.
Asas de bruma, lúcidas, pairavam
Na frescura do rio e na paisagem,
Doirada pelo outono...

E, à sua frente,

Uma névoa de branca forma angélica,
Toda embebida em luz amanhecente,
Mais ia, pelo chão, do que voava.

Esta fecunda terra consagrada,
Esta amorosa terra maternal,
Depois da sua mística descida
E do repouso idílico do vale,
Tomando novas forças, se alevanta,
Em pequeninas ondas, que se vão
Turvando, pouco a pouco, e sobrepondo,
Até aos altos cerros do Marão.

E aquela grande encosta se ia erguendo,
Com enternecimentos de arvoredos,
De bois pastando e moças a cantar...
E com brutas rudezas de penedos,
Rugas fundas que as lágrimas cavaram,
Vozes do vento, misteriosos ais...

Terra da primavera, toda envolta
Em seus verdes e densos pinheirais,
Que a vizinhança infinda e azul do céu,
A tentação divina das alturas,
Em fragaroso drama converteu...

Eram já as raízes da montanha.
E Marânus, que tinha nos seus olhos
A fome secular, olhava, olhava
A linha do horizonte que mais larga,
E magoada e roxa, se tornava...
E a branca Névoa humana, à sua frente,
Sorrindo, deslizava, esvoaçando,
Hierática, perfeita, resplendente.
E outras nuvens — tão altas! — a seguiam;

E, enquanto, mais felizes, no Infinito,
Espirituais e leves, se elevavam,
Suas míseras sombras, que eram feitas
De escuridade e peso, rastejavam...

E o moço Viandante, caminhando,
Também seguia a Nuvem caminhante;
E julgava avistar, de quando em quando,
A adorável imagem da Donzela...
Percebia-lhe os passos e até mesmo
Suas ternas palavras amorosas...
Depois, apenas via diante dele
Altitudes sombrias e brumosas.
E, para as outras bandas, as longínquas
Cordilheiras extintas, mais o outeiro
Da Aparição; e, ao fundo, o rio Tâmega,
Todo mudado em branco nevoeiro.
E a tristeza, que lembra o fim do dia,
Um cair de folhas mortas, se casava,
Dentro em seu coração, com a alegria
Do sol e dos canoros passarinhos.

Gostava de sofrer a etérea mágoa,
Que nos prende ao Passado. Na verdade,
Um homem só se encontra no que perde,
Porque ele abrange o espaço e a eternidade.
E uma profunda e viva comoção
O punha em sobressalto: era sentir-se
Livre e forte, na grande solidão,
Onde as árvores em rochas se transformam...
E sentir-se fraterno, ao mesmo tempo,
Com tudo o que há no céu e sobre a terra...

Mas, a pouca distância, ante os seus olhos...
Já se erguiam os píncaros da serra.

E Marânus, atônito e suspenso:

«Ó bendita paisagem! Terra estranha
De antigos pinheirais e alegres campos,
Ei-la silêncio, solidão, montanha!
Ei-la a fronte coroada de relâmpagos!
Ei-la o ninho das águias, das procelas,
O retiro sonâmbulo das nuvens,
O brônzeo altar, onde ardem as estrelas!

«Ó sagrada montanha, que eu adoro!
Alto templo de saibro, onde o luar
É tão saudoso canto, que os penedos
E os lobos ficam, tristes, a cismar...

«Alta e santa montanha onnipotente,
De onde os montes, em círculos infindos,
Parecem afastar-se vagamente,
E em brumas e saudades se diluem...

«Longes espirituais, distâncias tristes...
Incorpórea paisagem sublimada,
Feita de ignotas sombras e mistérios,
Em roxo véu de lágrimas velada...

«Ó montanha num êxtase divino,
Sob o fantasma universal de Deus...
Cerros mortos da lua, hercúleos píncaros,
Numa escalada heróica para os céus!
Surdos desejos, fulminadas asas!
Ansiedades do mundo empedernidas,
Fisionomias trágicas de pedra,
Monstruosas estátuas carcomidas!
Vertigem dos abismos! Precipícios!
Olhos profundos, para dentro, olhando
A Sombra anterior, o negro Caos,
Em harmonia e luz, desabrochando...
E se condensa em fragarosos montes,
E em mimos de verdura que se ocultam
Nos concentrados vales, onde as fontes
São espectros de névoa, no crepúsculo...

«Ó grande serra esfíngica da noite!
Montanha da quimérica emoção,
Que, impetuosa, a transbordar, se espraia
Em ondas de silêncio e solidão!

«Montanha de oiro e rosas purpurinas!
Ó bendita montanha, no esplendor
Da divina manhã, que, nos teus altos,
Abre o seu cálix de infinita flor!

«Santa montanha azul da minha infância!
Amo-te, desde o instante milagroso,
Em que teu vulto, enorme, na distância,
Perante as minhas lágrimas, se ergueu;
Amo-te, desde o vale pequenino
Onde etérea alegria transparece,
No tenro e verde riso cristalino
Que às meigas ovelhinhas mata a fome,
Aos escarpados cerros denegridos,
Pelo fogo dos raios, quando o vento
Tem ataques de angústia, enlouquecidos,
E há nuvens abrasadas de relâmpagos!
Amo-te, desde a neve imaculada
Que te veste de fúnebre pureza:
Branca toalha de altar, na elevação
Da lua, hóstia sagrada de tristeza;
Até à sombra fria que, dos fundos,
Subindo vai a encosta dos outeiros,
Quando o sol, ao morrer, nos diz adéus,
Amortalhado em roxos nevoeiros...
Amo-te, ó grande serra maternal!
Amo-te, desde a fonte piedosa
Que dos teus flancos mana, duma casta
E fresca transparência religiosa...
Desde os negros abismos, que te afligem,
Ao alívio das claras altitudes,
De onde angélicas asas se dirigem
Para os últimos longes infinitos...
Amo-te, desde as fragas do teu seio
Ao tojo bravo e à urze, tão mesquinha,
De que sempre te cobres, porque, enfim,
Tu és grande e, portanto, pobrezinha!

Amo-te, desde a escura solidão
E do silêncio ou dor que te envolveram,
No momento da tua criação,
Do teu violento génesis de fogo,
À pequenina flor, quase aromática,
Humilde e rasteirinha, que, na trança,
Põe a pastora, mística e selvática,
De jeito agreste e doce olhar bravio...
Amo-te mais por tudo o que não sei
Dizer, quando te vejo! Pelo verso,
Imortal e divino, que eu sonhei
E, inominado, paira no meu canto.»

Deste modo, Marânus, em voz alta,
Saudava a serra bem amada, quando
Descobrira Eleonor, que sobressalta
Seu coração e os rústicos penedos!
E, no viso remoto que, primeiro,
Beija a luz matutina e onde o sol-pôr
Grava em oiro seu beijo derradeiro,
Que a fria noite ascética dilui,
Apesar da distância, bem se via
Aquele belo corpo, sobre as fragas,
Que uma névoa inefável esbatia
Em suaves contornos apagados.
E a sua frente lúcida, esculpida
No denso Azul marmóreo, se mostrava
Nimbada duma auréola indefinida.

Era a imagem do sonho e do mistério.

Marânus, deslumbrado eternamente,
Para ela caminhara, à luz do sol;
Mas logo, diante dele, de repente,
Se fez estranha Sombra grandiosa.
Parecia surgir da própria terra,
Toldando o fluído espaço cristalino.
E os bronzeados píncaros da serra
Tremeram, numa aérea indecisão.

E, lívido de espanto, assim dizia:

«Sombra que me apareces e dominas,
Em que fundos de treva e de agonia,
Em que lôbregas furnas deste mundo,
Foste criada? Fala! Não és mais
Que um sentimento obscuro destes montes?
E, em vagas atitudes espectrais,
Ergues teu negro vulto emudecido?
Vens da anímica e viva intimidade
Das cousas? Vens de Deus? Acaso, viste
Aquela pétrea face que nos volve
A enevoadá esfinge, sempre triste?
Terás, no seio, fogo das estrelas,
Como tem o rochedo, tosco e mudo,
Etérea luz do céu que foi roubada?
Tu sabes o princípio e o fim de tudo?
Tu sabes quem eu sou? Responde, fala!
Porque eu entendo as sombras... Meu amor
É uma sombra de espírito, que exala
A perpétua beleza, em meu espírito.

Eu quero ouvir teu grito de alma, a arder!
Esse grito de luz reveladora...
Quero subir aos astros e descer
Aos abismos da noite! O meu desejo
Excede o espaço e o tempo; mas eu sou
Fragilidade vã! Quero sondar
As entranhas da vida, a treva imensa,
Onde tudo se gera, e o grande mar
Nem lágrima é sequer, mas simplesmente
A precursora comoção das lágrimas...
E onde as almas de Deus omnipotente
Não se escondem nas formas transitórias.
Quero ser a verdade e a eternidade!
Quero voar, subir àquela altura
De onde meu ser tombou, qual fio de água
Que baixada, numa névoa, à terra dura,
Mas preso à linda névoa maternal,
Mas preso à verde terra que o devora.
Quero beber na Fonte original!
Quero ir além da vida e além da morte!»

A Sombra que dos montes se elevava
Entoldava Marânus, que mais ermo,
Crepuscular e vago se tornava,
Como um vulto sumindo-se no escuro:

«Lá vai meu pobre espírito ansioso,
Através dos espaços confundidos,
De estrelas hesitantes, brancas nuvens
E nocturnos desertos esquecidos...

«Ando em procura de mim próprio; eu ando
Ao longo de infinita solidão
E de forças ocultas, que se cruzam
Num sítio, que é meu triste coração!
Eis que me perco, em grande labirinto!
E, perturbado e doido, apenas vejo
Onda fatal de comovido instinto,
Que me impele, violento, para um negro,
Misterioso abismo...

Como a espuma,
Filha das águas, com as águas vai,
Na cerração fantástica da bruma,
Enlouquecido, vou levado, à tona
Dum alteroso mar de sentimento!
Qual o destino meu? Quem me responde?
Que diz a noite às lástimas do vento?
Que dizes tu, meu coração aflito?
E lá vais, e lá vais, arrebatado
No dorso dum dilúvio! E fico, a sós
Comigo, esse misérrimo punhado
De arrefecida cinza e vã tristeza!

«Desconheço, meu corpo, a tua essência,
Sombra animada de íntimo luar.
És feito de invisíveis elementos,
Embora te descubra o nosso olhar...
Miraculoso peso, assim composto
De imponderáveis cousas! Forma viva,
Contendo a indefinida morte escura,
A vaga Identidade primitiva...

«Alma e corpo, que sois? E quem és tu,
Ó voz que os interrogas? Quem sou eu?
Sombra da terra, fala! Ó tu, que és feita
Talvez de toda a luz que tem o céu!»

Estas palavras, loucas, sem sentido,
Que seus lábios proféticos disseram,
De eco em eco, arrastadas pelos vales,
Numa poeira de som se desfizeram...
Poeira que sobe, e é névoa de silêncio;
Névoa que arrepiada e fria aragem,
Perpassando, condensa, e é humano canto,
Doce marulho de água ou de folhagem.

VI

MARÂNUS E A SOMBRA DO MARÃO

E aquela Sombra, cósmica e nocturna,
Disse, tomando a forma grandiosa,
Em bruta pedra e saibro, tão soturna,
Do busto fulminado da montanha:

«Eu sou a antiga serra do Marão,
Que na tua memória se alevanta,
Toda de estéril fraga e solidão,
Toda em silêncio eterno e branca neve.

«Sou aquela montanha, austera e calma,
De bronze e névoa e roxos tons de dor,
Que se esfuma nos longes da tua alma
E se orvalha de lágrimas doiradas...
E cavo, dentro em ti, despenhadeiros,
De onde os lobos famélicos se afastam.

Ouço, em ti, as canções dos pegureiros
E os sussurros dormentes do crepúsculo.
Em gélida cascata, em ti, murmuro,
Em ti, me afundo em vales solitários;
E, tornando-me altiva e empedernida,
Ergo, na sombra, espectros de calvários.
E em planaltos quiméricos me espraio,
Dentro em teu coração... E, à luz da lua,
Como abafada em nuvens, eu desmaio
E fogem-me os sentidos, de repente!
Desde os sonhos de mágoa em que me perco
À terra que tu vês, tão pedregosa,
Nesse teu vivo coração, me sinto
Espírito e ansiedade religiosa...»

E aquela voz de trevas inundou
O litoral celeste; a voz da serra,
Que Júpiter, outrora, baptizou,
Com um brumoso nome trovejante:
Marão! Onde entra o mar, espadanando!
Onde ecoam os ventos e onde as nuvens,
Sobre os nocturnos píncaros pousando,
São ilusões de fumo, pesos de água!...

De milagre em milagre, caminhava
Marânus, desde o Espectro montanhês
Ao vulto de Eleonor que o deslumbrava...

Tudo é milagre e sombra, ó Natureza!

E, ao ver que Eleonor vinha descendo
Pela sombra da serra, em vez de pôr
Os brandos pés no fragaroso chão,
Onde nem ave canta ou nasce flor,
Marânus exclamara:

«Ó tu que vens
Do longe e do mistério! Alta figura,
Que surgiste, ao luar, ante os meus olhos,
Como Deusa de eterna formosura!...»

Mas, depressa, Eleonor (visão estranha!),
Num secreto desejo feminino,
Ocultou-se no espectro da montanha;
E novamente o Espectro murmurou:

«No Princípio, era a Sombra, etéreo Fumo,
Indefinida Chama adormecida:
Aparência de morte e de silêncio,
Mas escondendo a aparição da vida.
Depois, aquela Sombra se concentra.
E dessa grande, ideal, concentração,
Nasceram as estrelas, como nascem
As lágrimas do nosso coração.
Este Universo, que hoje contemplamos
E sentimos viver, e sobre o qual
Maravilhoso espanto derramamos,
É um ser ressuscitado, que partiu,
Como Lázaro, a tampa do sepulcro.
Nascer o que é, senão ressuscitar?
Toda a morte é regresso e a vida, apenas,
Um adeus, um partir, para voltar.

Olha, repara tu neste penedo...
Oh, que expressão de dor! Não vês naquele
Outeiro uma saudade, que, em segredo,
Ele murmura aos zéfiros da tarde?
Pois este nosso mundo faleceu,
Transformou-se em poeira; mas, enfim,
Das entranhas do Vácuo renasceu
E doidamente corre, atrás do sol!
E as estrelas e os astros denegridos
São duros pontos densos do Infinito,
Grandes blocos de céu, empedernidos,
No mesmo céu, boiando e gravitando...
São princípios e fins de encarnações
Do imenso Verbo azul! Formas viventes,
Ondas que vão na Onda universal,
Como as rochas de gelo, nas correntes...

«O nosso velho globo, ressurgindo,
Numa estrela, num grito, se abrasou!
Depois, a linda estrela, decaindo,
Povoou-se de nuvens e fantasmas...
E o frio triste disse ao fogo: *apaga-te!*
E o mesmo disse à luz a sombra escura.
E ao coração do mundo desce o fogo
E a luz subiu aos olhos da criatura.

Beijando-a, o som, quimérico, lhe disse:
Em ti, eu quero ouvir-me! E, por encanto,
Os primeiros ouvidos se inundaram
De som, que é luz ouvida, etéreo canto.

«E os sentidos, tão vivos, a floraram,
Na superfície extática do ser,
Penetrando, com íntimas raízes,
A terra, a branca névoa, o sol a arder;
E extraindo do sol, da terra mãe,
A essência espiritual e imorredoura,
Para acender, além de tudo, além,
Maravilhas de luz, visões de Deus...

«Assim, a alma dos homens foi criada!
Ó momento sublime, extraordinário,
Em que surgiu, perfeito, um *novo mundo*,
No qual divaga o *ser imaginário*,
De natureza divina ou sobre-humana.
E é neste novo mundo que os sentidos,
Ávidos de outra aurora e de outros ares,
Erguem os altos ramos florescidos...

«E o homem, criatura e criador,
Ouviu a voz de Deus que lhe falou:
— Na tua consciência, em puro amor,
Existirei, por toda a eternidade!
Certos homens julgaram essa voz
Dimanada de fora; e os arvoredos,
Os rios e as estrelas adoraram,
E os fantasmas da noite, que são medos.
Mas outros, mais atentos, conheceram
Que a voz miraculosa, simplesmente,
Da sua consciência derivara;
E adoraram a Deus intimamente.

E houve guerras entre eles. Não sabiam,
Perdidos da paixão que nada acalma,
Que tudo o que se avista com os olhos
É o mesmo que se sente com a alma!
Não sabiam que o reino espiritual
Pertence à mesma ignota natureza
Das cousas, só mais belo e mais perfeito,
Na lúcida alegria e na tristeza;
Porque os seres benditos que o povoam
Já não são de matéria organizada;
São a carne, liberta e redimida,
Transcendentalizada e idealizada
Pela chama vital que o vosso corpo
Consome, dia a dia, irradiando
Crua ferocidade e amor fraterno;
Este subindo e aquela rastejando.

«Na sua pobre e mísera loucura,
Sonhavam ser o *termo* da existência,
Quando é certo que a humana criatura
Não é um *fim*, mas, antes, *novo meio*,
Onde nascera, à luz de estranha aurora,
A eterna Florescência espiritual,
Como, na adusta encosta de ermo outeiro,
Nasce, em rumor e cor, um pinheiral.

«E saberás, portanto, qual é o teu
Destino sobre o mundo; e saberás
Que tudo o que há, debaixo deste céu,
Tem um sentido natural e claro.

«O que é a Natureza? É qualquer coisa
Que, não sendo matéria nem espírito,
Na sua evolução misteriosa,
Toma formas de espírito e matéria...»

E Marânus, no susto e no arrepio
De tão grande milagre, pois decerto,
Ninguém, como ele, ouvira assim falar
A sombra da montanha e do deserto,
Com a frente inclinada para as fragas,
Naquela voz oculta, meditava...
E, distante e esquecido de si mesmo,
Em seu pensar ignoto, se abismava...
E sentia-se, agora, tão estranho
E tão outro, em seu íntimo viver,
Como se novamente, acaso, houvesse
Nascido, não do ventre da mulher,
Mas da saudosa Fonte, de onde nasce
A pequenina estrela que fulgura
E a penumbra, que é luz, velando á face,
Ao percorrer a negridão do Vácuo.

E via o escuro reino mineral,
Num alvorear de etérea sensação,
Fazer-se, enfim, o reino espiritual,
Metamorfose imensa e luminosa.
E viu que o último reino transcendente,
Pela sua estrutura e natureza,
Se casava, profunda e intimamente,
Com a sombra fantástica da Origem.

E a luz do seu olhar, extasiada,
Abrangeu, num momento, a vida eterna.
Sim, às vezes, em hora consagrada,
Para nós, se contém a Eternidade.
Também o claro sol, por um instante,
Numa gota de orvalho se resume;
E, nela, é viva imagem radiante
De viva luz, acesa em sete cores.

E Marânus sonhava, em doce encanto,
Sob os olhos da Sombra que o beijavam.
E assim como, no ar, se perde um canto,
Seu espírito vago se perdia.

Da serra começava a levantar-se
Um crepúsculo, um fumo de nevoeiro.
E um oiro em pó, suspenso, ia juntar-se
Às primeiras estrelas: era a noite.

VII

MARÂNUS E A SAUDADE

Marânus, esse amante da montanha,
Ouvira aquela voz, e interpretava
O sentido da Vida que mais belo,
Mais claro e mais profundo se tornava.
O nosso velho *mundo-criatura*
Era um *mundo criador*; o ser humano
Um ser divino; e a terra, ingrata e dura,
Um céu verde, de flores esmaltado.

E via, além das almas sofredoras,
Esse inefável Reino espiritual...
E, deslumbrado, viu que a Natureza
Fez dele o Paraíso virginal,
Onde vive de amor e de harmonia
A criatura anímica e perfeita.
E viu seu frágil corpo de agonia
Ser o pomar do Fruto sempiterno.

E, pelos ermos cerros, divagando
No infinito silêncio e na infinita
Soledade, os seus olhos levantando
Para os astros, já próximos de nós,
Meditava e sentia o coração
No peito, alvoroçado! E tinha assim
Consciência de si próprio e, ao mesmo tempo,
De outra existência trágica e sem fim.

E as nuvens lhe falavam, de passagem,
Os ventos e os rochedos lhe falavam.
E, entre ele e aquela mística paisagem,
A névoa da distância dissipou-se.
Ela estava integrada em seu espírito;
Seu espírito esparso através dela.
E, ao correr-lhe uma lágrima, na face,
Via também a pequenina estrela,
Que, dos confins da noite dolorida,
Voando, aflita, viera recolher-se
Ao seio dessa lágrima, onde a vida
É apenas humildade e comoção.

Ali, naquele ar vivo das alturas,
Desconhecidas vozes e sussurros,
Talvez contemporâneos das escuras
E remotas origens da montanha...
Repercussões longínquas do ruído
Com que a serra se ergueu... etéreos sons,
No desvanecimento e no desmaio
Do tempo... eco espectral do *fiat mons...*
Aladas, ermas sombras rumorosas,
Pairavam, penetrando de mistério

Os montes e as encostas fragarosas
E o coração confuso de Marânus.
E julgou, por momentos, regressar
Às primeiras idades criadoras,
Em que do centro, a referver, do mar,
Surgiam cordilheiras abrasadas!
Quando o sol, moço ainda, saciava,
Na terra, o seu desejo! E os arvoredos
Ciclópicos nasciam, e animais,
Que, ao andar, esmagavam os rochedos.
E viu-se, nesses tempos primitivos,
Quando, a primeira vez, descortinara,
Surpreendido e medroso, num regato,
Seus feios gestos e peluda cara!

E de si mesmo, atónito, fugiu,
Por desertos aspérrimos, gritando!
Ai daquele que, um dia, descobriu
A sua triste e humana condição!
Mas também os seus olhos, nesse instante,
Ávidos se tornaram de outra luz,
Mal pressentida ainda, em madrugante
Nuvenzinha de sonho, nódoa branca...

E Marânus, em cismas embebido,
Absorto em roxas brumas, contemplava
As distâncias do Limbo indefinido,
Onde, em segredo e sombra, os astros nascem.
E as quebradas, tão íngremes, dos montes,
E os casais, lampejantes e apagados,
Na poeira lilás dos horizontes,
Quando o sol-pôr incide nas vidraças.

O seu gosto era olhar, isto é, criar,
Converter em humano sentimento
A espiritualidade azul do ar,
Cores, perfumes, sons primaveris.
De noite, no luar, se refugiam
Seus olhos, como em templo recatado.
E seus ouvidos íntimos recolhem
Murmúrios do crepúsculo parado...
De dia, a luz ardente o embriagava;
E lhe beijava a face etérea brisa
Que nos longínquos mares se impregnava
De frescuras de espuma e alegres voos
De gaivotas, pousando, em multidão,
No colo vivo e lúcido das ondas.

E ali, naquela amável solidão,
As horas conversavam com Marânus.

Uma vez, distraído e descansando,
Numa fraga musgosa, de repente,
Viu, diante dele, um vulto de mulher.
E, conhecendo-a, exclama, ansiosamente:

«Serás tu, na verdade? Ou reflectida
Imagem que, em meus olhos, aparece,
Quando doirada sombra dolorida
Sobe dos ermos vales?

Mas, agora,
És tu, de mim tão perto! Como és bela!
Eu quero que repouse, no teu seio,
Esta fronte cismática...»

E a Donzela

Lhe diz, toda contida em seu olhar:

«Tu julgas ver aquela que cingiste
Nos teus braços humanos? E, depois,
Abandonada, além... ficou mais triste
Do que uma sombra morta caminhando?»

«Oh, a doce quimera! Tendo pena
Que esta minha aparência imaginária,
Esta vida translúcida e serena,
Não seja o corpo em flor do teu desejo!

«Ah, quem sou eu? Apenas a saudade
Da Pastora que, um dia, te encantou,
À luz do sol, que mostra a realidade
Em que a ilusão nocturna se converte.

«Sou a eterna saudade que levaste
Dessa pastora, simples e adorada.
E nela foi seu vulto mais perfeito
Do que Jesus na Hóstia consagrada!

«Toda ela existe e sonha, nesta imagem,
Que te contempla, sim! Mas que distância
Entre as formas inertes da paisagem
E a sua etérea sombra espiritual!

«E, por isso, me tens ao pé de ti,
Neste serrano píncaro...

Meu corpo,
Terreno, material, longe de aqui,

Seu rebanho de dores apascenta.
Anda na verde encosta dum outeiro,
Onde, a primeira vez, tu me falaste.
Anda sozinho e envolto em nevoeiro
De cuidados e cismas... E, à tardinha,
Quando regressa a casa, vai tão triste,
Que parece esconder no coração
Tudo o que tem a noite de silêncio,
De negra e de espectral desolação!
Causa dó vê-la assim, na flor da idade,
Como tocado já de frio outono,
Melancólico, errar, na soledade
Daqueles pinheirais e sítios de alma...»

E Marânus, surpreso: «És tu, és tu!
A vida, a graça, a luz da tua fronte
Não é própria das sombras; é da carne
Voluptuosa e viva!...»

No horizonte,
Pairavam nuvens brancas de ternura.
E a Donzela, a sorrir, continuou:

«As lembranças humanas têm figura,
Diante de nós, à clara luz do sol...»

Não vêes, na minha face, a rosa viva
Nascida da roseira, que em teu sangue
As raízes embebe, e, primitiva,
Em cheiro e cor, teus olhos enamora?

Tu presentes meu ser e podes vê-lo;
Pertence-te, decerto... mas jamais
Em presença carnal o possuirás,
Em femininas formas animais!»

E Marânus: «Eu vejo-te... Portanto,
Que me importa que sejas sombra apenas?
Bem te sinto existir; e o teu encanto
É como a luz batendo-me no rosto.»

E a Saudade, num gesto melancólico:

«Falar contigo deste nosso amor,
Para quê? Se tu mesmo o desprezaste,
Num desejo febril, louco, de dor?

«Porque esqueceste — dize! — os meus abraços
E os beijos dos meus lábios, que sabiam
A sol, a primavera, e, como os sonhos
E as estrelas, à noite, renasciam?

«Conheces, por acaso, o que perdeste?
Não sabes, não. Os homens nada sabem?
Há deuses, nas florestas, e um celeste
Mensageiro lhes fala... Ninguém ouve!
Ah, nada, nada, sabe a criatura!
Sol que surgiu, já prestes a ocultar-se!
E a própria alma é feita desse fumo
Que a luz dos astros deixa, ao apagar-se...

«Porque foi que partiste? Que delírio
Te fez abandonar meu corpo amado
Por esta imagem triste que tu vês,
Tão longínqua, tão pálida... e ao teu lado!»

E Marânus: «Ignoras o destino,
Aquela estranha Força misteriosa,
O Fado, impenetrável e divino.
Que meus passos dirige, no Deserto...

«Eu sigo, neste mundo, a voz etérea
Do ser espiritual que, no meu ser,
Vive longe da dor e da miséria...
E, nele, estou liberto e redimido.

«Sigo o espírito amado e que não ama,
E do qual participas... Mas ainda
Tua presença anímica derrama
Funda tristeza, lívida, mortal.
E veio a tua doce e bela imagem,
Mas tão casada à terra onde nasceu
Como um fantasma às sombras da paisagem...»

E então mais comovido e pensativo:

«Eu não alcanço em mim a desejada
E sonhada ventura. E, todavia,
É no meu vulto humano que se forma
A perpétua e impassível alegria!

«Eu não sou a alegria, mas apenas
A trágica matéria que a produz.
Na grande escuridão, sou facho a arder
E não avisto a minha própria luz!

«Enquanto eu ardo, e soffro, e me consumo,
Em que altura suprema brilharás,
Sem desmaios de nuvem ou de fumo,
Divina claridade do meu corpo?

«Ah, no meu ser, o espírito ainda existe,
Em peso bruto e densa escuridade.
Eu sou, eu sou, em mísera aparência,
A aparição de Deus, na eternidade!»

A Saudade, inclinando a branca fronte,
Ouvia, enternecida. E a luz bendita,
Manando de abrasada e etérea fonte,
Seus olhos florescia e saciava.

Marânus, contemplando a sua face,
Vira o seu coração! E, deslumbrado,
Qual Poeta, afrontando o sol que nasce,
Ao abrir as janelas, de manhã:

«És a Virgem cristã da minha terra.
Estas árvores vivem da tua graça;
E as searas dos campos reverdecem,
Quando, sobre elas, teu sorriso passa...

E as aves deste céu vão procurar
Fios do teu cabelo, para o ninho;
E à mensageira luz do teu olhar
A inspiração, com asas, dos seus cantos.

«Ó minha Deusa eterna, e redentora
Dos beijos, dos suspiros e das lágrimas!
Virgem saudosa e mística da aurora,
Na capelinha triste do crepúsculo!
Virgem das altas serras, coroadas
De neve e de silêncio...

Ó Virgem pálida

Da branca solidão das madrugadas,
Quando, em frio alvoroço, acorda o vento...
Ó dolorosa Virgem da distância!
Ó Senhora do longe e da aventura,
Na desolada ermida, sobre as rochas,
Onde o mar breme, em noites de amargura!
És a Virgem do mundo lusitano,
Dos ermos, ao luar, dos pinheirais,
Dos casebres dos pobres camponeses
E das velhinhas árvores outonais...

«Virgem dos lusitanos! Escolhida
Do mensageiro alado, que o Senhor
Já te enviou dos céus; e, humilde e triste,
Disseste: sim!, corada de pudor.

«Ó Saudade! Ó Saudade! Ó Virgem Mãe,
Que sobre a terra santa portuguesa
Conceberás, isenta de pecado,
O Cristo da esperança e da beleza!

«Ó nova Divindade, eu quero erguer-te,
No mais alto da Serra, um belo altar,
Feito de saibro e rosas matutinas,
Alumiado do sol e do luar.
Ali, será Belém. Os pastores
Se hão-de ajuntar, em grande romaria,
Na adoração do novo Deus menino,
Rezado pela nova Profecia.»

VIII

MARÂNUS E O OUTONO

Vagueava na serra o frio outono,
Ermo vulto de sombras e humidade.
Seu hálito de brisa embaciava
O límpido cristal da claridade,
A transparência roxa da distância
E a própria cor, irmã da primavera,
Que as quiméricas formas ilusórias
Reveste de ilusão e de quimera.
Somente o nosso espírito parece
Ganhar em lucidez e concentrar-se,
Quando o nevoeiro os ares escurece
E povoa de espectros a paisagem.

E de soturno cerro, que emergia
Da láctea névoa universal, Marânus,
Sob a luz matinal, cinzenta e fria,
Olhava infindo, branco mar sonâmbulo...

Ao longe, brônzeos píncaros lembravam
Fantástico arquipélago deserto.
Grandes águias, extáticas, pairavam,
Tão altas, para além do próprio outono!

E Marânus, olhando a clara névoa,
Sonho doce do mar, ali pousado,
Meditava: aonde vai o sonho humano,
Quando de nós se afasta, já sonhado?
E ficamos mais tristes e sozinhos,
A cada sonho que findou, no mundo.
E, a cada etérea nuvem que se forma,
Torna-se mais salgado o mar profundo.

Ó mar, ó velho mar! Existe alguém
Que pode ver tuas doiradas nuvens,
Abrindo as leves asas, já no além
Da louca agitação das tuas águas.
Mas tu, meu pobre corpo, tu não vês
Os meus sonhados sonhos, que se perdem
Para lá desta vida e que talvez
Indefinidamente se prolongam.

E Marânus assim, perante aquele
Mar de nuvens, pensava. E, dentro em pouco,
Ergueu-se escuro vulto perto dele,
Irrompendo das brumas, vagamente.

Eis que o Outono lhe fala: «Ó bom amigo,
Amante destes sítios desolados,
Quero-te ouvir, quero viver contigo,
Em íntima e perfeita companhia.

Não sei porque deixaste a boa terra
Dos pinheirais e campos, onde sou
Mais belo que nos montes desta serra:
Ermo altar, com a imagem do silêncio.

«Eu amo, sobretudo, os arvoredos,
Que a minha grã tristeza veste de oiro.
E aqui, na solidão, há só rochedos,
Insensíveis à mesma primavera!
Amo a paisagem mística e saudosa;
Aquele antigo parque abandonado,
Ruínas de lindas fontes e cascatas,
Flores de outrora e a sombra do Passado...

E aquela árvore antiga, que sustenta
Frutos que vão tombando, como folhas,
Quando a manhã, já húmida e cinzenta,
Com suas mãos de brisa, agita os ramos.»

E Marânus: «Eu amo a serra e o mar.
Amo o bruto penedo, a branca nuvem,
As ondas, em seu líquido ansiar
Ou térrea densidade do seu êxtase...
Se têm a vossa forma, ó verdes ondas,
Os seios da mulher, a asa e o vento!
Em onda, o riso sobe, e cai a lágrima.
É onda o olhar, a luz, o pensamento...
Ondas dum mar sem fim, que lembra Deus...
Mar, onde o sol é apenas gota de água;
E a Via luminosa, à flor dos céus,
Rasto de espuma, efémero, brilhando...»

Marânus, distraído, assim dizia...

E o fantasma do Outono derramava
Doce penumbra de melancolia
Na onda da sua voz harmoniosa.
E tinha um ar humano de quem ouve,
Uma tristeza humana, quase amor.
E seus olhos azuis representavam
A divina tragédia do sol-pôr.
E, também distraído, novamente
Falou, por entre sombras elegíacas:

«Eu sou o primeiro sono do inocente,
Das virgens e das árvores... Sono leve
Que humedecido véu de névoa espalha
Na transparência azul e matutina;
E de brilhantes lágrimas orvalha
Esta paisagem que parece morta...

Mas é certo que dorme um sono leve,
No seu leito doirado, com lençóis
Urdidos, no luar, por mãos de neve...
Um sono a despertar, velhinha noite,
Já embebida em luz, já desmaiada,
Na lividez da terra... Sono brando
De nuvem, quando a brisa, repousada,
Nem um murmúrio exala... Sono etéreo
De estrela... Sono de água, clara e pura,
Na areia pura e clara... E, de improviso,
O sol, ferindo a sombra das folhagens,
Dir-se-á que a bebe toda, num sorriso...

«Ah, como eu sei adormecer as almas!
Só eu e o mar e o vento, às horas mortas,
Quando a tristeza anda, lá fora, errante,
E, como enlouquecida, bate às portas!

Ah, como eu sei adormecer! Só eu,
E o mar e o vento... Sou primeiro sono...
Dormem os bosques, dorme a terra e o céu.
E esta serena mágoa da paisagem
É alegria que dorme... Esta penumbra
É luz adormecida... Esta aparente
Morte da Natureza é vida viva
Dormindo, sono leve de inocente...
E o silêncio, que reina, é voz dormindo...
Canções de cotovia, adormecidas;
E, mesmo adormecidas, vão subindo,
No Azul dormente, para o sol que dorme...

«Sou brando sono... Sou primeiro sono...»

E Marânus sentia adormecer
O sangue nas suas veias, porque o outono,
Falando, derramava o sono leve...
E logo, da neblina, um outro vulto
Surgiu. Era a Saudade, a divindade
Daqueles sítios ermos, Virgem nova
Da nova e espiritual fecundidade.

E o fantasma do Outono: «Ó minha irmã,
Que as lágrimas tombadas ressuscitas,
E acendes branca estrela matinal
No coração das trevas infinitas,

Na minha inerte e torva dor, que abraça
Brutos rochedos, arvoredos nus,
Espalha a tua luz de eterna graça,
Que dá calor e vida às cousas mortas!»

E Marânus exclama: «Eu te bendigo,
Virgem da minha terra consagrada!
Enquanto eu existir, seja comigo
Teu dolorido encanto misterioso!»

E a Saudade a Marânus: «É por ti
Que a minha voz, na solidão, murmura.
Por ti ao mundo trágico desci
E vaga, através dele, o meu espectro.
Serei sempre contigo. E, nos teus sonhos,
Serei mais clara ainda, mais presente.
O adormecer do corpo é o despertar
Do nosso ser oculto e transcendente.
Uma árvore, sonhando, que veria?
As aves que esvoaçam, nos seus ramos,
E a sombra humana da melancolia,
Sentada à sombra dela, meditando.
E, em sonhos, que veria a terra-mãe?

O lírio, a branca rosa, a folha de hera,
Mais a sua esperança! E até no inverno,
Sonhando, avistaria a primavera!...»

E, depois, a Saudade, irmã do Outono,
Afastou-se dali, para viver
Seus instantes de místico abandono
Com a alma fantástica do mundo.

E Marânus, já tão iniciado
No mistério das cousas, deparou
Com o Outono, esse vulto alevantado
Em neblinas e mágoas sobre-humanas:

«Eu sei quem és! Bem te conheço e vejo,
Ó Deus eleito dos meus olhos tristes!
Sempiterno fantasma do Desejo,
Que bates com a fronte nas estrelas!
E, ao ver-te, o meu espírito imagina
Aquela forma, alegre e amanhecendo,
Como, na antiga idade cristalina,
As fábulas e os deuses se criaram.
E sinto que esta carne, que me veste
Os ossos, palpitante e dolorosa,
É hoje um *meio vivo*, igual àquele
Em que Vénus, envolta em luz radiosa,
Surgia da Onda *mater* e sagrada.

«Sou o Azul, onde a estrela dos reis magos,
De alegria divina incendiada,
Brilhou sobre a *lapinha de Belém!*
Fui, outrora, o jardim do Paraíso.
A árvore do Pecado no meu corpo
Crava as fundas raízes; e o sorriso
Da sua flor é luz de perfeição!
Foram, na minha pele, com meu sangue,

Escritos os versículos de Job;
E em meu peito se firma e toca os astros
A luminosa escada de Jacob.

Meu sublime pecado condensou
Em montes de água as nuvens do Dilúvio!
Minha ambição demente edificou
A desvairada torre de Babel!
Sou a serpente e o anjo, o bem e o mal,
Fera que ignoto amor enterneceu.
Sou tudo quanto existe! Em minhas veias,
Lateja a terra em febre e a luz do céu!

«Outono, meu amigo! Ó criatura
Do crepúsculo aéreo que, em minh'alma,
Em ermas ondas espectrais, murmura...
Sombrio mar, nocturno sentimento...
Descubro-te, ao meu lado, todo erguido,
Em humana pessoa; e já não sei
Se nasceste do Abril arrefecido,
Se da minha tristeza, que é paisagem...
Mas ouço a tua voz, e tenho em mim
O poder de te dar espiritual,
Sensível forma clara que eu avisto,
Dentro da vida cósmica e real!
É porque vivo ainda o tempo heróico
Das lendas e dos Deuses!

Nesta serra,
Fazem também os anjos o seu ninho;
E a asa é a primogénita da Terra...
Depois de voar na água, esse ar mais denso,
Pairou no infindo Azul, como tentando
Acompanhar a água, em seu imenso,
Marmóreo voo de névoa escultural.
E, por um vento anímico impelida,
Subiu além da trágica matéria.

E ei-la agora que me veste em luz etérea!
Ei-la o reino do espírito atraindo
E levando, em celeste turbilhão,
Para lá deste espaço luminoso,
A mortal e imperfeita Criação!
Ei-la o sonho dos homens, florescendo,
Longe de nós, em plena eternidade.
Ei-la a Virgem da Pátria lusitana,
Minha adorada e nova Divindade.»

Mas, enquanto Marânuş lhe falava,
A figura do Outono se dispersa.
Seu manto de neblinas flutuava
Sobre as fragas, mais ténue e transparente.
O Outono dispersou-se, pelos montes,
Em arrepios vagos, tons de cinza,
Deixando nos ribeiros e nas fontes
Macerações de luz e chagas de oiro.
E, num último gesto nevoento,
Onde claro sorrir transparecia,
Seu vulto se afastou; e tão alegre,
Quase primaveril se fez o dia.

I X

MARÂNUS E OS DEUSES

As trevas dissiparam-se. Marânus
A vista dos seus olhos encantada,
Espalhava nos montes e planaltos.
Aqui, além, a névoa ainda pousada,
Flocos de espuma de ondas já desfeitas,
Era branda carícia que Deus tinha
Para as rochas, que sofrem, contrafeitas,
Nessas formas aspérrimas e agudas.
E a clara luz do outono também era,
Para os bravios tojos e urzes bravas,
Um sonho de ilusória primavera,
Uma carícia luminosa e doce!

E Marânus sentia claramente
Percorrer os seus nervos a mais pura
Sensação de prazer. O sol nascente
Batia-lhe na fronte pensativa.
E em seu húmus, anímico e fecundo,

Espirituais sementes germinavam.
E uma floresta viva de alegria,
Cheia de cantos vivos que soavam
Em frescuras idílicas de sombra,
Ia crescendo e toldando de folhagem
Seu mundo interior, com serra e mar,
Nuvens e longes verdes de paisagem.

E a montanha surgia, à luz do sol,
Tão recortada em tosca nitidez,
Que era uma estátua cósmica de terra.

E do cerro onde estava, na embriaguez
Doirada e azul, contente, foi descendo,
Por inclinada e fragarosa encosta,
Como quem vai seguindo e conhecendo
As místicas pegadas duma Deusa...
Num repente de assombrado, descobrira,
De pé, sobre um rochedo de granito,
Apolo, que tangia a eterna lira,
Com a testa de mirtos coroada.
A divina harmonia, que voava
Das cordas que a geraram, desprendida,
Em suave crepúsculo, banhava
A alma extasiada de Marânus.
Era o canto elegíaco do outono,
A saudade apolínea, que o prendia
Ao vulto bem amado de Eleonor
Que num seio de nuvem se escondia;
Ou, num raio de luz, a aparecer,

Semeava o lírio, a rosa...

E os ermos montes

Sentiam sua terra florescer,
Naquela primavera espiritual...

Sim, a vida do espírito domina
O próprio sol. Uma palavra, um gesto,
O fez parar no espaço. E a luz divina,
Ante o sonho dos homens, anoitece.

E Marânus a Apolo: «Ó Deus eterno,
Estranho é, para mim, que a divindade
Padeça como nós!»

E logo Apolo:

«A maior dor é a própria Eternidade!»

E a lira, em suas mãos emudecendo,
Parecia evocar a noite pálida.
E a bendita montanha, escurecendo,
Tornara-se mais íntima e soturna.

E continua Apolo, numa voz
Nevoenta, como a voz que tem o mar:

«Ando por estes ermos em procura
Da minha vida antiga. A luz do luar,
Desdobramento indefinido e vago
Do meu corpo abrasado e esplendoroso,
Envia-me, de além, o seu afago
De sombras e o seu beijo moribundo...

«Fumos, melancolias, longes de alma...

«Quanto deve ser doce, oh quanto deve,
Abraçar para sempre a noite calma
Quem vive em fogo e luz perpetuamente!

«Concederam-te os deuses o favor
Da morte, que eles próprios não tiveram...
A morte, que é o sinal do criador,
Porque — ai! — a Eternidade é criatura!»

E nos lábios de Apolo escura nuvem
Turbara-lhe as palavras. E o seu loiro
Cabelo, em brandas ondas, ondulava.
E tangeu, novamente, a lira de oiro.

Vaga harmonia os píncaros ensombra,
Repercute-se em ecos falecidos;
Espalha rosas espectrais de sombra,
Jasmins de bruma e lírios de tristeza.

Lá nos confins amenos dum planalto,
Bandos de claras Ninfas vagueavam...
E, detrás dos rochedos, velhos Faunos,
Com lume a arder nos olhos, espreitavam.
Íris, na densa névoa florescida,
Que toldava o horizonte montanhoso,
Mostrava a face angélica, acendida
Em luminosas, irisadas cores.
E Diana, tão cruel, em sua gélida
Castidade egoísta, perseguia,

Com os seus cães, ferozes e divinos,
A pobre caça, tímida e bravia!
Palpitante, no ar, o Touro alado,
Arrebatava Europa! E a Deusa terna,
Junto ao corpo de Adónis desmaiado,
Tinha sete punhais no coração!
Sobre um grande penedo, com a fronte
Coroadada de pânpanos viçosos,
O deus Baco cantava. E era uma fonte
De embriaguez celeste a sua voz!
E de seu próprio seio a Terra mãe
O busto levantado para os céus,
O Gigante protege, na fecunda
Guerra que os homens fazem contra Deus!
Hércules, manejando a enorme clava,
Parecia sonhar. Era tão alto
Que só de monte em monte caminhava;
E os seus ombros perdiam-se nas nuvens...

E Marânus, extático e surpreso,
Contemplava essa viva multidão
De Deuses, quando surge, etereamente,
A imagem de Jesus, na solidão!
Vinha entre hossanas, cantos de aleluia,
Naquele mesmo instante ressurgido!
E no linho da túnica trazia
Nódoas de pó, vestígios tumulares.
Assim, entreabrindo o chão pisado,
Faminta de ar azul, uma haste verde
Traz na tenrinha folha ainda colado
Fresco sinal de terra...

Logo Apolo,
Ansioso, correndo ao seu encontro,
Lhe disse:

«Pelas formas do teu rosto,
Vejo que és Deus também. E o grande Júpiter
Deu-te, em partilha, o reino do sol-posto.»

E Jesus: «O meu reino é para além
Desse clarão que te ilumina a fronte.
Sou filho duma Virgem de Belém,
Eleita pelo Espírito divino.
Depois, morri, nas fragas do Calvário.
E, enquanto eu padecia sobre a cruz,
As tuas mãos curavam minhas chagas,
O meu último alívio foi a luz.»

E numa voz mais triste:

«Lembro ainda
A minha infância, lúcida e serena...
Vida de sonho e névoa, graça infinda,
Envolvendo e beijando a Natureza.
Mas a vida febril, consumidora,
Dos meus últimos dias, quando o mundo,
Para mim, era inferno; e a luz da aurora
O tentador sorriso do Pecado!
Ah, dela me arrependo! Quantos crimes!
Quantas tremendas lutas acendeu!
Por que loucura desprezei a terra,
Se ela é filha legítima do céu?!

E desprezei-te, mãe! Como choraste,
Aos pés da minha cruz! Para que foi
Que sobre mim os olhos projectaste,
Dois abismos de treva e de aflicção?
Ainda te vejo — horror! — nas duras pedras,
Trémula, desvairada, de joelhos!
E vejo negros turbilhões de nuvens,
Cravando ígneos relâmpagos vermelhos
Nesta fronte sangrenta e moribunda!
Ainda te vejo, ó mãe! E vejo a noite,
Que as infinitas amplidões inunda,
Roubar-te ao meu olhar desfeito em lágrimas!
Mas a morte, fantasma alevantado,
Dos fragedos, à altura do meu rosto.
Me disse, em cavernoso tom magoado:
— Não chores mais, não chores. Vem comigo...

«E lá fui com a morte. E sou presente,
Agora, sobre o mundo... E só desejo
Esquecer, para sempre, eternamente,
Essa tragédia horrível do Calvário.
Quero fugir do espectro, que persegue
A minha vida anímica e pagã,
Qual sombra melancólica e nocturna
Que fosse nas pegadas da manhã.

«Na vossa companhia, ó sempiternas
Divindades do Amor e da Beleza,
Serei o Deus do Espírito, elevando
As almas para além da Natureza.»

E Apolo: «A negra morte dolorida,
Em vez de te fechar as brandas pálpebras,
Mais teus olhos abriu à luz da vida...
E a vida te perdoa e te abençoa...

«O meu sonho perfeito é comungar
Teu ser espiritual...»

E Jesus Cristo:

«Também meu Verbo eterno há-de encarnar
Nesse teu belo corpo esplendoroso.»

E, milagre dos Deuses renascidos,
Uma alegria, misteriosa, estranha,
Um cântico de sol, no ar se fez...

Era o sorriso imenso da montanha.

X

MARÂNUS, ELEONOR E A SAUDADE

E Marânus, ainda dominado
Pelo encanto daquela Aparição,
Ia andando... Era a hora em que se vê;
Já mesmo atrás da luz, a escuridão.

Dirigia-se à Ermida da *Senhora*
Da Serra, onde, cansado, pernoitava.
E ali, num áureo gesto, a bela aurora
Lhe vinha anunciar o nascimento
Do sol menino, que surgia, além,
No horizonte de bronze, todo em chamas,
Como se fora a terra a sua mãe,
Erguendo-o, nas seus braços, e ofertando-o
Às florestas, aos pássaros e às nuvens.

A noite surpreendera-o no caminho.
Sinistramente, uivavam feros lobos...
Voavam águias, em busca do seu ninho.

E a triste escuridão, que se elevava
Dos vales espectrais, na grande altura,
Como fumo subtil, se dissipava,
Entremostrando o riso das estrelas.

E, no brumoso longe oriental,
Um doce alvor, um místico desmaio,
Um silêncio de luz espiritual,
Luminosa tristeza vai subindo.
E a sombra refugia-se, medrosa,
Nos recantos escuros; e, depois,
Sempre mais negra, desce a fragarosa
Encosta das quebradas e dos píncaros,
Que se esculpem, no fluido azul do céu,
Já tocados de branda e etérea graça.

A lua, enorme e lívida, nasceu,
E o luar prateia os montes e os penedos.
Dir-se-á que, do Infinito, a via-láctea
Baixara ao mundo, e os anjos deslumbrantes,
Que a percorrem, agora, divagavam,
Por outeiros fantásticos, distantes.

Marânus ia andando, a meditar,
Tão comovido e humilde, que ele ouvia
O coração das coisas palpitar
E o voo imperceptível dos espíritos...
E parava; e cismático, suspenso,
Os sentidos perdia; e, assim perdidos,
Contemplavam o Limbo misterioso,
Onde há almas e sóis recém-nascidos...

E o silêncio, o luar, a solidão
Rodeavam Marânus, caminhando...
Três fantasmas da terra, em oração,
Sob o espectro de Deus que abrange tudo.
Três fantasmas da terra, três figuras
Do princípio da terra, irmãs da dor,
Que atravessam desertos e planuras,
E vagam na tristeza das montanhas.

Mas já se via a ermida, no seu alto,
Branca da luz da lua e solitária.
E ao limiar da porta, em sobressalto,
A Saudade esperava, olhando a noite.

Os Dois, por fim, entraram na capela,
Onde acenderam folhas, urzes secas.
E o fumo azul de faúlhas se constela,
E dele irrompem as vermelhas chamas..
E, através da suave claridade,
A Virgem, tosca imagem, parecia
Mais contente e animada, nesse triste
E gélido abandono em que existia.

Frio rumor, inquieto, de mudança
De tempo, o céu turbava. Em torno à lua,
Um desmaiado círculo de névoa
Em transparente palidez flutua.
E repentino vento penetrou
Pelas frinchas da porta; e o lume brando
Misteriosamente despertou,

Ao contacto espectral daquele beijo.
E, pela grande solidão nocturna,
E na mudez da serra, o vento alado
Sua voz oceânica, em profundos
Murmúrios, espalhava.

E, concentrado,
Com os olhos no fogo e o negro olhar
Mais longe que as estrelas derradeiras,
Marânus se abismava em seu cismar,
Esquecido e alheado de si mesmo.
E cismava, e cismava, alegremente,
No seu poder humano criador;
E no poder, sublime e transcendente,
Que tem, de ser criada, a Divindade.
E, num íntimo encanto religioso,
Alcançava a fronteira indefinida,
Onde seu *corpo material* tocava
O fim *espiritual* da sua vida.
Era o ser de olhar duplo, contemplando
O reino a que pertence e o seu etéreo
Desdobramento anímico; e, por isso,
Olhava as duas faces do Mistério.

E, pálido, sonhava e meditava...
E o fogo ardia, alegre e crepitante...
E o vento, clamorando, desfiava
Seu rosário de lágrimas sem fim.
Lá fora, andava a noite. Bem se ouviam
Seus passos de fantasma. E a luz da lua,
Por entre grossas nuvens que se abriam,
Esboçava, na sombra, os altos píncaros.

E Marânus, sentindo a voz do vento,
Com tristeza evocava o mar longínquo
Que surgia em seu vago pensamento,
Tempestuoso, intérmino e profundo.
Era o mar dos lusíadas, brumoso,
Todo cavado em ondas desgrenhadas,
Atirando às estrelas, ansioso,
O beijo amargo e gélido de espuma!
Seu coração, marítimo e serrano,
Era o mar e a montanha. Dentro dele,
Tomavam por milagre aspecto humano
Águas revoltas, nuvens e saudades...

Via a ronda infinita das imagens
Bailar, em sua lúcida memória:
Fontes de prata, idílicas paisagens,
Longes de névoa e pertos de verdura...
Figura, esvelta e linda, que passou
Por ele, há muito tempo! — e, na sua alma,
Um crepúsculo eterno derramou,
E, em seus olhos, deixou perpétua lágrima!

Era o cenário vivo do Passado:
O lar da infância, as árvores antigas,
Este pequeno sítio consagrado,
O vale, o rio, as últimas colinas,
Passarinhos e lírios... criaturas
Já desfeitas em cinza e poeira estéril;
Mas, em formas anímicas e puras,
Enchiam de sorrisos, vozes de oiro,
O seu etéreo Reino espiritual.

E encantava Marânus o segredo
Dessas íntimas vidas imortais,
Sejam de flor ou de ave ou de arvoredo...

E viu que a natureza transitória,
Em seu imaterial desdobramento,
Destrói o espaço, o tempo e tudo quanto
É vã fragilidade e sofrimento.

Hora estranha e quimérica da vida,
Em que o primeiro Poeta revelou
A luz de Deus, jamais anoitecida,
Na terra toda em flor e virginal!
E o destino dum homem, desde então,
É ser impressionado e dominado
Por este Deus, que a sua inspiração,
De misteriosa origem, concebeu.

Tudo obedece a Deus; o céu e o mundo.
E louvam-no, cantando, os passarinhos.
A aurora o glorifica e o mar profundo
E os trágicos profetas, no deserto.
Jesus, para cumprir sua vontade,
Sobe o Calvário, e, numa cruz, expira.
E, sob a influência astral da sua luz,
Orfeu tocou, sonhando, a eterna lira!

E, nestes pensamentos transcendentés,
Confuso, delirava. E, no seu peito,
Descansava a Saudade a branca frente,
Com delicado, feminino jeito.

E eis que surge Eleonor, tão bela e pura,
E aureolada de sonho e etérea graça,
Que, ao dar-lhe, a clara luz se torna escura,
E a negra sombra, ao dar-lhe, resplandece!
E, logo, assim falou para a Saudade:

«Quando, a primeira vez, eu te encontrei,
Tu não eras ainda a claridade
Em que aparece, agora, o teu perfil.
Eras menina e flor, de natureza
Frágil e dolorosa, bem distante
De mim. Oh, bem distante da beleza,
Que nem o tempo, nem o outono murcha!
Mas a dor elevou teu próprio ser
À altura espiritual em que hoje vives.
A condição que tinhas de mulher
Divinizou-se: és Deusa, e eu te bendigo.

«Por ti, regressa a aurora ao berço de oiro.
Por ti, volta a ser água murmurosa
Água que um raio a arder evaporou.
Por ti, é já botão velhinha rosa.
Por ti, o grande roble secular
É, outra vez, semente pequenina.
Por ti, a luz do sol se faz luar
E o nosso olhar, caindo, se faz lágrima.
Por ti, os passarinhos batem a asa,
Em busca do seu par e do seu ninho;
E, ao teu sopro de zéfiro, se abrasa
Tudo o que a morte apaga: estrela ou flor.
Por ti, a alma remota da paisagem
Se aproxima de nós, à luz da lua.

Por ti, a fonte seca da estiagem
Evoca a névoa escura, e logo canta.
Por ti, em nossos olhos, sempre ficam
As passageiras lágrimas de alívio.
Por ti, na terra, as almas comunicam.
Por ti, no espaço, os astros se contemplam.

És a perpetuação, a eternidade.»

E, depois, dirigindo-se a Marânus
E mostrando-lhe a imagem da Saudade,
Tão cheia de presença e de alegria:

«Vede o alto luar que te acompanha,
Tua sagrada esposa, irmã das nuvens,
Que trazem para os cerros da montanha
Aparições fantásticas do mar.

«Mas eu vim para ser a bem amada,
E jamais para amar. À tua frente,
Serei como a coluna incendiada
Que divagava outrora no deserto.»

E Marânus, num íntimo alvoroço,
Olhando a sua deusa e criatura,
Assim responde, numa estranha voz,
Que fala ao mesmo tempo que murmura:

«Teu vulto, na distância, resplandece,
Como fantasma etéreo do meu ser;
Também, ao sol, de longe, lhe aparece
O seu espectro em flor, que é a primavera.

«Em ti, sempre adorei o eterno amor,
A suprema esperança... Eis a razão
Por que as tuas palavras compreendo;
E, ouvindo-as, fico todo em oração.»

Eleonor, num sorriso amanhecete:

«Tu saberás, um dia, quem eu sou...
Há-de surgir das bandas do Nascente
Um claro sol de espírito divino.

E não mais me verás. E, nesse instante,
Existirás em mim, como eu existo
Nesse teu pobre corpo agonizante.

«Eis o grande segredo... o meu segredo.»

E Marânus cismava; e, nos seus olhos,
Negros corvos famintos de beleza,
Voa uma nuvem, outra nuvem passa,
Com a effgie remota da tristeza...

XI

MARÂNUS, A SAUDADE E DOM QUIXOTE

E já chovia, em bátegas pesadas;
E o vento forte, em turbilhões de choro,
Galgava outeiros, montes e quebradas,
Possesso do clamor e do murmúrio.

E Marânus, mais triste e pensativo,
Porque o pensar é triste, mesmo quando
É alegre o pensamento, ouviu, lá fora,
Confusa voz humana, praguejando...
Humana voz de som arrefecido,
Arrastada nos doidos burburinhos!...
Verbo que andava, trágico e perdido,
No labirinto esfíngico da noite.

E a Saudade, medrosa, abrindo a porta,
Gritou: «Quem é que chama?»

De repente,
Surge, forçando as trevas lacrimosas,
Um vulto que lhe disse tristemente:

«Surpreendeu-me o carujo, na montanha.
O vento é de cortar! Julguei morrer
Gelado ou devorado pelos lobos!»

E a Saudade: «Por Deus, vinde aquecer
Esse corpo ingerido e gotejante.
No lar, há fogo aceso. Sem demora,
Sentai-vos, neste canto, ao pé das brasas.»

E, como enlouquecida e assustadora,
Uma rajada súbita apagou
A trémula candeia. É o zimbro frio
Bateu no rosto branco da Saudade.

Depois, aquele magro vulto esguio,
Todo molhado em lágrimas de dor,
Sentou-se na velhinha preguiceira.
E Marânus, olhando-o, com amor,
Lhe perguntou quem era e donde vinha.
E ele, inclinando a fronte sobre o fogo
E envolvendo Marânus, num distante,
Ermo e profundo olhar, assim lhe disse:

«Eu fui, eu sou, aquele eterno amante
Do amor! Àquele eterno peregrino
Das solidões da terra e do infinito!

«Eu fui meu próprio ser, em desatino,
De lança em riste e escudo sobre o peito.»

Lá fora, passa o vento, declamando
Vaga tragédia aérea. E Dom Quixote,
Seu heróico passado recordando,
Com penumbras na voz, continuou:

«Quebrada a minha lança e o meu escudo,
Não por fraqueza vil, mas por traidores
E encartados gigantes, vejo em tudo
O meu fantasma errante de vencido...
Esta sombra em que nós sobrevivemos.

«Vejo em tudo a tristeza, porque, enfim,
De tal modo a tristeza me pertence,
Que só para ser triste ao mundo vim...

«Vi falecer, no ar, a aparição
Da alegria quimérica! E meus pés,
Que foram altas asas, na amplidão,
Ei-los crucificados, sobre a terra.»

Ia ouvindo Marânus. E a Saudade,
Silenciosa, ouvia. E nos seus olhos
Inefável luar de piedade
Sorria ao cavaleiro, em sua noite.

E Marânus lhe disse: «Pressenti
Teu glorioso nome. Adivinhei-o...
E nunca, em minha vida, conheci
Alguém mais belo e nobre do que tu!

És a presença humana, heróica e doce,
Das páginas dum livro alevantada,
Mais viva, mais perfeita, que se fosse
Concebida num ventre de mulher.»

E lhe diz a Saudade: «Com certeza,
Haveis sofrido. Sinto-o... E todavia
Não sois, não, da sagrada redondeza
Destes maninhos montes solitários...
Lembraís um estrangeiro... pela fala...
Mas eu adoro apenas a paisagem,
Onde meu ser quimérico se exala
Das fontes, dos penedos e das árvores.

«Como eu tenho, ninguém, no mundo, teve
O amor dos pinheirais, dos sítios ermos
E dos cerros altíssimos, que a neve
Amortalha num gélido fulgor.

«Meu coração, em êxtase, estremece,
Perante a simpatia misteriosa
Dessa vossa figura, que parece
Esculpida num mármore de sombra.

«Amo, porque padeço. O amor é dor.
E as lágrimas saudosas, que procuram,
Em meu olhar, o dia que as fecunda,
Tremulando, cintilam e murmuram,
Na tua face triste, embora calma...
Tão animada e pálida e remota
Como se fora a imagem da minh'alma!

«Esta dorida mágoa em que me enlevo
Nasce do vosso eterno sofrimento.
Sois estrangeiro e cavaleiro. Andais,
Errático e perdido...»

A voz do vento
Era o próprio silêncio a falar alto.

E os olhos da Saudade se encontraram
Com os olhos do triste Cavaleiro:
Os dela, — luz da lua e luz do sol;
Os dele, — fria sombra e nevoeiro...

E Marânus exclama, ansiosamente:

«O amor, o amor é o mal que te consome.
Pobre de ti, que foste amor somente!
Mas a vida, por isso, te despreza.

«Sê homem e animal, o que é também
Uma grande alegria da Natura!
Adora a Divindade que se beija,
E é só carnal e quente formosura.

«Tu sabes que um deserto, seja de oiro,
Seja de amor, é a mesma solidão...
Vem para a *terra mater* e fecunda,
Criadora das árvores e do pão.

«Trabalha, reza e vive, à lua do dia,
A verdadeira vida, que resulta
Do perfeito equilíbrio, da harmonia
Entre a alma mortal e o corpo eterno.»

E o pobre Cavaleiro, entristecido:

«Na aridez infinita da existência,
Incompreendido e sempre escarnecido,
Fui um delírio, um temporal de amor!
Fui apenas espírito. Jamais
Dei pela minha sombra miserável.
Pedras e nuvens, plantas e animais,
São fumarada leve dum incêndio
Anímico, perpétuo, universal,
Que florescia a terra que trilhava.
Sou hoje um pobre triste de pedir;
Desencantada imagem, que perdeu
O divino segredo de vestir
De emoção e ternura as cousas mortas.»

E Marânus, mais ermo e pensativo,
Continuou a falar, dizendo assim
(Arde em chamas o fogo, alegre e vivo;
Geme, lá fora, o vento, e a chuva cai):

«O espírito amoroso que abandona
O seu corpo natal é irmão do corvo
Que Noé soltou, no ar, quando o dilúvio,
Tumultuoso baixava, imenso e torvo.

E, ao vermos nosso espírito disperso,
No quimérico céu que desejamos,
Vemos também, com lágrimas, nos olhos,
A fria solidão em que ficamos!
E bradamos, então, como Jesus:
— Porque é que tu, meu Pai, me desprezaste? —

«Eu sei da tua dor, ó Cavaleiro!
A dor da Perfeição que imaginaste!

«Eu vejo a tua dor, a tua sombra,
Que, de rastos, no solo, te acompanha.
É vida que deixaste de viver;
É teu espectro errante na montanha;
És tu, no teu passado e à luz do sol...

«Quem padece é teu corpo enfraquecido,
O mal, vencido e morto, porque o bem
Nasce do mal, que expira, enraivecido,
Pois sempre teve um doido apego ao mundo!
E toda a morte é dolorosa e triste.
Quando algum ser se extingue, ou anjo ou fera,
Exala em um ai de dor tudo o que existe!
O que temos de mau, perante a morte,
Desespera-se e grita! Jesus Cristo,
No Horto, ao ver a sua negra sorte,
Sua negra e tremenda expiação,
Sentiu que o dominara, de repente,
O orango primitivo, horrendo e feio!
E chorou, hesitando, humanamente,
Com o pesado cálix da amargura,
Nas longas mãos, peludas e selvagens,
Enquanto, junto dele, alevantado
Na tristeza da tarde e do olivedo,
Estava o anjo místico enviado...

«Sim, é preciso amar o próprio Mal.»

De vez em quando, o vento emudecia...
E um silêncio profundo se espalhava,
E era um silêncio apenas que se ouvia...

E o nobre Cavaleiro fugitivo,
Respondeu, pesaroso: «Já conheço
Tudo o que me dizeis. E se ainda vivo,
É porque a morte — ai dela! — me tem medo!»

E a nítida, real, visão das cousas
Agora o consumia, irradiando
Mais trevas do que luz. E o frio vento,
Pelos soturnos píncaros miando,
Era outra alma penada...

E o Cavaleiro:

«E vós, quem sois? É rara e bem estranha
Essa vossa existência. Mas, enfim,
A vida só é bela na montanha;
Só é bela no mar ou no deserto...»

E falando, depois, para a Saudade:

«Grande milagre ver, em sítio ermo,
Donzela, como vós, de tal piedade...
Meu olhar adivinha em vosso rosto
Sinais de Divindade. Porventura
Sereis alguma Deusa, que um desgosto
Trouxe do céu ao mundo?»

Etérea Deusa,
Perante vós, ressurgue o meu passado;

Minhas lutas heróicas, meu retiro,
Assim num cerro, agreste e desolado,
Fustigado da neve e dos relâmpagos!
Invoco essa Princesa, que meu peito
Abrasou de paixão! E aquele dia,
Em que eu saí, tão louco e satisfeito,
Procurando aventuras e perigos!
Ó poder de invocar! Suprema força!
Ergue os mortos das campas, mal lhes toca!
E as ondas correm, lá do mar, em nuvens,
Para a sede da terra que as invoca!»

O vento estas palavras esfumava...
E o seu clamor, confuso e cavernoso,
De trovoada, ao longe, recordava
O fantasma do mundo, a sonhar alto...

E Marânus, absorto: «Eu sou aquele
Que abre os olhos, orando, à luz da aurora.
Filho dos bosques, ao luar, eu vivo,
Criando a nova Alma redentora.
Tenho no coração toda a paisagem
Que desta grande serra se descobre.
Repara em mim. Não vês a minha imagem
Moldada em barro, névoa, sombra de árvores?

«Eu não sou como tu, porque descendo
Do ventre da mulher e destes montes.
Sou criatura humana, mas entendo
O desespero trágico dum Deus.»

E Marânus, cismático, emudece...
Mas logo, despertando, continua
(A sua voz tornara-se mais baixa,
Como quem fala só, à luz da lua):

«O meu fim é velar por esta Virgem;
Santificado corpo, onde germina
A glória do meu Povo e o seu futuro,
Uma nova esperança, que é divina.

«Está a chegar o instante prometido
Do novo Nascimento...»

Mas, em breve,
O triste Cavaleiro, por encanto,
Ficara mais remoto... E sombra leve
É já seu ermo vulto, que nas trevas,
Etérea e vagamente, se adivinha.

Passara o vento; mas, lá fora, a chuva
Ainda cai, num sussurro, miudinha,
Qual gélido suor de nevoeiro...

E, no grande silêncio montanhês,
Perdeu-se o heróico e triste Cavaleiro...
Na solidão da noite, se perdeu...

XII

ANUNCIAÇÃO

Marânus e a Saudade caminhavam,
Por denegridos píncaros ascéticos.
E seus olhos de amor se deleitavam
Na pintura longínqua das paisagens.
Para as bandas aspérrimas do norte,
Viam-se os altos cerros do *Gerês*,
Onde a distância andava, toda envolta
Em roxo véu de cinza e viuvez,
Com suas débeis mãos crepusculares,
Os contornos dos montes apagando
Num gesto espiritual que, ao mesmo tempo,
Ia o perfil das nuvens avivando...

E a trágica distância se alongava,
Turbando, enevoando, anoitecendo
A face do horizonte que sonhava...
Lá onde outras montanhas os seus píncaros

Erguem, cheios de sombras e segredos.
E, entre elas, gloriosa, se destaca,
Num ímpeto de terra e fragaredos,
A *Estrela*, em seu perpétuo alvor de neve.

Mas o círculo ativo de montanhas,
Gerês, Suajo, Estrela, e, mais ao sul,
Caramulo e Gralheira, enormes seios,
Que amamentam de névoa o céu azul,
Para os lados saudosos do poente,
Se afunda, enternecido, e se dilui
Num nevoeiro, lícido e tremente,
Que é o fantasma do mar aparecido.

A Saudade e Marânus caminhavam,
Ébrios de sol, de azul e de amplidão,
Vestindo, com a luz enamorada
De seus olhos, a serra do Marão,
Que não era insensível, com certeza,
Àquele amor profundo, que devia
Tocá-la, mesmo até no que ela tem
De saibro estéril, bruta penedia!

E Marânus e a mística Saudade,
Sua divina esposa, alegres, viam
A aparição da serra e a claridade,
Em que essa aparição se desenhava,
Tão saliente e nítida, apesar
De todo o corpo, ou de homem ou penedo,
Ser uma sombra apenas, um luar,
Um sonho semelhante aos outros sonhos.

E viam seu perfil misterioso
Mudando de expressão, a cada passo...
Monstro de imensas caras, que um saudoso,
Escuro pensamento eleva aos astros...
Esfinge da Natura, interrogando
As almas espantadas que a contemplam
E divagam, ao longe, simulando
Visões da eterna Dor humanizada!

Íntima simpatia, que nos leva,
A nós, que somos vida e sentimento,
Para as coisas inertes e insensíveis,
Para tudo que é morte e esquecimento!

Lá, no mais alto píncaro da serra,
São as *Fragas da Ermida*, que se lançam,
Violentamente, a prumo, sobre a terra
Adusta, em brônzea cor, de *Trás-os-Montes*.
Ali, fazem as águias o seu ninho,
E abrem, ao sol divino, as grandes asas,
Os ares agitando, em burburinho,
À procura de presa, onde eles cravam
As afiadas garras sanguinosas...
Ali, vindas do mar, se refugiam
As nuvens pensativas e chorosas.
São espectros das ondas que morreram,
Trazendo fogo astral, oculto e vivo,
Em seus marmóreos seios denegridos...
Ali, o velho tempo primitivo,
O silêncio das eras já remotas,

A solidão primordial do mundo
Erram, à luz da lua... Três fantasmas
Falando com o vento, num profundo
Diálogo de sombra e de tristeza.

Destes cerros agrestes, que dominam
A terra transmontana, é belo olhar
O acidentado e enorme panorama,
Prolongamento extático do mar;
Com brancos nevoeiros e marés
De vago e imperceptível movimento,
E com ondas, tão altas e pesadas,
Inabaláveis ao furor do vento!

No meio desse mar petrificado,
De florescida vaga renasceu
A Virgem Mãe da Pátria lusitana,
Que, nas fragas, caminha, à luz do céu;
Nestes fragedos rústicos, que são
Ermo, silêncio e luar empedernidos,
Mas fortaleza de alma e coração
Da Paisagem sagrada, entre as paisagens.

E, por isso, Marânus, contemplando
Esse dormente Atlântico sombrio,
De pétreas águas, que se vão quebrando
Em espuma de lírios e verdura,
Quando em Abril o zéfiro inconstante
Nos deixa ver o angélico perfil,
Logo sente, nos olhos, ondulante,
Oceânica lágrima de dor,

Talvez mais funda do que o mar! — talvez
Mais salgada que o mar, e povoada
De temporais, de brumas e de mágoas
E, à noite, mais que o mar, toda estrelada.

E, sempre triste, ao lado da Saudade,
Vai através dos montes, que se animam,
E têm formas de mística piedade
E de outros sentimentos misteriosos...

E vão andando e vendo, num encanto,
A mansidão viçosa dos planaltos
E os escuros abismos, que parecem
Grandes e fulminados sobressaltos
Ou desfalecimentos da montanha...
Dramáticos desmaios, quando a lua
De ignotas sombras e tristezas banha
Sua frente que cisma, envolta em nuvens.

E a *Senhora da Graça* lhes sorria,
De longe, que o sorriso duma santa
Não conhece distâncias, e alumia
De longe, como a estrela mais remota.

E cada altivo cerro lhes falava.
E cada névoa etérea, esvoaçante,
De perto, ali do céu, lhes acenava.
E a sua bênção de oiro a bela aurora
Sobre eles espargia. E as ovelhinhas
Dos rebanhos pacíficos erguiam

Para a Saudade virgem os seus olhos;
E os seus olhos humildes bem na viam.
Ficavam abismadas, esquecendo
As verdes, tenras ervas. E os pastores,
Sua fruta bucólica tangendo,
Celebravam Marânus e a Saudade.

E avistavam os Dois, daquela altura,
Desde a *Serra da Estrela* à branca névoa
Que, no poente, lateja e, ao sol, fulgura
E é um vislumbre quimérico do mar.
E os cultivados vales, que se espriam
Em viçosos remansos de arvoredos,
Que nos longes fantásticos desmaiam,
Sob chuvas fluídicas, cinzentas.
Descobriam terrenos habitados,
Tão cheios de tumulto! Mas, de ali,
Eram como desertos e velados
Duma perpétua roxidão sonâmbula...
E a aparência da terra falecida,
Amortalhada em lívido silêncio,
Palpitava na vida dolorida
Mas quase indiferente da Saudade;
Sendo ela eterna vida, além de ser
Vivente criatura enamorada,
Contempla, num sorriso, as cousas mortas:
A fria cinza, a pedra congelada.
E Marânus sofria, ante o painel
Defunto das distâncias, porque ele era
Apenas o ser vivo, a flor que treme
Só de lembrar o fim da primavera!

E a Saudade, de pé, nas altas rochas,
Ao lado de Marânus, embebia
Os olhos, negros de alma, nos outeiros
Que a luz do sol, fugindo, escurecia.
Era tão delicada a branca linha
Do seu perfil voltado para além,
Como seu corpo esvelto, que a tardinha,
Num gesto de quimera e de penumbra,
Vestia em roxa indecisão brumosa.
E de lírios a trança lhe toucava...
E, sobre a terra, estéril e arenosa,
Espalhava a tristeza e a suavidade...

E Marânus pensava: como é belo,
Destas alturas virgens, contemplar
A noite, quando tem o sete-estrela
Sete espadas de luz, no coração!
Deste ninho das águias, das procelas,
É belo o nosso espírito, que fica
Mais próximo de nós, como as estrelas,
E, esbraseado, nos deslumbra e queima!
Destes altos, é belo ver as nuvens,
Com o peso da água, mal voando...
E o busto da montanha, sempre o mesmo,
A mesma cor e forma revelando...

Nós, que somos o vento na mudança,
À nuvem, onda e fumo semelhante,
Gostamos de pousar os olhos tristes
Nas cousas sempiternas e constantes...

E a Saudade, enlevada, iluminada,
Via a santa paisagem lusitana:
O vale, o monte, a serra, consagrada,
De que ela era o espírito divino.
Na sua branca frente matinal,
Que branda e etérea névoa modelou,
Seu primeiro materno pensamento,
Celeste flor, ao sol, desabrochou;
Porque, no casto ventre, já sentia
O seu menino Deus estremecer!
E que desejo de íntima alegria,
Como em segredo, lhe beijava os lábios...
E, num terno alvoroço, caminhava,
Consigo, tão alegre e cuidadosa,
Que tudo, para ela, se tornava
Em esperança e medo, ao mesmo tempo.

E uma auréola de som amanhecendo,
Nimbo esfumado em cântico longínquo,
Cingia a frente, mística e inocente,
Da Virgem comovida e extasiada...
E os passarinhos simples da montanha,
Na sua negra trança, chilreavam.
Adormecida a luz, no seu regaço,
E as sombras do crepúsculo rezavam...
E, dos ermos outeiros, concentrados
Num meditar pacífico e profundo,
Subiam, para os astros encantados,
Vozes de água, marulhos de frescura.

E tudo o que, no mundo e céu, existe,
Seja aparência azul ou verde imagem,
Marânus e a Saudade enamorava,
Como se a grande e rústica paisagem
Fosse o lugar do antigo Paraíso;
E ele, o primeiro homem; e ela fora
A primeira mulher; e aquele dia
O filho primogénito da aurora!

E Marânus, sentindo no seu rosto
Deslizar uma lágrima de amor,
Onde o perfil eterno da Saudade
Palpitava, num límpido fulgor,
Apenas um instante, porque a lágrima
É relâmpago de água e de tristeza,
Mas dor enorme, às vezes, condensando,
E antiga, como a própria Natureza:

«Ó minha amada esposa, eu te pertenço,
Desde a amorosa tarde em que te vi;
Desde a mulher que foste à Deusa etérea
Que santifica a terra onde nasci!

«Tu és a minha deusa e criatura,
E virginal esposa. No teu ventre,
O novo Deus Menino já murmura,
Ansioso de ver a luz do sol.»

E Marânus, de súbito, emudece,
Como quem ouve um íntimo segredo...
Inesperada voz que, em certas horas,
É vento, é água, é rama de arvoredos...

E a Saudade sorrindo, embora triste:

«Só tu me compreendeste e desvendaste
Meu seio oculto e virgem. Só tu viste
O que era, em mim, vedado e proibido.»

E tornando-se, então, mais pensativa:

«Por ti, deixei a amável soledade,
Onde eu, presença humana e fugitiva,
Empecia aos mendigos caminantes,
Sempre ao cair do sol em contrição,
Doce recolhimento religioso...

«Eu era a Sombra etérea, a Aparição
Daqueles pinheirais e sítios ermos.
E os pobres viandantes, que paravam,
Mal punham no meu rosto os olhos negros,
Ainda mais cismáticos ficavam,
Na confusão brumosa do crepúsculo.
E, misteriosamente, nos seus olhos,
Nasciam as imagens... Quantas delas
Viriam, de bem longe ou de além-vida,
Pelo mesmo caminho das estrelas.
E quedavam-se, tristes, ignorando
A causa espiritual da sua dor,
Onde a Luz do passado e a Luz futura,
A morte, a natureza, o sonho em flor,
Se escondem, sob a névoa milagrosa,
Que das almas se eleva, e se condensa,
E é a gota de água, lúcida e chorosa,
Vaga melancolia reflectindo...

«E olhavam-se uns aos outros, taciturnos,
Sem saber, na verdade, quem eu era...
Quantos me viram, sim! Mas, para eles,
Fui remota e invisível primavera!

«Fui a Esfinge da raça, alevantada,
Na solidão dos montes...

Tu, enfim,

Minha palavra, mística e velada,
Soubeste, com amor, interpretar.»

E eis que aos lábios da Virgem o silêncio,
Como sombra, baixou... E bem se via
Que seu divino e puro pensamento
Se fizera distante, e se volvia,
De novo, para a vida que passou.

E a Saudade, sentindo outras saudades
Do seu primeiro tempo, continuou:

«Meu corpo ainda persegue a minha imagem.
Não esqueço, por isso, a minha infância
De pastora e donzela que eu vivi,
Por doirados outeiros, verdes campos,
Até àquele dia em que te vi...
Sozinha, apascentava o meu rebanho.
E, enlevada, cantava, para ouvir
Cantar os ermos vales... E o meu gosto
Era beber nas fontes e sorrir...

Meu gosto era também fiar na roca
Esta alvura do linho que me veste,
Tão carinhosamente e que nos toca
De suave frescura o sangue ardente.

Meu gosto era rezar nos pinheirais,
Ou, de noite, à lareira, quando a noite
Rodeava as choupanas e os casais
De silêncios, de sombras e de medos.
Meu gosto era enfeitar a minha fronte
Com os lírios silvestres; e depois
Remirar-me, encantada, numa fonte
E ser imagem viva, à flor das águas...
Assim me vejo, agora, ao pé de ti.
E que diria a fonte à minha imagem,
No seu falar monótono e perpétuo,
Líquida voz chorosa da paisagem?
E quando, em névoa pálida, subia,
Levava-me, com ela, pelo espaço.
Embalei, no seu berço, a luz do dia,
No seu doirado berço de penumbra.
Bebi na própria origem do luar,
Beijei a face virgem das estrelas.
Vi o fogo celeste e o meu olhar
Desse fogo divino se alimenta.

«E tu me apareceste; e acompanhei-te,
Como fiel esposa. Desde então,
Vivi sempre contigo, e sou a sombra
Que projectas na grande solidão:

A sombra do teu corpo e da tua alma,
A tua sombra maternal, fecunda;
Luz do teu dia, pão da tua fome
E para a tua sede água profunda.

«Eu sou a tua Virgem. No meu ventre,
Cresce o nosso menino, que virá
Transfigurar o génio deste Povo,
E estes campos incultos lavrará...»

E Marânus beijou-a, com fervor,
Como se beija a terra consagrada...

Já da morte do sol nascera a lua,
Num alvor de nocturna madrugada.
Um mocho, ao longe, piava, celebrando
A vitória da noite.

E os Dois partiram,
A caminho da ermida. E um vento brando
Trazia sombra e névoa, em suas ondas...

XIII

OS PASTORES

Errantes pegureiros se juntaram,
Na cavidade duma rocha brava,
Onde acenderam lume, porque a brumia
Era tão fria e densa que molhava.
E, enquanto o fogo ardia alegremente,
Conversavam acerca de Marânus
E da Menina e Moça, de inocente
Expressão solitária e piedosa.
A todos intrigava a estranha vida
Que eles iam vivendo; e os seus amores,
E o amor àquela serra, que, afinal,
Só aproveita aos gados e aos pastores.
E, em seus húmidos olhos nevoentos,
Marânus e a Saudade, em clara imagem,
Surgiam, divagando e recordando
Dois vultos, através duma paisagem.
E falavam de antigas aventuras,
Cenas de bruxas, contos de Princesas,

De mouras encantadas, que vagueiam,
Em longes de neblinas e tristezas...
Toda a mitologia que floresce
No sentimento escuro deste Povo,
Quando a noite, que a terra empalidece,
Lhe dá seu beijo pálido de sombra.

E os pastores, em volta da fogueira,
Na concórdia cristã do lume vivo,
Naquela grande e fraternal lareira,
Esperam que o sol vença a névoa fria.
Os velhos cães rafeiros vigiavam
O gado reunido; e, no carujo,
Com atentos narizes, farejavam
Vagos rastos famélicos de lobos.
E tão cerrado ele era que os pastores
Nada viam, aflitos! Mas as vozes,
Os mais leves murmúrios e rumores,
Tinham altos, fantásticos relevos!
E, de repente, os cães, como açulados,
Latiam, furiosos! E, em desordem,
Andavam a correr, desnorteados,
No sobressalto atávico do medo!
Depois, vinha um silêncio, paz imensa.
Os ecos vagamente ainda latiam...
E, na cinza que em choro se condensa,
Era o sol uma brasa amortecida.

Entre os velhos pastores, um havia
Afamado de mágico e de bruxo.
Os sinais das estrelas conhecia;
Lia no voo das aves, conversava

Com as sombras nocturnas que, ao luar,
Erravam, pelos píncaros soturnos.
Contava histórias trágicas do mar,
Acalentando as mãos nas labaredas.
Se ele foi, noutros tempos, marinheiro,
Em mares ainda virgens. Quantas vezes,
Da alta gávea da nau, fora o primeiro
A saudar novas terras, novos céus.

O sol, rompendo, enfim, a bruma espessa,
Num assomo de viva claridade,
Semeia risos de oiro e de alegria
Por toda a montanhosa soledade.

E o friorento gado reunido,
Pastando, se espalhou pelas encostas,
E já, sob o calor recém-nascido,
Negros touros brigavam e mugiam.
E as grandes vacas mansas, com seu hálito,
Aqueciam as palhas de Belém.
E cada meigo e simples cabritinho
Saltava, sempre atrás de sua mãe.
— «Vês esta ervinha tenra?» — diz a ovelha
Ao cordeirinho. E as éguas carinhosas
Volvem os olhos calmos e contentes,
Aos poldros que amamentam; e, receosas,
Olham, depois, em roda, investigando.
E, estendendo o pescoço delicado,
As franzinas vitelas vão sugando
Intumescidos úberes maternos.

O bom gado pastava, em paz e amor,
No amor, na paz dos montes e dos vales,
Quando o bruxo e lunático pastor
Viu, ao longe, Marânus e a Saudade.

Tinha o lúcido instinto amanhecendo,
Que nas trevas do Vácuo se propaga;
E, num ímpeto cego, fatalmente,
Atinge a essência mística da Vida,
O segredo de Deus e do Universo.
E, entre a Saudade e o triste pegureiro,
Ondulava a onda rítmica dum verso,
Ondulação de espírito e harmonia.

Porém, já perto dele, os dois Esposos,
Alegres, contemplavam estes montes,
De rústicos recortes fragarosos,
E sulcados de lágrimas extintas.

E, no fulgor que a Virgem derramava,
O pastor, deslumbrado em pensamento,
Pronunciava palavras sem sentido,
Como as ondas e as árvores, ao vento.
Neste abalo das grandes comoções,
A fria, humana voz se transfigura;
E é como as torvas vozes da floresta;
Soluça, geme e, em confusão, murmura!



E mais sereno, agora mais afeito
À divina presença da Saudade,
Em frente de Marânus, diz assim:

«Eu vivo, como tu, na soledade.
Mas, uma vez, o Fado me levou
Para longe da terra do meu berço.
Por lá, meu ser, perdido, vagueou
Nesses países de oiro, além dos mares.
E, desolado e pobre, certo dia,
Voltei à pátria serra, onde encontrei
Esta doce, ideal melancolia,
Que meus passos incertos acompanha,
E guarda as minhas cabras, nos outeiros...»

E continuou falando, como quem
Anda sozinho e triste; e não se lembra
Que, se fala em voz alta, é para alguém!
De tal modo ele estava acostumado
À solidão dos montes! Mas, por isso,
Via seu frágil ser multiplicado
Formar ignoto povo numeroso.

Um só homem povoa todo o mundo,
A lua enche de luas todo o mar...

E, num gesto sonâmbulo, o pastor
Continuou, quimérico, a falar:

«Canta no meu espírito a tristeza;
E o seu canto percute-se nas nuvens...
E sobre ó duro chão, que é minha mesa,

Comungo a trabalhada e dura côdea.
Entendo as mil canções do azul dos céus,
Que dão, em vaga imagem musical,
A presença dos anjos e de Deus...
Vejo negros demónios, negras bruxas,
Dançando com as sombras do arvoredo,
E interrogo, ao luar, as claras fontes,
Porque é profundo, e belo, e me faz medo
Dirigir a palavra às cousas mortas!...
É como pôr os olhos numa pedra...
Mas o que é a vida, triste e desejada,
Se não fixar os olhos ansiosos
Numa aparência rígida e pesada?
Olhar, ou quando a luz define o mundo,
Ou quando a sombra o torna indefinido,
O nosso próprio olhar, em seu fecundo
Poder de conceber a Forma e a Cor...
Olhar o nosso olhar representado
Na fantasmagoria extraordinária
Da terra em flor, do céu todo estrelado
E até das criaturas que nos amam...»

E Marânus: «Conheço a tua alma,
Sei que somos irmãos. No mesmo Abril,
Vimos o sol doirado, nesta serra,
De comovido e extático perfil,
Voltado para Deus, eternamente...

«Esta serra é dos lobos e adivinhos,
Das estrelas, das águias e também
Das nuvens e dos meigos cordeirinhos.

«Aqui, nesta montanha, me domina
A simpatia astral, em que meu ser
Se reparte por tudo quanto existe!
Pois nele tudo vive: o sol a arder,
Águas falantes, ao luar que chora,
Velhos troncos, na infância da sua hera...
A própria morte nele vive! O outono,
Latejando em meu sangue, é primavera!

«Em meu ser, tudo vive e ressuscita,
E até mesmo antevive... a fria cinza
Do Passado rebrilha e, em mim, crepita,
Mal o sopro do espírito lhe toca!
E ouço cantar ainda a cotovia
Das antigas manhãs... E vejo ainda
As árvores, a terra, a luz do dia,
Pelos olhos dum anjo extasiado...

«Vive, em mim, o Futuro, porque eu sinto
A aurora que há-de vir... porque já ouço
O cântico remoto, mas distinto,
Das aves que ainda estão para nascer...
Pois, em mim, tudo vive...»

E, de surpresa,
Um súbito alvoroço acorda o ar.
E Marânus, confuso, emudeceu.
Pressentia-se o rápido alvarar
De nova Aparição. Toda a paisagem
Tomara um novo aspecto misterioso...

Quis o Pastor falar; mas nos seus lábios
Fez-se um frio palor silencioso...

XIV

MARÂNUS E O BRUXO

Nas distâncias azuis da imensidade,
Na infinita transparência cristalina,
Palpitava um rumor de claridade,
Estranho à luz do dia, pois não era
De incandescente origem crepitante,
Mas de origem anímica e perfeita.

E logo etéreo corpo deslumbrante
Veio, nesse clarão, sobre a montanha.

E, no fulgor ascético da neve,
Eleonor, essa deusa, caminhou.
Nos seus olhos escuros, ao de leve,
Uma nuvem de sonho se esbatia,
Voando, pairando, extática e abismada,
Mais alta, transcendente, inatingível,
Que o primeiro rubor da madrugada,
Primeiro adeus da sombra, que é já luz.

E na sua face havia um ar de riso
E timidez, que o zéfiro beijava.
E cada fio astral do seu cabelo,
Na sua nívea fronte, cintilava...

E toda a grande serra, na brancura
Infinita da neve, era uma Rosa
Erguida, em sua haste, àquela altura
Dos perfumes, das nuvens, das estrelas.

Marânus a Eleonor: «Bendito seja
O momento divino em que me deste
A visão da Saudade, que, ao meu lado,
Com seus olhos terrenos e celeste
Olhar, perpetuamente, me acompanha,
Desde esse instante, místico e sozinho,
Em que eu a vi, num cerro da montanha,
E veio para mim, alegremente.

«E tu? Promessa apenas? Nada mais?
Água mentindo sempre à minha sede,
Naqueles desolados areais,
Onde vagueio, aflito, a arder em febre?»

— «Se duvidas do amor, tu já não amas,
E que há-de ser, então, da minha vida?
Homem frágil, porque é que assim descrês?
Contempla a minha face prometida
Aos teus beijos... Contempla a minha fronte,
Coroadada de estrelas, num lampejo;
E o meu velado seio, entremostrando
O tímido sorriso do desejo.

«Sou mais do que a promessa; mas ainda
O grande dia — ouviste? — não chegou...»

E Marânus, chorando a sua dúvida,
Turbado e alvoroçado, lhe falou:

«Eu creio em ti; perdoa. Nesta crença
É que eu ressurjo e espero. E o negro mundo
Diante de ti, rasgando a névoa densa,
Desvenda a intimidade misteriosa.

«Em ti, eu sou feliz, perfeito e vivo.
Em mim próprio, que sou? Tristeza e fumo...
Aquele humano espectro fugitivo,
Hora que passa à flor da Eternidade.

«Ó meu longínquo amor! Adoração!
Ó sorriso de outrora! Luz da infância,
Alumias meu pobre coração,
Que palpita nos antros infernais!

«Ouço rezar, em mim, a voz do mar,
Ó lua aparecida! E como eu sinto,
Sob a influência astral do teu olhar,
Vibrar meu ser oceânico e profundo!

«Ah, sempre que me lembro dessa noite
De pálido silêncio e lua nova,
Em que eu, abstracto e mudo, divagava,
Como um fantasma, à beira duma cova,
E tu surgiste, enfim, da bela sombra,
Tão luminosa e branda, e me falaste,

Vestida de brancura, como os lírios,
E a minha vida triste apaixonaste,
Eu me transformo em clara madrugada,
Para doirar teu rosto! — e em doce lágrima
Que saiba comungar, extasiada,
Essa encantada flor da tua imagem...

«Ó meu divino amor e criatura,
Vou para ti, sonhando, como os astros
Para o beijar de treva, que os procura,
Desde o primeiro grito da sua luz!»

Comovida, a Saudade se afastou,
Ante a presença etérea de Eleonor.
Assim a luz do luar, perante o sol,
Embora a luz do luar, na sua dor,
Seja um raio de sol, mas tão piedoso
Que prefere sofrer na solidão,
Quando a terra adormece, num brumoso
E abismático sono de penumbra.

E o sol, pisando a neve, caminhava,
Nela deixando impresso, a sete cores,
Seu florescido espectro, que ofuscava
A realidade fria da montanha.
Os píncaros nevados resplendiam;
E os vultos de Eleonor, do pegureiro,
Da Saudade e Marânus bem se viam
Como em perfeito mármore esculpidos.
O pastor e Marânus, em seus corpos
De cinza, poeira vã, fragilidade;
E, em seus corpos de espírito, Eleonor

E, mais longe, nas brumas, a Saudade.
Quem os visse a distância não podia
Decerto distingui-los, de tal modo
A todos desenhava o claro dia,
Em viva cor e nítido relevo.

E o pastor a Marânus: «Com espanto,
Vi descer das alturas uma luz,
Que, por divino e misterioso encanto,
Tomou a forma aérea duma deusa...»

E Marânus: «A deusa que tu viste
Concebeu-a meu ser... Tu compreendes?»

Logo o pastor: «Mas tudo quanto existe
É criação da eterna Divindade.»

E Marânus: «Eu sei que, antes de mim,
Alguém disse que os Deuses eram sombras
Do nosso pensamento, e o Azul sem fim
Despovoado de anjos e virtudes.
Eu afirmo também que Deus dimana
Do nosso coração, da nossa dor;
Que é de origem carnal, mortal e humana,
Mas de eterna e perfeita natureza.

«Ah, Deus não é fantasma ou sombra morta,
Mas espírito vivo, dirigindo
As almas que, através da escuridão,
Na etérea Luz divina vão subindo...»

Como se, em negra noite tormentosa,
O suplicante olhar do marinheiro
Se acendesse no espaço; e em radiosa
Estrelinha do norte se mudasse...

«Eis o grande milagre! Deus é o homem
Na sua criação espiritual;
Em vez de o homem ser Deus, na sua obra
De quebradiço barro material...

«Deus, pela nossa angústia revelado,
É o corpo, todo em sangue, de Jesus...
Sol que se fez candeia e ao mundo veio
Para no lar dos pobres haver luz.

«Deus revelado em nós é criatura,
Porque, nascendo, adquire fatalmente
Aquela estranha e trágica figura
Em que as sombras humanas aparecem...

«Ama o teu Deus. Adora, de joelhos,
Essa imagem que, em sonhos, percebeste;
O luar que aos teus olhos deu a noite,
O que te deu a terra de celeste.

«Ama o teu Deus e vive a tua vida,
E chora as tuas lágrimas, e ri
Teu riso de alegria esclarecida,
E vai sempre beber à tua fonte.
E na tua alma livre a Natureza
Será toda presente e iluminada!
Quanto mais em teu ser te concentrares

Mais viverás a vida consagrada,
Religiosa e infinita do Universo;
Porque ele existe, sim, no teu espírito,
Como, na onda quimérica dum verso,
Ondas de água e de estrelas: céu e mar!

«Ama o teu Deus e guarda o teu rebanho...»

E o pastor, de olhos tristes e sozinhos:

«Meu rebanho afastou-se; anda perdido,
Pelos outeiros ermos e maninhos.

«Neste íntimo deserto, que se estende
Sempre através de mim, apenas vejo
Um delicado vulto de mulher;
Sombra bela e gentil do meu desejo
Indefinido e vago... aparição
Desta melancolia fraternal,
Que me surgiu, à flor do coração;
E beijando, amorosa, as minhas lágrimas,
Dentro delas, espalha o azul do dia...»

E Marânus exclama, então: «Repara
Nesta voz dos meus lábios! Quem diria
Que essa vaga mulher que te acompanha
Traz no bendito ventre um novo Deus!
Teu novo redentor, sagrado filho
Desta sacra paisagem, destes céus,
Onde os anjos são árvores e nuvens...»

E o pastor, abismado e extasiado,
Ouvira tais palavras... E os seus olhos,
Para onde o sol havia transmigrado,
Envolveram Marânus e a Saudade
Numa luz de oração, num madrugal
De transcendente e lúcida esperança...

Montanha de emoção, etéreo mar,
O embalava, nas ondas passageiras...

E, no mais alto píncaro da terra,
Coroados de neve e lindas rosas,
Apolo já cantava, para a terra,
Em versículos de ouro, a missa nova.
Eleonor, tão alegre, irradiava
Um luar de simpatia, misterioso
E doce canto de alma, que soava
No coração amante de Marânus...
E, num florido gesto, parecia
Rerger, em pleno Espaço, uma divina
Orquestra, um coro alado de harmonia,
Jardim aéreo e mágico de sons.

E Marânus ainda: «Espera, espera
Que uma estrela apareça no levante,
E venha, sobre os montes deste mundo,
Num distendido voo alumiante...
Espera a estrela clara, a flor ardente,
A lágrima 'incendida, o beijo em chamas

Que a doirada penumbra amanhecete,
Em silêncio de amor, conceberá.
E, na sombra da infinda Imensidade,
Há-de voar, voar, até pousar,
Toda candura, altura e claridade,
Sobre o berço do Deus recém-nascido.»

E, pela branca serra deslumbrada
Foi atrás de Eleonor, que ia deixando
Nas urzes e nas fragas desenhada
A via espiritual do novo Reino.

XV

A BOA NOVA

Já partira, contente, o bom pastor,
Levando a boa nova aos companheiros.
Ia através de vales e de montes,
E de escabrosos, íngremes, outeiros.

Como ele ia contente, anunciando
Às pedrinhas e aos pássaros do ar
A alegria sem fim da boa nova!

Era a própria alegria a caminhar...

E as fontes lhe sorriam, na passagem!
A luz era um sorriso! Era um sorriso
Toda aquela fantástica paisagem
De céu e terra, nuvens e penedos.

Como ele ia contente! E, num queixume,
A sua antiga e pálida tristeza
De longe o perseguia, qual perfume
De murcha flor, no outono do Passado.

Se a tristeza é de origem animal,
Filha da carne viva e sofredora,
É de divina origem a alegria
E vem de além dos astros e da aurora.

Branças névoas e meigos passarinhos,
Voando, o acompanhavam, das alturas.
E ovelhas, cabras, bois e cordeirinhos,
Atrás dele, correndo, surpreendidos
E espantados, também o acompanhavam.
E seus olhos de dor e de inocência
Os olhos do pastor interrogavam,
E os olhos do pastor lhes respondiam.

E, muito perto já dos pegureiros,
Disse, em nítida voz, que o belo sol
Penetrava de luz:

«Sede os primeiros
A ouvir a boa nova, meus amigos!»

E logo, em volta dele, ansiosamente,
Os pastores reunidos o contemplam,
Com um vago terror inconsciente...
Que é profundo respeito consagrado

A quem, na sua vida, se tornou
Misteriosa e estranha criatura,
Porque fez cousa rara ou lhe falou
Alguma Divindade aparecida.

E continuou assim o bom pastor:

«Da luminosa sombra que projecta
A aurora, ainda distante... desse alvor
Que o silêncio da noite vai quebrando
E subindo no céu e, ao mesmo tempo,
Amortecendo os astros e a penumbra,
Mas tão íntimo ainda e indefinido
Que apenas nosso espírito deslumbra...
Desse brando e indeciso alvor sidério,
Vereis, maravilhados, dentro em pouco,
Surgir, ébria de luz e de mistério,
Nova estrela do novo nascimento.
E, então, os vossos olhos encantados
Hão-de ver, não-de ver a nova estrela!
As águas não-de vê-la e os arvoredos,
Os rebanhos e os lobos não-de vê-la!
É que ela vem ao mundo anunciar
O novo Deus menino, o redentor
De quem andou, perdido, no alto-mar!
E, de cansado, quase morto, dorme
Sobre a praia, onde as ondas o arrastaram;
E donde, em outra idade, as mesmas ondas
Em seus líquidos braços o levaram,
Através de borrascas e relâmpagos!

«Dorme, dorme, cansado... Em torno dele,
Paira faminto corvo carniceiro...
Beija-lhe os pés a espuma... E ao longe, ao longe
Nasce a eterna manhã de nevoeiro...

«Dorme, dorme, cansado... Mas, um dia,
Há-de acordar... É Lázaro que espera
Ouvir bater, à porta do sepulcro,
As mãos em flor da nova Primavera!

«Está para chegar o nosso Deus,
O nosso Deus, gerado em nossas almas!
Filho da nossa terra e pai dos céus,
Filho do nosso amor e nosso pai!

«Oh, vinde celebrar nesta montanha
A doce antemanhã maravilhosa
Que nova estrela tem, nos alvos seios!
Mimo de luz, candura luminosa,
Encanto resplendente e anunciador
Do novo Deus, que a Virgem da Saudade
Concebera, abrasada em santo amor,
Para salvar os povos e as paisagens...»

E os pastores, ouvindo tais palavras,
Conheceram então quem era aquela
Límpida imagem viva de mulher.
Seu andar era música, e de estrela
A luz remanescente dos seus olhos.
E seu etéreo vulto recordava
Claridade ideal, que, em formatura
Humana, pelos montes, caminhava...

E os montes florescia e os penedos;
As nuvens florescia, como as árvores...
E nas fontes de múrmuros segredos
Boiavam brancas pétalas de rosa.
Florida a própria urze ressequida,
Tão dura que, ao passar por ela o vento,
Rasga a túnica aérea! E mais dorida
Fica, ao tocar-lhe, a triste luz da lua...

E olhavam, espantados, surpreendidos,
Seu belo companheiro. E, em altos cerros,
Ergueram altos cantos comovidos,
Que as meigas ovelhinhas entendiam
E guardavam talvez no coração,
Tomadas de divino entusiasmo
E de divino assombro...

E uma oração,
Feita apenas de luz e ingénua graça,
Da mágoa dos seus olhos inocentes,
Subiram para o céu, tão clara e pura
Como o canto sagrado dos pastores,
Como as nuvens do mar...

E a terra escura
Murmurava seu cântico indeciso...
Mas, em voz alta, ao longe, repetia
O canto pastoril! E, em pleno espaço,
Era canção doirada a luz do dia!

Porque a virgem Saudade em si contém
O roxo outono, a rósea primavera;
E o nome suavíssimo de mãe
Já sobre ela descia do Infinito.

Porque a bendita virgem da Saudade,
Na sua essência astral, unificava
A morte e a vida, o tempo e a eternidade,
Espírito adorado e corpo amante.
Não ia dar seu ventre, à luz do sol,
O ser definitivo e harmonioso?
E não tinha a Saudade a sua origem
Remota neste céu esplendoroso,
Nesta bela paisagem transcendente?
E a sua origem próxima e sensível
Na alma fecunda, mística, vidente
Deste povo do mar e da montanha?

Por isso, a lua, as árvores, os pastores,
Os rebanhos e os montes, deslumbrados
Ficaram, ao saber a boa nova;
E andam no ar seus versos inspirados.
E, ansiosos, esperam ver surgir
Nova estrela do novo nascimento,
Que há-de aflorar na sombra da manhã,
Quando nos ermos bosques dorme o vento...
Quando os pássaros dormem; quando ainda
Dormem, sonhando, os homens e os rafeiros,
E o silêncio da terra e a névoa infinda,
Longinquamente, já se desvanecem...

XVI

MARÂNUS E A PRIMAVERA

Já três luas passaram; e, com elas,
Dezembro, o mês das chuvas, o Janeiro
E essas noites de límpidas estrelas,
Congeladas na abóbada infinita.
Passara o Fevereiro... As andorinhas
Tinham trazido Março. Ébrias de luz,
As grandes águias pairam, no ar, sozinhas,
Fitando, de alto, os píncaros serranos.
Os lobos ressuscitam da magreza
E da fome do inverno, descobrindo
Em outeiros de rústica beleza
Os primeiros rebanhos que aparecem.
Como se toda a neve, alevantada
Por um golpe de vento, em alvos flocos,
Tomasse aquela forma idealizada
De brancas ovelhinhas a fugir...
É a neve, que se funde num rumor
De faiscantes, acendidas, lágrimas.
Espumosas cáscatas de esplendor,

Sulcando a encosta de escarpados montes.
Vai-se a humidade, a sombra escura, a névoa...
Surge a canção e o beijo! Que alegria
Sobe à face das coisas animadas!
E nos regatos canta a luz do dia!
E, como os passarinhos, ao nascer,
As árvores já têm penugens verdes,
Mas ainda tão subtis que deixam ver
Os angulosos ramos esqueléticos.

E da larga distância circular
Vem uma aurora, um halo enverdecido,
Aparição quimérica do mar
Em ondas luminosas de frescura.

Uma embriaguez sagrada, derivante
Do licoroso sol da primavera,
Exalta o coração do ser amante
E o coração dos bosques e das pedras!

E, nessa embriaguez, pela montanha,
Marânus perseguiu o vulto amado
Do seu louco desejo, que nascia
Do Azul mais aquecido e deslumbrado.
O oiro da luz corria-lhe nas veias,
Voava, na asa do vento, a sua alma!

E as abelhas, em volta das colmeias,
Os seus novos zumbidos ensaiavam.

Uma aleluia esparsa, indefinida,
Manando da paisagem, ressoava
Pelas sombrias naves dos pinhais,
Onde a triste penumbra suspirava.
Venceu-a o claro sol, que a voz divina
Do sempiterno Amor chamou à luz!

A mão que às plantas abre os olhos verdes
Foi a que abriu a campa de Jesus.

Brotam lírios da terra. Alegre cor
Marulha, em tenras ondas de folhagem.
Os *amorzinhos* vão, de flor em flor.
E são do mesmo ventre a rosa e o beijo.
Irmãos gémeos que a luz, despida e bela,
Estátua de harmonia e transparência,
Amamenta, em seus úberes de estrela,
Nas clareiras idílicas dos bosques.

E o tronco secular rejuvenesce
Quando sente tocar-lhe, de mansinho,
Sua nudez de virgem, que estremece
E quer fugir, ao ver-se contemplada...

E Marânus, seguindo a sombra viva
Do seu louco desejo, percebera
Uma celeste imagem repentina,
Uma figura de anjo, a Primavera!

Mas a instantânea imagem fabulosa,
Miraculosamente, se condensa
Sobre os duros fraguados comovidos,
Numa perfeita e nítida presença.
No seu perfil de névoa amanhecendo,
Um riso despontava... E, nos seus olhos,
Não sei que pura lágrima inocente
Bailava com a luz... A sua boca
Era vermelha rosa, ainda em botão.
E a sua loira trança matinal,
Chama doirada, ao vento, lhe cobria
O corpo em flor de carne vegetal.

Com um lírio na mão, e, sobre a fronte,
O resplendor da aurora, na montanha
Andava, distraída. E no horizonte
Punha os seus olhos verdes de esperança.
E o horizonte mandava-lhe um sorriso
De luz e de candura. Era um esboço,
Em nevoeiro azul, do Paraíso...

E, alvoroçado, assim lhe diz Marânus:

«Doce filha do sol e mãe das flores!
Eu sou filho dos homens. Eu descendo
Do drama e vós do idílio... Mas, enfim,
Eu amo, como os poetas, porque entendo
O vosso coração.

Ó divindade,
Esta sombra interior da minha alma
Tem fome da perpétua claridade,
Em que teu ser se esconde... e me aparece!

«Eu sou filho da Dor! Sou o enjeitado
Da terra! O descendente, que ficou,
Sem um rumo, perdido e desgraçado,
Exposto à neve, às chuvas e aos relâmpagos!
Pobre filho que a mãe deitou ao mundo,
Gritando: — Não mereces meu carinho!
Sê triste e miserando vagabundo
E vive eternamente no Deserto!»

Distraída, responde a Primavera
(Sua voz espalhou-se virginal,
Nos sonoros vales, onde os ecos
Retinem, como em fundos de metal):

«Sou brando despertar dum sono leve.
Ao meu hálito quente e perfumado,
A insensível, a branca, a fria neve,
Em murmurosa comoção, se funde.
Com minhas puras mãos reverdecidas,
Abro os olhos sonâmbulos das árvores,
Que, nos bosques, ao verem-se despidas,
Sentem subir o sangue à flor do rosto!

«Sou brando despertar dum sono brando.
E, mal ouve meus passos, logo acorda
A brisa que, no espaço, vai tentando
Suas asas de espírito invisível...

Já voa! Que milagre! Ao pé de nós,
Passa um anjo de céu, tão fugitiva
Impressão de divina suavidade
Deixa na fronte humana e pensativa!

«Diante de mim, ressurge e se ilumina
O sol turbado, escuro e sonolento.
Onde ponho os meus pés, floresce a terra,
Brilha a luz, onde ponho o pensamento!

«Ah, sobretudo, às árvores eu amo!
São criaturas simples, naturais.
E nas verdes e trémulas folhagens
Palpitam minhas formas irreais.
Amo a inocência virgem que me encanta,
A própria luz da minha aparição...
Amo tudo o que vive, sonha e canta,
À superfície angélica das cousas.

«Mas o ser que anoitece todo o mundo
Aquele estranho ser, onde encarnou
Esse peso que o faz descer ao fundo
De medonhos, plutónicos abismos,
Jamais, jamais, o poderei amar!
Nem sei bem quem ele é! Mal o conheço
De o ver, como um fantasma, perpassar,
Nas trevas que derrama, em volta dele!

«Sou brando despertar dum sono brando.
Por mim e em mim ressuscitou Jesus,
Porque Jesus é irmão dos arvoredos.
Vagueio nestes cerros, onde luz

Meu sorriso mais leve... delicada
E rasteirinha flor, de cheiro errante...
Musgo de fraga, ervinha não pisada,
Etérea revoada de andorinha...

«Sou brando despertar dum sono brando.
De dia, as rosas toucam minha fronte.
De noite, o sopro anímico da sombra
Traz-me frescuras límpidas de fonte...
Adormeço, num sonho... Nasce a lua.

Revive o meu espectro; e claramente
No silêncio quimérico flutua,
Com a primeira imagem da manhã.»

E Marânus ouvira aquela voz
De alguém que ele adorava e lhe fugia.
E, em desespero de alma, enlouquecido,
O seu próprio destino maldizia,
E desolado choro o sufocava!

E viu que, perto dele, face a face,
Mais triste e emudecida, o contemplava,
Com mais profundos olhos, a Saudade...

XVII

O NASCIMENTO

Aí vem a estrela! Aí vem, sobre a montanha,
Rompendo a sombra etérea do crepúsculo!
A paisagem tornou-se mais estranha,
Mais cheia de silêncio e de mistério!
Dormem ainda as árvores e os homens,
E dorme, em alto ramo, a cotovia...
E, se ergue já seu canto, é porque sonha
E julga ver, sonhando, a luz do dia!

E, pelos negros píncaros, a estrela
É divino sorriso alumiante.
Oh, que esplendor! Que formosura aquela!
É lírio de oiro aberto! É rosa a arder!

Aí vem a estrela! Aí vem, sobre a montanha,
Tão virginal, tão nova, que parece
Sair das mãos de Deus, a vez primeira!

E como, sobre os montes, resplandece!

Persegue-a o sol amado... No oriente,
Alastra um ninho anímico de luz.
E a antiga dor das trevas, suavemente,
Ondula, em transparência e palidez.

Aí vem a estrela, alumando a serra!
E os olhos encantados dos pastores
Voltam-se para a estrela... E cá na terra
Há mágoas e penumbras, a fugir...

Como ela voa, cintilando e rindo
Aos penhascos agrestes e desnudos!

E os pastores, atentos, vão seguindo
A direcção etérea do seu voo...

E a quimérica estrela deslumbrante
Parou sobre a capela, onde a Saudade
Agasalhava o Deus recém-nascido,
Com seu manto de amor e claridade.
E, amparando-o nos braços, lhe estendia
Os seios maternais. A criancinha
Mamava. E a Saudade lhe sorria,
Num enlevo, num êxtase sagrado.

A primavera, errante no Marão,
Veio cobrir de lírios e de rosas
O berço do Menino. E veio o outono,
E vieram ermas sombras dolorosas.
Logo, o outono rezou a sua prece
De cinzas e de bruma. E o lindo sol,
Entrando pelos vidros, aparece,

Junto ao pequeno berço. E toda a luz
Do céu veio com ele! E veio a noite.
Vieram as avezinhas, que deixaram,
No recôndito ninho, abandonados,
Os filhos ainda implumes. E cantaram
Em louvor do Menino e da Saudade.

E Marânus sentia, mais alegre,
Tornar-se vida, amor, fecundidade,
A sua antiga e mística tristeza.

E, ao ver a própria alma da sua raça
Criar a Virgem Mãe dum novo Deus,
Eis que à flor dos seus lábios esvoaça
O sorriso supremo da vitória.

E a Saudade, num casto e luminoso
Gesto de amor, tomando, novamente,
O Menino nos braços, o embalava.
E sobre ele inclinava docemente
A fronte aureolada. E uma canção,
Que era feita de todas as cantigas,
Mais num murmúrio brando de oração
Que em voz alta, cantava. E o Deus menino,
Com os olhos abertos, num espanto,
Recebia do mundo a clara imagem
E o seu nubloso e misterioso encanto...

Também o bom pastor, a quem Marânus
Havia prometido o Nascimento,
Sentia em seu espírito surgir,
Envolto num astral deslumbramento,

Estranho e novo ser, que dissipava
O seu velho crepúsculo interior,
Onde um fantasma, trágico e nocturno,
Aparição do medo e do terror,
Furibundo, reinava, desde os séculos!

O Menino crescia, como a aurora
Que, sendo esparso vulto de mulher,
Na linha do horizonte, que descora,
Lembra a auréola dum Deus anunciado...

Em volta dele, as coisas se animavam
Dum sentido mais belo e verdadeiro;
E a sua alma oculta desvendavam,
Como na luz primeira da Existência.

Mundo transfigurado! Ó terra santa!
Ó terra já divina e toda erguida
Àquela altura ideal da Eternidade,
Mais uma vez, a morte foi vencida!

Alguns dias passaram. E Marânus
Disse que ia partir à sua Esposa,
E que se entregava ao casto amor, tão puro,
Desta leal paisagem montanhosa.
E, chorando, abraçava-a, e repetia
Que tinha de partir; mas, dentro em pouco,
Por uma clara noite, voltaria.

E a trágica Saudade, sufocada:

«Eu bem conheço a voz que te chamou!
Voz que ilumina as árvores e as nuvens,
E que meu ser antigo transformou
Neste meu ser anímico e perfeito.»

E, mais serena e resignada: «Vai!
Cumpre a sua vontade. É teu destino...»

E beijando-o nos lábios, e tomando
Em seus braços de imagem o Menino,
Subiu a um alto píncaro escarpado,
De onde ela, por mais tempo, contemplasse
O esposo e companheiro bem amado.

E, sozinha, de pé, sobre um rochedo,
Disse-lhe um longo adeus.

E, já distante,

Marânus, ansioso, para trás
Volvia a face triste, a cada instante.
E parava, cismando...

Mas, ao longe,

O corpo da Saudade, vago e incerto,
Perdia-se, no ar que se turbava...

Anoitecia. A serra era um deserto.
E Marânus seguia o seu caminho.

XVIII

REVELAÇÃO FINAL

A lua nova, lívida, nasceu
De além dum ermo píncaro sombrio;
Recorta-se, no fundo azul do céu,
Como o perfil em mármore da morte.

Este bruto penedo contrafeito,
Congelado, desmaia de terror...
Claras fontes abafam no seu peito
Gritos de luz que, ao longe, são estrelas...

Frio sonho de mágoas envolvera
A montanha cismática.

Marânus,
A pequena distância, percebera
Leve rumor de passos. Era alguém.
E, pálido e surpreso, de repente,

Avistara Eleonor, que se tornou
Mais nítida e mais viva; e, claramente,
Emergia seu vulto da penumbra.

E aquele vulto, místico e nocturno,
À luz da lua nova, caminhava.
E a sombra que fazia era o luar
Que diante dele, humilde, se apagava.

E nem sequer Marânus se atrevia
A falar-lhe baixinho. A voz humana,
Comovida, emudece. E a ventania,
Sempre que se comove, é brando zéfiro.

E na sua frente séria a lua nova
Espalhava seu vago encantamento...

Que paz! Que solidão e que silêncio!
Quedo, sem respirar, dormia o vento...
Era quase sensível o gemido
Da sombra, nas arestas dos rochedos
Que exalam, à noitinha, as cousas mortas.

Que silêncio! Que paz! Que solidão!
Dir-se-ia ouvir-se a voz do mar! Quem sabe
Se aos píncaros longínquos do Marão
Chega a ansiedade múrmura do mar?

Que silêncio! Que paz! A serra enorme,
Em confusões distantes, se turbava...

E a aparição divina de Eleonor,
Mais concentrada e triste, caminhava.

E Marânus, num grande sobressalto,
Andava, sem falar. De vez em quando,
Parava... era um penedo a sonhar alto...
Eram almas, imagens evocadas
Que tomavam fantástica aparência.

E aquele sempiterno e doido amante
Sentia-se agitado, como as trevas,
Por oculto delírio madrugante...
Pois, nele, angustiado criador
E alegre e humanizada criatura,
A morte, que é o espírito do amor,
E a vida, que é seu corpo transitório,
Batalhavam sem tréguas para ver
Qual delas porventura alcançaria
A palma da vitória!

Então, Marânus,
Que, no seu coração, entristecia,
Dirigiu-se a Eleonor, e murmurou:

«Deusa que me acompanhas, e ordenaste
Que seguisse teu rasto luminoso,
E a sombra da Natura desvendaste,
Onde me levas, dize, à luz da lua,
Por ásperos caminhos da montanha?
Acaso vais cumprir tua promessa?
Aproxima-se, enfim, a hora estranha
Da suprema e final revelação?
Mas teu perfil o vejo mais turbado,

Como através de lacrimosas brumas...
E, num infindo gesto magoado,
Tu falaste às imagens que povoam
Os montes que, em minh'alma, se alevantam,
E, vaga e etereamente, se enevoam,
Em longes onde os sonhos aparecem...

«Porque és mais triste agora do que dantes?
Mais profundo o silêncio no teu rosto,
Mais solitária a tua branca frente...

«Ah, para onde me leva o teu desgosto?»

E Eleonor continuava caminhando,
Misteriosa e bela, como as almas,
Debaixo das estrelas, espreitando
A sua doce e mística figura
E aquela direcção desconhecida
Dos seus passos incertos, pela serra...
E a lua nova, diante dos seus pés,
Punha um macio alvor na dura terra;
E em luminosas sedas envolvia
Seu delicado corpo imaginário;
E beijava-lhe os lábios, e sorria
Na transparência triste duma lágrima,
Que, pelo busto em flor, lhe deslizava.

Mas Eleonor, na grande solidão
Petrificada e morta, caminhava,
Com a frente inclinada, sob o peso
Duma só réstea branca de luar.

E a Marânus volvendo os olhos negros,
Que o foram, de repente, alumiar,
Lhe disse:

«Eu bem conheço o teu desejo.
O que ele tem de bruta densidade
Compôs meu esqueleto. E o que ele tem
De mais perfeita e pura suavidade
Luz deste sangue vivo que me anima.
E o que ele em ti possui de transcendente
E divina esperança radiosa
Ilumina-me a face brandamente;
É aquela graça etérea que me veste
E nas asas angélicas fulgura...

«Por isso, eu bem conheço o teu desejo,
Que excede as próprias formas da Natura!
Conheço o teu desejo!

Continua

Seguindo atrás de mim por estes ermos.
Antes de se esconder a luz da lua,
Serás comigo — ouviste? — no meu Reino.»

Durante estas palavras, Eleonor
Tornara-se mais triste e pensativa.
E em seus olhos voltados para os astros
Uma lágrima apenas, fugitiva,
Cintilou, ao luar, que, dentro dela,
De pálido, indeciso, quase sombra,
Cristalizou numa pequena estrela:
Núcleo de fogo em seios de penumbra,
Beijo vivo fundido em luz mortal.

E a lágrima caiu sobre a montanha...

E Marânus, que a vira, por seu mal,
Surgir, brilhar, sumir-se, num instante,
Recebeu-a no ardente coração,
Ah, muito embora a lágrima tombasse,
Ali, naquela grande solidão
Do princípio do mundo...

E assim lhe diz,
Sobressaltado e aflito: «De onde vem
Essa tua tristeza? Porque choras,
Filha do meu amor e minha mãe?
Ver-te sofrer é mais do que sofrer!»

E lhe responde Eleonor: «Descansa;
Eu vivo além de todo o sofrimento.
A lágrima que viste, nos meus olhos,
Brilhar, à luz do luar, tremer, ao vento,
É dos teus olhos negros. E a tristeza
Sobre-humana que nimba a minha fronte
Nasceu da tua alma, como a lua
Da quimera brumosa do horizonte.
Mas tem ainda, é certo, uma outra origem
Que nunca saberás...

Ai dos que tocam,
Tomados de loucura e de vertigem,
A fonte donde as lágrimas dimanam!

«Será tua tristeza o meu segredo...

«Jamais, jamais, o espírito gritou
A última palavra! E, desta forma,
Um silêncio perpétuo derramou
Por toda a Natureza indefinida...

«Vai seguindo os meus passos, no silêncio
Que essa minha palavra, nunca ouvida,
Espalha, nestes montes solitários.

«Vai seguindo os meus passos...»

E a saudosa

Voz de Eleonor pairava no Infinito.
E a sombra estremecia, harmoniosa,
Como, no resplendor da madrugada,
A pétrea Esfinge ao lado das Pirâmides.

Monstruosos titãs alevantavam
Acima do horizonte o busto enorme.
E vagamente, no ar, gesticulavam
Para a lua turbada, já indecisa.
E, sobre os ermos cumes, fraga e terra,
Há denegridos sonhos, imitando
Altitudes fantásticas de serra.

E, como branca nuvem, entre nuvens,
Eleonor continuou a caminhar.
E a mágoa encantadora do seu rosto
Via-se bem, na sombra, era o luar,

Era o criador humano, dialogando
Com a sua divina criatura,
Era terra que ouvisse, enamorada,
Seu verbo, tudo em flor, na selva escura...

Era o lírio e o perfume, num idílio
De simpatia ideal, religiosa...
Mas lírio insatisfeito desta vida
Efémera, carnal e dolorosa...

.....
E já num sonho etéreo, imaginário,
Marânus se afundava e diluía...
E logo viu faltar-lhe suavemente
Aquele peso bruto que o prendia
Ao saibro duro e às fragas da montanha.
Fugiam-lhe dos olhos esses altos
E desolados cerros, que uma estranha
E quimérica luz transfigurava.
Tão melindroso e inquieto se tornou
Que sentiu pousar-lhe sobre a fronte
A claridade vaga das estrelas
E a sombra, ainda mais vaga, do horizonte.
E as cousas de evidente realidade,
Sumiam-se na luz do seu espírito
E eram velhas lembranças esquecidas...

Eleonor, mais perfeita e deslumbrante,
Era a presença clara, a forma clara...
Era um mármore vivo e caminhante,
Uma estátua só vida e formosura!

E Marânus, já quase desprendido
Da dramática argila transitória,
Como quem julga voar, enlouquecido,
Lá para além das nuvens e dos astros,
Sentia-se morrer...

Também a noite,
Extática, parada, ao ver o dia,
Sente morrer, naquelas mãos de luz,
Seu vulto de penumbra e de agonia...

Sentia-se morrer... Em volta dele,
Era um adeus imenso a Natureza...

E o rosto de Eleonor, que se vestia
De luminosa e nítida beleza,
Tão branco, insinuante e verdadeiro,
Como nuvem alada, se esfumava...

Tudo é tristeza e sombra e nevoeiro,
No limbo da distância...

E então lhe disse
Marânus, já prostrado, sobre a terra:

«Porque foges de mim, ó Divindade,
Quando me foge a vida? Tu que foste
A estrela de perpétua claridade,
Dirigindo meus passos pelo mundo,

Porque será que foges, no momento,
Em que meu ser, anímico e profundo,
Parece que se anima com a morte,
Que vai meu pobre corpo enregelando?»

Eleonor, numa voz de névoa escura,
A um sopro de silêncio tremulando
E prestes a apagar-se, respondeu:

«Ei-lo chegado, enfim, o grande instante
Da suprema e final revelação.
Não mais me encontrarás, pois, doravante,
Serás meu próprio espírito amoroso.
Por isso não me vês, e em ti me vejo.
Somos o mesmo ser... Em mim, existe
O teu passado e o teu porvir...»

Marânus,

Caído na terra, sob a noite triste,
Num íntimo lampejo derradeiro,
Abismado, pensou que não morria...

E na imagem sagrada de Eleonor
Sua presença humana se perdia...

E estes gritos saíram-lhe abafados
Da garganta convulsa: «Ó minha alma!
Sou eu, sou eu!»

E os ecos acordados
Minha alma..., de leve, repetiram...

E a Sombra da Montanha, sem demora,
Fechou-lhe a boca lívida e defunta.
E, sobre as fragas rústicas, a aurora
Em oiro amortalhara o seu cadáver,
Para o entregar depois à fome negra
Dos corvos e dos lobos carnicheiros...
E aquela Fome trágica se alegra
E converte em fraterna saciedade...

XIX

A SAUDADE E A SOMBRA DE MARÂNUS

Alguns anos passaram. A Saudade,
À ausência de MarânuS mais afeita,
Naquela montanhosa soledade,
Vivia com o filho, a quem a terra
Seu íntimo segredo ia dizendo...
A quem falava a lua, num murmúrio
De indefinidas mágoas, envolvendo
Os afastados cerros solitários...
A quem o sol falava, quando erguia
Seu abrasado busto além das nuvens
E acima do horizonte, que prendia
Num círculo de bronze o seu olhar
Desejoso e faminto de menino.

Já, cismando e sonhando, se elevava
Ao legendário monte, que é divino,
De onde tudo avistamos; e onde, outrora,
A tentação do Mal apareceu
Diante de Jesus...

E a Virgem pura,
Passeando, bem triste, à luz do céu,
Enlevada no filho estremecido,
Subia àquele píncaro, tão alto
E belo, da montanha, contemplando,
Em amargo e profundo sobressalto,
As brumas da distância, onde Marânuş,
Num ermo adeus sombrio, se escondera...
Foi numa noite perturbante e cálida;
Uma noite de linda primavera,
Quando há beijos esparsos na penumbra.

Algum tempo depois, seu filho amado
Disse-lhe adeus também.

E já no mundo
Se percute seu verbo, iluminado
Duma nova esperança e novo amor;
Seu verbo iluminado, em que ressurge
Aquele estranho espírito saudoso
Deste Povo, nascido na montanha
E perdido no mar tempestuoso...

Ficou, sozinha, então, na grande serra,
A virgem da Saudade, a glória, a graça,
O místico esplendor da nossa terra,
Sua flor evangélica e divina.

Unicamente os ermos pegureiros
A adoravam, de longe. As avezinhas,
Em seu louvor, cantavam. E os primeiros
Raios do sol toucavam-na de rosas.

Aureolava-lhe a fronte o luar dorido.
E de branduras pálidas de sombra
Tapetava-lhe o chão endurecido
A misteriosa noite caminhante.

Se a distância da cousa bem amada
O amor humano e frágil diminui,
Ela conserva, acesa e despertada,
A celeste e perfeita adoração.

E a Saudade, rezando pelo filho,
Em santa voz, baixinha, que murmura,
Olhava pelas flores da montanha,
Para entreter as horas de ternura.

E, consumida e triste, muitas vezes,
Sobe ao mais alto cume; e espera, espera,
Com os olhos em lágrimas, além,
Naqueles tons lilases de quimera...

E, sozinha, de pé, nas brutas fragas,
Onde as nuvens pousavam, pelo outono,
Ia a noite encontrá-la, meditando,
No mais sombrio e trágico abandono.

E as Duas conversavam, longamente,
Acerca de Marânus, pois a Noite,
Tendo na trança o lívido crescente,
O acompanhou por montes e quebradas.

E a Noite: «Que doirada simpatia
Sentem, por mim, as luzes pequeninas!
Desmaiadas e trémulas, de dia,
Como brilham, alegres, no meu seio!

«Sou a imagem fantástica da dor!
E tudo me confia os seus segredos.
Ouço a mágoa das chuvas e o queixume
Do vento que arrepela os arvoredos!

«Assisti às Origens. Dos meus olhos
Tombou a imensa lágrima do mar,
E voguei sobre as ondas do Dilúvio.

«Abraço os ermos Poetas a sonhar...»

E a Saudade, num gesto melancólico
E vago, respondia:

«Eu sou aquela
Noite em que a luz das almas resplandece,
E em que definha e morre a luz da estrela.

«Tu conheces a Origem, eu conheço
O Fim...

Tudo o que existe de animado
Em mim pode alcançar a vida eterna.
Vem a mim todo o espírito enlevado.»

E a Virgem Mãe falava com a Noite,
Sentada nos fragedos.

Em seguida,
Dirigia-se, humilde e solitária,
Através dos penhascos, para a ermida.

Lá ia, contemplando os ermos montes,
Com manchas de penumbra, nódoas roxas...
E ouvindo a voz sonâmbula das fontes,
Que por ela corriam sem descanso.
E nessa voz das águas, nessa rítmica
Voz que embala os penedos, a Saudade
Matava a sede, à tarde...

E noutra voz,
Dentre névoas nascida em claridade,
Cantando, povoava a solidão
De fantasmas e espíritos divinos:
Vultos, quase encarnados, da emoção,
Personagens de mística tragédia.

E a Saudade chegava à grande altura
Do claro sol, nas asas do seu canto.
E o sol anoitecia de ternura,
E punha um véu de lágrimas na face.

Depois, baixava, triste, sobre a terra,
Nas asas do silêncio...

E, novamente,
Pelos vales e píncaros da serra,
Vagueava o luar da sua imagem.

E a Saudade cantava. Para ouvi-la,
De longe vinham sombras de arvoredos.
Vinha a sombra do mar, e a Sombra negra
Que enche as almas de espantos e de medos!
Vinha a sombra divina do seu Filho,
E vinham outros deuses...

INDICE

Num sol-pôr,

Veio também a sombra de Marânus,
Chamada pelo cântico de amor
Que a Virgem, sobre os píncaros, cantava.
E tendo junto dela o Esposo amado,
Com prazer, tão íntimo, o beijava,
Dizendo: «Na verdade, me pertences!
Agora, serás meu, por todo o sempre!»

E deixou de cantar...

E em companhia

Daquele ser, anímico e perfeito,
Inefável, extática, vivia...
Vivia, de encantada, e viverá!
Pois tudo, tudo há-de passar, enfim,
O homem, o próprio mundo passará,
Mas a Saudade é irmã da Eternidade.

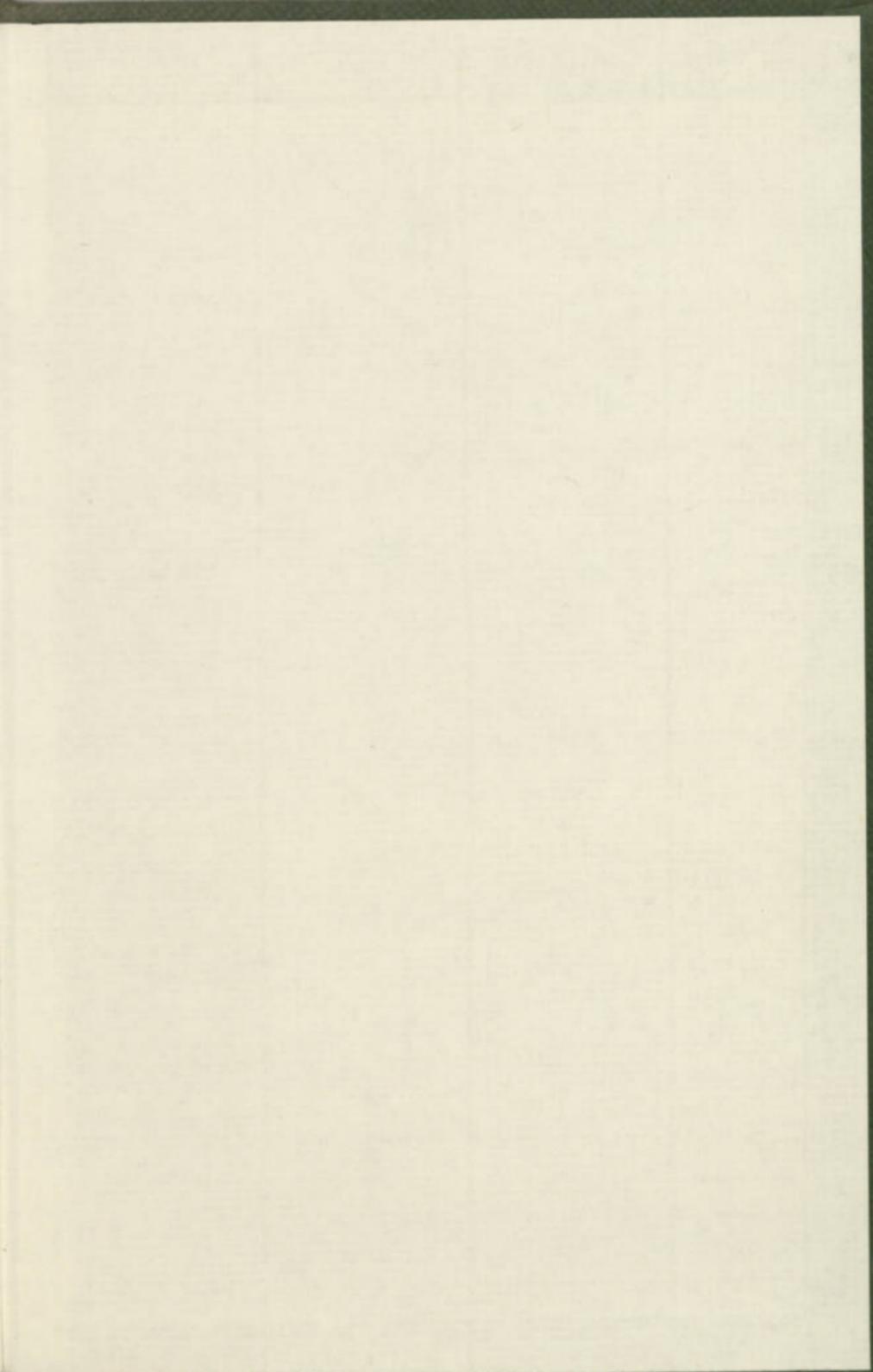
1911



2
66779

ÍNDICE

Breve nota sobre Teixeira de Pascoaes	5
As Sombras	13
Senhora da Noite	159
Marânus	185



NB



EFG0000279018

6